

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**A Igreja de Nossa Senhora da Conceição
Conceição de Tavira**

Richard Carvalhais Preston

Dissertação de Mestrado em Estudos do Património

Orientador:

Professor Doutor Pedro Eugénio Dias Ferreira de Almeida Flor

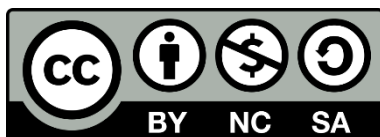
Fevereiro 2026

O trabalho «**A Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Conceição de Tavira**»

da autoria de Richard Carvalhais Preston

está licenciado com uma licença **Creative Commons BY-NC-SA 4.0**

(Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual)



Agradecimentos

À Bruna pelo amor, paciência, apoio e cumplicidade.

Ao Gaston pelo carinho e pelos passeios diários.

Aos meus pais pelo amor e apoio incondicional desde sempre.

Ao meu padrinho pela ajuda quando mais necessitava.

Ao meu orientador Prof. Dr. Pedro Flor pelo apoio e paciência durante o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Bispo Emérito D. Manuel Santos pela boa disposição e confiança em permitir-me um acesso privilegiado à Igreja e o seu Arquivo.

Ao Pe. Bruno Valente do Arquivo Histórico da Diocese do Algarve e Carla Valente da Biblioteca Nacional de Portugal pela ajuda nas pesquisas necessárias para o desenvolvimento desta dissertação.

Ao Dr. Miguel Ângelo Pereira pela disponibilidade em partilhar impressões sobre este património.



DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

STATEMENT OF INTEGRITY

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente dissertação/tese. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer outra forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Regulamento Disciplinar da Universidade Aberta, publicado no Diário da República, 2.^a série, n.º 215, de 6 de novembro de 2013.

I hereby declare having conducted my thesis with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of falsification of results in the process of the thesis elaboration.

I further declare that I have fully acknowledged Disciplinary Regulations of the Universidade Aberta (regulation published in the official journal Diário da República, 2.^a série, N.º 215, de 6 de novembro de 2013).

Universidade Aberta, 11 de Fevereiro de 2026

Nome completo/Full name: Richard Carvalhais Preston

Assinatura/Signature:

manuscrita ou digital / handwritten or digital

Resumo

Esta dissertação investigou o património imóvel e integrado da Igreja da Conceição de Tavira, com especial enfoque nas suas três grandes fases construtivas durante os séculos XVI, XVIII e XX. Com base nesta investigação, propôs-se um projecto de divulgação ao público *in loco*, em torno da igreja, e virtual, através de *Instagram*, para partilhar estes conhecimentos, através de reconstruções digitais com base na técnica de colagem (sobreposição de imagens).

Palavras-chave: Conceição de Tavira, Património Imóvel, Património Integrado, Projecto de Divulgação Cultural, Colagens

Abstract

This dissertation investigated the architectural and artistic heritage of the Church of Conceição de Tavira, focusing on its three major building phases during the 16th, 18th and 20th centuries. Afterwards, a project to disseminate the results of this investigation to the public was created that could be accessed both on site, around the church, or virtually, through the social media platform *Instagram*. The contents of this project were primarily composed of digital reconstructions of the past, through the medium of collage (the superimposition of images).

Keywords: Conceição de Tavira, Architectural Heritage, Artistic Heritage, Cultural Heritage Project, Collages

ÍNDICE GERAL

Índice de Quadros	viii
Introdução	1
Revisão de Literatura e Estado da Arte	6
Linhas Metodológicas	8
Projecto de Divulgação	11
Conceição e o seu contexto	15
Os Primórdios de Conceição de Tavira	15
O Aparecimento da «Gomeira»	17
Terras e Gentes	21
A evolução de Conceição de Tavira	26
A Igreja da Conceição de Tavira	31
As Origens de um Património	31
A Evolução da Igreja	35
A Igreja no Século XX	40
Principais Resultados	54
Divulgar Patrimónios	58
Métodos e Meios	58
Experiência e Implementação	61
Adaptação, Elaboração e Desvantagens	65
Conclusão	68
Síntese	68
Conclusão	69
Críticas e Avenidas para pesquisas futuras	71
Bibliografia	75
Anexo I: Figuras	90
Anexo II: Projecto de Divulgação	115

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Fases da Evolução da Igreja da Conceição.....	48
Quadro 2: Os Pontos de Interacção.....	56

INTRODUÇÃO¹

Já lembramos, a propósito da remota origem provavelmente venatória do paradigma indiciário, a fábula ou conto oriental dos três irmãos que, interpretando uma série de indícios, conseguem descrever o aspecto de um animal que nunca viram
(Ginzburg, 1989:168)

A Igreja da Conceição de Tavira não só se encontra isolada fisicamente dos grandes blocos habitacionais que a rodeiam, mas também temporalmente, ao ser um dos poucos patrimónios existentes na área. O carácter rural da área aquando a construção da igreja no século XVI manteve-se em grande parte até meados do século XX, quando o turismo transformou não só a economia do Algarve, mas também a sua paisagem. Neste aspecto, esta igreja espelha os fenómenos regionais, ambos sofreram alterações radicais nesse século. Mas, a história de Conceição não começa no século XVI, ela estende-se até à pré-história, como testemunham vestígios arqueológicos encontrados na área. Com o passar do tempo, outros povos ocuparam Conceição, cada um deixando a sua marca, mesmo que esta se tenha reduzido a pequenos pedaços de cerâmica. É só no século XIII, que surge a primeira referência documental sobre Conceição, nessa altura conhecida como «Gomeira». Entre essa data e a construção da igreja primitiva no século XVI, «Gomeira» surge em alguns textos, mas não de uma forma expressiva, com a excepção de um documento de 1483-1484 que permite investigar mais sobre a história deste património.

Para além do século XX, é no século XVI onde temos o maior número de fontes sobre a Igreja da Conceição, graças às *Visitações* feitas pela Ordem de Santiago, que não só detinha o padroado desta igreja, mas também era a proprietária da «Gomeira». O edifício, de nave única com capela-mor, é de uma dimensão impressionante em

¹ Nota de estilo: Esta dissertação não segue as normas do Acordo Ortográfico de 1990. Optou-se por manter as citações directas na sua língua original para eliminar a possibilidade de haver qualquer alteração no seu significado devido a uma tradução incorrecta feita pelo autor. Optou-se também por deixar certos termos técnicos na sua língua original porque ao serem traduzidos para português perder-se-iam parte dos seus significados específicos inerentes.

comparação não só com os templos no Termo de Tavira, mas também relativamente aos restantes pertences da Ordem de Santiago. A sua escala faz sentido quando se investigam os mecenas que patrocinaram a sua construção, onde aparecem nomes ligados à política e às famílias das elites locais.

Contudo, talvez devido ao terramoto de 1722, a nave desta igreja foi substituída em meados do século XVIII por uma nave tripla que ainda hoje existe no local. Com a excepção do portal Manuelino na fachada sudeste e a capela-mor, esta campanha de obras eliminou muito do património da igreja inicial. Embora existisse documentação referente à história da igreja antes e depois desta intervenção, nomeadamente, mais *Visitações*, desta vez levadas a cabo pelo Bispo do Algarve, estas encontram-se hoje desaparecidas, existindo unicamente como citações numa obra do historiador José António Pinheiro e Rosa. Sendo assim, uma falta de fontes documentais podia ser ultrapassada se ainda existisse fisicamente os patrimónios aos quais estes se referem. Contudo, isto não é o caso da Igreja da Conceição, devido ao restauro a que foi submetida em 1961-1964. Embora esta intervenção tivesse preservado muito da volumetria das anteriores construções, o seu interior foi completamente remodelado, deixando só algumas peças como testemunhos da sua larga história.

Embora não possam ser considerados equivalentes, a destruição do interior da igreja gerou um novo património, todavia inédito, na documentação produzida para concretizar esta intervenção. Mais de 200 documentos, incluindo orçamentos, desenhos, e cartas permitem compreender certos aspectos desta obra, não só em termos dos trabalhos efectuados, mas também a logística do seu financiamento. Contudo, estes documentos não escapam ao padrão já estabelecido sobre a documentação da história da Igreja da Conceição de Tavira. Falhas em áreas críticas, como contratos, contabilidade e desenhos do projecto proposto limitam as informações que estas fontes podem oferecer.

Como já foi abordado, a informação sobre a igreja é esparsa nas fontes documentais, isto é, nos casos em que a sua consulta é possível. Este facto, em conjunto com o despojamento do seu interior, torna qualquer investigação complexa. Esta dissertação pretende aceitar este desafio ao investigar o património imóvel e

integrado da Igreja da Conceição de Tavira. Contudo, serão necessárias metodologias adequadas para fazer face a estas condicionantes. Neste aspecto, os métodos indiciários e cripto-históricos da arte parecem ser as ferramentas ideais para analisar este património. Focadas tanto na utilização de pequenos detalhes para conduzir uma investigação, como adaptadas à indagação de objectos que já não existem, estas duas metodologias são os principais eixos em torno dos quais se desenvolve esta investigação, não só ao reanalisar fontes já conhecidas, mas também nas investigações às fontes ainda inéditas.

Este estudo não é só uma investigação deste património. «If the primary objective of research is to achieve impact» (Katrakazis *et al.*, 2018:1), torna-se necessário partilhar os resultados desta pesquisa. Foi neste âmbito que se resolveu propor um projecto de divulgação para partilhar os resultados das pesquisas desta igreja. Como existem numerosas maneiras de construir um projecto destes, tornam-se necessárias algumas escolhas arbitrárias para começar a defini-lo. Com base na minha experiência como arquitecto, decidiu-se modelar a evolução da igreja através de uma reconstrução digital 3D. Da mesma forma, optou-se não só pela disseminação destes conteúdos por via digital, mas igualmente oferecer uma possibilidade de experienciar estes conteúdos de forma presencial na própria igreja. A escolha de ter uma experiência presencial levantou várias questões, sobretudo relacionadas com a interacção física do visitante com o património. Esta preocupação pode também ser estendida para a relação do utilizador com os conteúdos digitais. Sendo assim, o princípio que «[i]nteractivity certainly strengthens the sense of control over the experience [...and...] [t]he viewer is encouraged to actively participate and become more involved» (TavoEuropa, 2022) pode ser aplicado transversalmente ao projecto de divulgação.

Uma vez definido este critério, após a investigação, procedeu-se ao desenvolvimento deste projecto. Como os conteúdos a serem incluídos no projecto de divulgação estão dependentes das informações provenientes da primeira fase, foi necessário alterar alguns dos pressupostos iniciais. Devido à evolução arquitectónica da igreja, onde não houve alterações marcantes para além da substituição da nave no

século XVIII, a utilização de um único modelo 3D para transmitir as conclusões do projecto de investigação pareceu inadequada. Apesar disso, optou-se por manter a utilização de modelos 3D para a reconstrução pontual de vários elementos-chave da história da Igreja da Conceição de Tavira.

Após esta recalibração, seguiu-se a definição do público-alvo deste projecto de divulgação. Devido às condicionantes inerentes não só desta dissertação, mas também pela capacidade da igreja de se tornar num destino turístico, foi necessário encontrar visitantes *acidentais*. A intervenção *in loco* teria de ser construída da forma que ela pudesse interagir com os transeuntes que passam ao lado da igreja em vez de depender de um turismo *propositado* quando um visitante se desloca expressamente para interagir com um património. A aplicação deste conceito ao mundo digital, também ajudou na escolha do público-alvo. Neste aspecto, as redes sociais, pela sua ubiquidade na nossa sociedade e devido ao grande número de utilizadores pareceram ser uma escolha apropriada. Esta decisão também resolveu vários problemas, nomeadamente a necessidade de disponibilizar os conteúdos *in loco*, a forma de organizar a sua apresentação, e a incorporação de interactividade na experiência digital.

Foi neste momento que surgiu uma oportunidade de ligar ainda mais estreitamente o projecto de investigação e o projecto de divulgação. Uma técnica comum utilizada na arquitectura para representar edifícios ainda por construir envolve sobrepor o modelo 3D numa fotografia do local onde vai ser construído, utilizando a técnica de colagem para representar duas realidades assíncronas numa só imagem. Após uma investigação sobre a utilização desta técnica na divulgação de património, foi descoberto trabalhos de três fotógrafos que sobrepõem imagens arquivais sobre fotografias actuais. Desta forma, foi possível transmitir a realidade do estado fragmentar do conhecimento não só através dos textos que acompanham as colagens, mas também através da sua própria construção. Decidiu-se também utilizar esta característica na organização da experiência *in loco*, ao distribuir vários pontos de interesse em torno da igreja, alinhados com as colagens. Sendo assim, os conteúdos do projecto de divulgação são compostos por seis colagens alojadas no *Instagram*

focado num dos elementos estudados durante o projecto de investigação. De forma digital, estes são acessíveis através da plataforma como qualquer outro conteúdo que lá é colocado. Quanto ao acesso do projecto *in loco*, posicionaram-se marcações no pavimento nos seis pontos correspondentes às seis colagens que remetem o visitante para a página apropriada.

De uma forma geral, esta investigação centra-se em torno de duas questões: Quais são as estratégias necessárias para investigar um património onde a cronologia da sua evolução apresenta graves lacunas devido à falta de documentação e quais são os efeitos de reunir a fase de investigação sobre um património e o projecto de divulgação dos resultados desta investigação num só ensaio. Da mesma forma, existem dois objectivos gerais. O primeiro centra-se na avaliação dos métodos indiciários e cripto-históricos da arte para colmatar as deficiências documentais deste património. O segundo é partilhar com o público, através da implementação de um projecto de divulgação, algumas informações sobre a história deste património.

A análise de documentos inéditos sobre o restauro da igreja durante o século XX é talvez o contributo original mais óbvio desta dissertação, contudo existe talvez outro menos explícito. Muitos dos documentos publicados sobre esta igreja abordam um número limitado de temas sobre este património. No caso dos artigos publicados por Pinheiro e Rosa sobre esta igreja, as informações centram-se na enumeração de datas-chave na evolução da igreja. O *Inventário Artístico do Algarve* é um catálogo do património imagético existente na igreja. Até agora, não parece ter havido um estudo sistemático da Igreja da Conceição de Tavira, onde vários aspectos heterogéneos da história da igreja são cruzados e, sobretudo, analisados num só ensaio. Esta observação não quer dizer que não tenha havido uma análise crítica das informações contidas nos trabalhos supracitados, ou nos outros utilizados nesta dissertação. No entanto, este estudo talvez seja o que abrange de forma mais completa a Igreja da Conceição de Tavira como objecto de estudo.

Revisão de Literatura e Estado da Arte

Qualquer investigação sobre a Igreja da Conceição tem de superar três problemas principais. Em primeiro lugar, muita da informação sobre a evolução da igreja antes do século XX já foi estudada e publicada, principalmente as *Visitações* do século XVI (Cavaco, 1987; Lameira & Santos, 1988). Este efeito estende-se também à análise do património imóvel e integrado da igreja, como nos estudos de José Eduardo Horta Correia sobre a arquitectura renascentista do Algarve (1987) e os estudos de Lameira (1990) e Macieira (2004) sobre o património integrado.

São nos dois trabalhos monográficos, um generalista acerca da freguesia da Conceição (Anica, 2008)² e um concentrado na história da igreja (Rosa, 1951)³ que surge o segundo problema principal que assombra qualquer investigação sobre este assunto. Para além de recapitular informações encontradas nas fontes primárias supracitadas, também foram publicados nestes ensaios documentos relativos às *Visitações* dos séculos XVII, XVIII e XIX, provenientes do Arquivo Paroquial da igreja, que hoje estão desaparecidos. A falta destes documentos, para além de inviabilizar uma análise independente dos seus conteúdos, limita o seu estudo às informações que os autores desses estudos incluíram nos seus trabalhos.

Seria lógico, face à ausência das fontes na igreja, tentar encontrar outras avenidas de pesquisa. Isto conduz ao terceiro problema, a ausência da igreja em outras fontes. Não existe qualquer informação sobre Conceição na *Relação da Jornada do Rei D. Sebastião* de 1573, na *Corografia do Reino do Algarve* de 1577, na *História do Reino do Algarve* de 1600 e no 7.º Tomo de *Santuario Mariano* de 1721. Embora exista menção da freguesia de Conceição no 2.º Tomo do *Diccionario Geografico* de 1751 e na 2.ª Parte de *Portugal Sacro-Profano* de 1768, não há informações sobre a igreja até à *Corografia* de 1841. A estas lacunas, pode-se também juntar a omissão da descrição da igreja nas *Memórias Paroquias* de 1758.

² Fui alertado por Dr. Miguel Ângelo Pereira, um investigador em Tavira, que estes livros podiam estar na posse da filha de Arnaldo Anica, contudo esta informação veio já no final da elaboração desta dissertação, não permitindo o tempo suficiente para seguir esta pista.

³ Originalmente serializadas em sete edições (nº 769, 770, 774, 778, 780, 781 e 785) do jornal *Povo Algarvio* em 1949 utilizando o heterónimo Álvaro Pais, foram posteriormente publicados numa separata em 1951.

Se esta investigação fosse concentrada só na vertente de divulgação, estes problemas não seriam tão graves. Contudo, como esta dissertação optou por combinar estas duas vertentes, é necessário superar estes problemas para não se tornar numa mera recapitulação. Felizmente, existem dois conjuntos de documentos que ainda não foram investigados que podem ajudar a colmatar estas deficiências.

Foi através da monografia de Anica sobre Conceição que surgiu uma pista que levou ao jornal taviense *Povo Algarvio*. Com base nas cópias digitais alojadas na Hemeroteca Digital do Algarve, os artigos deste jornal sobre Conceição permitiram solidificar alguns aspectos da evolução da Igreja da Conceição de Tavira durante o período antes e depois do restauro da igreja em meados do século XX. Para além dos artigos publicados neste semanário, com informações contemporâneas sobre o estado da igreja, destacam-se duas fotografias, que servem como os únicos registos visuais encontrados da igreja desta época. Embora estejam disponíveis na Hemeroteca edições desta publicação desde 1929 até 1974, as pesquisas encetadas focaram-se nos 832 números publicados entre 1949 e 1964.

Outra grande fonte utilizada neste estudo é um conjunto de documentos inéditos sobre a reconstrução da Igreja da Conceição de Tavira durante o século XX, descobertos no Arquivo Paroquial. Para além dos livros de Actas e de Caixa da Comissão Fabriqueira, este acervo é composto por duas pastas, cada uma com mais de cem folhas individuais de várias dimensões. A primeira intitulada «*Documentos referentes ao Restauro da Igreja Paroquial da Conceição de Tavira 1961*» faz jus ao seu nome. Estes documentos, organizados de forma inicialmente cronológica, podem ser agrupados em dois temas, um relacionado com os trabalhos a serem encetados durante o restauro e outro relacionado com o financiamento da intervenção. Neste primeiro grupo, a maioria são documentos recebidos pela Comissão Fabriqueira, destacando-se vários orçamentos para trabalhos adicionais para além da reparação da cobertura inicialmente proposta. Os outros, referentes ao financiamento desta intervenção, são maioritariamente compostos por documentos produzidos pela Comissão Fabriqueira ou pelo pároco Joaquim Araújo, onde se destaca a correspondência com o Ministro das Obras Públicas. Contudo, esta delineação não é

muito rígida, servindo só como um exemplo de como organizar e descrever estes documentos, exemplificado pelo caso de uma carta do Pároco ao Bispo do Algarve (Araújo, 1962) que revela não só a escala da intervenção proposta, mas também o montante proposto para concretizar a obra.

A outra pasta, «Feunas»,⁴ é quase totalmente dedicada aos documentos relacionados com o apetrechamento da igreja, composto principalmente por facturas e correspondência proveniente do fornecedor destes artigos, Casa Nun'Alvares, sediada no Porto. Nesta pasta também se encontram as respostas da Comissão Fabriqueira ou do Pároco às missivas recebidas. O assunto predominante destes documentos, datáveis entre 1961 e 1968, centra-se inicialmente na aquisição de objectos litúrgicos, enquanto que os documentos mais recentes se focam nas dificuldades da Comissão Fabriqueira em saldar a dívida incorrida na compra desses artigos.

A preponderância de novos documentos acerca da igreja durante o século XX, em conjunto com a inexistência de estudos sobre este monumento nessa época, para além das breves menções na monografia de Anica (2008), concentram as investigações neste período. Mesmo assim, existem grandes questões que estes documentos não conseguem responder. Por exemplo, a existência de orçamentos sem qualquer indicação concreta sobre os trabalhos verdadeiramente efectuados, não permite utilizá-los para definitivamente afirmar qual foi a verdadeira escala desta intervenção.

Linhas Metodológicas

A natureza fragmentar das fontes acerca da Igreja da Conceição de Tavira obriga à utilização de outros métodos para além dos funcionalistas, iconográficos e iconológicos comumente utilizados num trabalho deste género. Sendo assim, parece natural utilizar o Método Indiciário, onde é possível, «a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente»

⁴ Utilizou-se a marca da pasta escrita na sua capa por falta de outro título descritivo.

(Ginzburg, 1989:152).⁵ De certa forma, o Método Cripto-Histórico da Arte é a especialização do Método Indiciário para pesquisas acerca de património artístico, onde a hierarquização das «fontes utilizadas [...] – descrições exaradas em fontes fidedignas [...] servem de principal fio condutor da pesquisa, à mingua da integridade das obras de arte – o *documento vivo* – que àquelas, com toda a vantagem, se substitua» (Serrão, 2001:15) torna-se necessário para manter o rigor científico do trabalho. A utilização destes dois métodos permite investigar «pormenores normalmente considerados [...] “baixos”» (Ginzburg, 1989:150) desde que sejam estabelecidos critérios que determinam a fiabilidade relativa da fonte citada. Para continuar a abordar este tema, torna-se necessário um exemplo, neste caso, uma breve investigação sobre a implantação da igreja.

A localização da Casa do Prior defronte do portal principal da igreja nas *Visitações* do século XVI alinha com a representação deste conjunto urbano nos mapas setecentistas de José Sande de Vasconcellos (1780, 1793-1795). Não existe uma alteração desta relação entre estes mapas e a sua situação actual. Logo, a igreja esteve sempre implantada no mesmo local, independentemente das intervenções que possa ter sofrido durante este período. Contudo, em relação às normas eclesásticas (Hassett, 1911), que são seguidas num exemplo coevo como na igreja de Cacela Velha (Fernandes, 2001), a Igreja da Conceição apresenta uma orientação invulgar. Uma investigação centrada em igrejas que apresentam implantações semelhantes sugere a possibilidade de que tivesse existido uma mesquita no local onde foi erguida a igreja no século XVI (cf. Fernandes, 2000), embora, não exista qualquer prova de uma construção neste local anterior a desta data.

Ao utilizar fontes cronologicamente heterogéneas, é possível balizar a evolução do objecto de estudo mesmo sem saber dados concretos sobre o seu estado num ponto específico. Também é possível misturar fontes de tipos diferentes, como texto e imagens, desde que as informações contidas em cada uma sejam suficientemente explícitas nas suas referências ao objecto de estudo. Igualmente, é possível comparar

⁵ Um exemplo simples do seu impacto surge no exemplo já mencionado supra, onde a pista que levou ao Povo Algarvio surge de breve referência numa obra de Anica.

o objecto de estudo com outros exemplos que partilham certas características. Neste caso, os critérios são centrados em semelhanças cronológicas, geográficas, tipológicas e fundiárias. Contudo, nenhuma destas observações se refere às características das próprias fontes, só às interações entre si. São necessários vários critérios para determinar o «peso» de cada fonte na construção da hipótese e a sua plausibilidade perante a história comprovada da Igreja da Conceição de Tavira.

Existem conceitos gerais que hierarquizam fontes, como as provas físicas serem comumente consideradas como mais fidedignas que as fontes documentais. Contudo, existem considerações específicas relativas aos diferentes tipos de fontes. No caso de cartografia ou na utilização de valores como dimensões, é importante ter em conta o grau de precisão disponível aos seus autores (cf. Cunha, 2012:254-255), onde, por norma, quanto mais antiga a fonte for, mais imprecisa é. Aliado a este conceito, é preciso ter em conta as qualificações do autor. Se utilizamos o dimensionamento da igreja como exemplo, com todos os outros factores imutados, é mais provável que um engenheiro militar como Vasconcellos fosse mais rigoroso nas suas medições que um visitador santiaguista. Esta observação pode ser aplicada a qualquer fonte, mas tem um impacto desmesurado em relação às fontes secundárias. É necessário ter em conta as capacidades do autor para correctamente avaliar a fiabilidade das suas interpretações.

Voltando à cartografia, é preciso ter em conta não só o rigor das medições, mas também a precisão na transcrição desta informação para os documentos. Desenhos manuais, em média, são menos rigorosos que fotografias do mesmo objecto. A mesma observação pode ser transposta para textos escritos. Documentos impressos ou dactilografados apresentam vantagens sobre documentos manuais, onde diferenças ortográficas, e até a própria legibilidade do texto, podem complicar a sua leitura, introduzindo erros de interpretação. Esta lógica pode também ser extrapolada para a relação entre fontes primárias e secundária, onde podem existir erros de transcrição ou interpretação dos primeiros para os últimos. Embora seja mais importante nas fontes secundárias, a presença de citações adequadas permite confirmar as informações contidas nos documentos consultados. Isto sem falar também do factor

subjacente a toda esta discussão, a fiabilidade inerente das fontes, onde é sempre necessário analisá-las devido a existência potencial de erros factuais (datas, nomes, etc.), mas também pelo viés, por vezes inconsciente, dos autores.

Na prática, estes critérios podem ser calculados globalmente para cada fonte, ou podem ser atribuídas a cada citação retirada das mesmas. Talvez até seja possível atribuir um valor numérico a cada fonte para organizar estes critérios de forma mais objectiva. Sem esquecer as linhas traçadas *supra*, a utilização destes critérios no discernimento da fidelidade de uma fonte revelou-se mais importante para as fontes secundárias. Sempre que fosse possível, consultou-se as fontes primárias citadas nas fontes secundárias. De igual forma, se existissem duas transcrições da mesma fonte primária, foi feito o esforço para comparar as duas versões.

É necessário mencionar especificamente o documento que apresentou maiores dificuldades em ser hierarquizado, a monografia de Rosa (1949). Devido ao desaparecimento das fontes nela citadas, não é possível confirmar muita da informação nela contida. À excepção do *Livro pera me governar* do Bispo Francisco Barreto, no Arquivo Histórico da Diocese do Algarve, escrito entre 1705 e 1713, o trabalho de Rosa é a única ligação com as fontes documentais relativas à história e património da igreja entre o século XVII e o século XIX. Contudo, as concordâncias entre estes dois documentos quanto ao número e invocação dos altares da igreja neste período, em conjunto com as provas físicas dos mesmos identificadas no trabalho de Francisco Lameira (1990), levou à determinação de que, pelo menos partes deste documento pudessem ser consideradas «fontes fidedignas». A presença de vestígios físicos ainda existentes na igreja, como o pedestal do púlpito, corroborava a sua descrição do estado da igreja em 1949. No total, determinou-se que existiam concordâncias suficientes entre a informação contida neste ensaio com outras fontes para que fosse aceitável considerar todo este documento como «fonte fidedigna».

Projecto de Divulgação

Embora «dissemination practices for student researchers [typically] consist of producing a written dissertation» (Wilkinson *et al.*, 2001:379), este ensaio pretende

também implementar um projecto de divulgação com base nas pesquisas encetadas. Originalmente, esta proposta centrou-se na construção de «um modelo 3D interactivo da evolução arquitectónica da igreja acessível, não só para visitantes *in loco* através de *smartphones*, mas para todos através da internet [...que...] [p]ara além de visualizar a evolução da volumetria do edifício [...o...] modelo também permita destacar elementos arquitectónicos de especial interesse, como o portal da igreja com informações mais específicas e detalhadas sobre estes elementos» (Preston, 2025:11).

A ideia de utilizar modelos 3D vai ao encontro da minha experiência profissional como arquitecto, onde já estou familiarizado com programas de modelação e renderização destes objectos. Contudo, utilizar apenas reconstruções arquitectónicas digitais como único meio de divulgação apresenta problemas. Embora existam várias informações úteis acerca das características arquitectónicas da igreja quinhentista, já foi publicada uma reconstrução digital deste edifício numa dissertação de mestrado (Neves, 2009:155-156). Também há uma falta de elementos importantes de diferenciação na volumetria exterior entre o edifício que substituiu a igreja primitiva, erguida em meados do século XVIII e o seu estado actual, mesmo após o restauro no século XX. Embora este não seja o caso no interior, onde houve uma grande alteração no património integrado entre o edifício setecentista e o seu estado actual, a falta de informação, sobretudo referências visuais, acerca destes elementos dificulta a sua reconstrução integral.

Além disso, quando a investigação sobre um património se baseia em métodos que maximizam a importância do detalhe, em conjunto com o estado já fragmentado das fontes, torna-se difícil depois tecer estas linhas soltas num único manto narrativo que envolve a história completa da igreja. Sendo assim, a lógica que subjaz o projecto de divulgação devia reflectir esta realidade. Em vez de tentar replicar o uso da *histoire événementielle* comum aos projectos de divulgação patrimonial, talvez fosse útil incorporar técnicas da micro-história concentradas num «focal point, [...where...] the subject of the historical investigation can be studied with an intensity unparalleled in studies [...] stretching over decades, centuries or whatever *longue durée*» (Szijártó,

202:209). É neste aspecto que se devia concentrar a utilização de reconstruções virtuais na representação de pormenores ou detalhes específicos deste património.

Porém, esta diminuição de escala não resolve o problema originado pela escassez de fontes, sobretudo devido à expectativa destas reconstruções se manterem rigorosamente fiéis às características originais do objecto reconstruído, especialmente em contextos científicos. Neste caso, uma reconstrução de um património acerca do qual existem dados limitados tem de ser baseado num estudo aprofundado sobre os estilos utilizados aquando a sua criação. Contudo, esta técnica só se aproxima de forma assintótica à realidade do objecto perdido. A reconstrução arrisca projectar uma objectividade indevida ao elemento reconstruído, potenciando a introdução de informação falsa na história do património.

Contudo, existe outra metodologia de reconstrução patrimonial, embora seja muito controversa. Desde as intervenções de Viollet-le-Duc (Kalčić, 2014) até aos dias de hoje, em projectos como a reconstrução do *Stadtschloss* de Berlim (Ekici, 2007), existem reconstruções históricas que abdicam desta fidelidade objectiva em prol de outras considerações. Estas considerações podem ser de natureza prática, adaptando edifícios antigos às necessidades modernas, como podem ser para aumentar a experiência subjectiva do original, mesmo que as alterações sejam anistóricas. Relativamente a este último, o trabalho de Peter Dalsgaard, exemplificado pelo seu ensaio *Designing for Inquisitive Use* (2008) realça a importância da experiência nos projectos de divulgação do património na transmissão dos seus conteúdos. A relevância dos seus estudos também se deve à sua dupla preocupação, tanto em torno da teoria subjacente à construção de experiências interactivas, como na sua implementação na prática através de instalações que podem ser visitadas pelo público.

Esta permissibilidade criativa na elaboração de reconstruções, onde podem ser privilegiadas questões mais experienciais, parece ser a abordagem metodológica apropriada na criação de reconstruções para este projecto de divulgação para a Igreja da Conceição de Tavira. Existem exemplos contemporâneos desta abordagem, como o projecto de Edoardo Tresoldi no Parque Arqueológico de Siponto, em Itália, onde ele parcialmente reconstrói, em rede metálica, o volume de uma basílica paleocristã sobre

as suas fundações existentes (2016).⁶ Embora este exemplo siga alguns princípios normativos de reconstruções históricas ao respeitar a volumetria do edifício original, o estudo desenvolvido por Maria Abranches e Elena Horton (2024) representa uma abordagem mais radical. Em conjunto com alguns habitantes de Great Yarmouth no Reino Unido, foram produzidas colagens representativas do património desta localidade que depois foram exibidas numa exposição aberta ao público. Enquanto a utilização desta técnica artística onde «objects are deconstructed and removed from their original meaning, resulting in an interplay of multiple meanings that destabilises the initial order [...] could be seen as opposing the required ordering associated with heritage» (Abranches & Horton, 2024:82), o resultado torna-se numa reconstrução experiencial dos patrimónios locais.

Outro aspecto fundamental das obras citadas nesta secção centra-se em torno da interactividade entre o projecto de divulgação e o público. Enquanto na intervenção de Tresoldi, o visitante interage com a escultura de uma forma passiva e visual, o projecto de Dalsgaard privilegia uma interactividade mais activa entre a instalação e o visitante. No projecto de Abranches e Horton, a participação do público no desenvolvimento dos conteúdos do projecto de divulgação representa um alto nível de interactividade.

⁶ «Scandita da nette e complesse scomposizioni visive e volumetriche e accarezzata dagli agenti atmosferici, l'installazione si delinea come un ponte nella memoria del luogo e permette al pubblico di relazionarsi con il tempo e con la storia. La potenza visiva si basa sull'imprescindibile necessità di far coincidere arte, paesaggio, storia e ambiente circostante conformandosi quindi come uno sviluppo artistico della concezione classica di restauro, un'innovativa rilettura dell'archeologia realizzata con il supporto dell'arte contemporanea» (Tresoldi, 2016)

CONCEIÇÃO E O SEU CONTEXTO

N. Snr.^a da Conceição, freguezia espalhada por montes e fazendas com a igreja no largo de huma estrada chamada a Canada, que vai para o mar: pertencia á Ordem de S. Tiago. A igreja he antiga, de 3 naves; tem junto poucas casas afora as do
parocho.

(Lopes, 1841:378)

Os Primórdios de Conceição de Tavira

Conceição de Tavira, que deve o seu nome actual à igreja objecto deste estudo, é localizada, quase equidistante, entre o Centro Histórico de Tavira e Cacela Velha, a sensivelmente 3km de cada um em linha recta, e a 1,4 km da costa no Sotavento Algarvio. Foi sede de freguesia, provavelmente desde a construção da sua igreja no século XVI (Anica, 2008:13), englobando uma faixa de território desde a costa até à serra com aproximadamente 4km este-oeste e 15km norte-sul. A sua zona costeira foi desanexada em 1997, criando a freguesia de Cabanas de Tavira (*Diário da República*, 1997:3730-3731). Com as reformas administrativas em 2013, estas duas freguesias foram reunidas como uma união de freguesias através da Lei n.º 11-A/2013 de 28 de Janeiro (*Diário da República*, 2013:522-(118)), só para serem de novo separados, pela Lei 25-A/2025, de 13 de Março (*Diário da República*, 2025:11). Desde a conquista da cidade de Tavira em meados do século XIII,⁷ Conceição sempre esteve ligada ao Concelho de Tavira, condição ininterrupta até o presente.⁸ A sua topografia, clima e recursos naturais são típicos das demais localidades do Sotavento Algarvio, como a sua divisão em três grandes zonas orográficas, o litoral, o barrocal e a serra (Cavaco, 1976 *apud* Brito, 2009:33), a fertilidade das suas terras (Lopes, 1841:378) a

⁷ Data tradicional da conquista é 11 de Julho de 1242, contudo existe divergência sobre esta data, cf., Henriques, 2021 e Fernández, 2003:171-182

⁸ A demarcação dos limites dos terrenos entre os aglomerados de Tavira e Cacela em 1240, onde 2/3 pertence ao primeiro e 1/3 para o segundo, implantam a futura Conceição de Tavira definitivamente dentro da órbita taviense (*Sanc. Sec.*, doc. 74 *apud* Henriques, 2021:130).

importância da pesca, e no passado, da baleação (Vasconcelos, 1993[1937]:181-182).⁹

A primeira ocupação da zona envolvente da igreja da Conceição de Tavira começa nos primórdios da história. O célebre tavirense Estácio da Veiga publica em 1887, no seu segundo volume de *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, que foram encontrados na sua propriedade de Arrancada, localizada entre a actual igreja e a Ribeira de Almargem, «[a]lém de cinco fornos de cal romanos, e muitos fragmentos de louças grosseiras romanas e arabes, têm apparecido alguns vestigios prehistoricos» (394; *Portal do Arqueólogo*, CNS 7637), incluindo «um alinhamento de monolithos que parece ter sido disposto intencionalmente» (395). Ele também refere no seu quarto volume desta obra de 1891 de um torque de ouro encontrado na Serra da Conceição em 1881, datado este objecto da idade d bronze (191-194; *Portal do Arqueólogo* CNS 7638). Para além dos fornos de cal supramencionados, que foram confirmados numa campanha de prospecção em 1994 com outros «[v]estigios de cerâmica de construção e doméstica» (*Portal do Arqueólogo*, CNS 1134), existem mais traços da ocupação romana no local (e.g. *Portal do Arqueólogo*, CNS 29593)

A via romana que ligava *Balsa* e *Baesuris* deve ter passado por Conceição (Rodrigues, 2004:43).¹⁰ A cerca de 700m a poente da actual igreja, também localizada entre a mesma e a Ribeira de Almargem, num local apropriadamente chamada de Calçadinha, foram encontrados vestígios de um possível *mansio* ou *statio* da época tardo-romano (*Portal do Arqueólogo*, CNS 29588). Também, perto da antiga quinta da Arrancada, num local denominado Horta da Canada, encontrou-se uma «[n]ecrópole [romana] de inumação com 17 sepulturas escavadas na rocha de morfologia rectangular e trapezoidal (sic)» (*Portal do Arqueólogo*, CNS 1133). A nascente da

⁹ Como existem inúmeras fontes sobre a orografia, o clima, e a agricultura do Algarve, e especificamente, da região de Tavira, ao longo da sua história, não parece ser útil recapitular, para além do estritamente necessário, estas informações, remetendo o leitor para trabalhos mais focados nestas matérias.

¹⁰ *Balsa* é situada nas quintas de Torre de Aires, das Antas e do Arroio, freguesia de Luz de Tavira (Silva, 2007:21) e *Baesuris* é Castro Marim (*id. Ibid.*:80)

actual igreja, também foi encontrado uma inscrição funerária romana num local denominado Quinta das Freitas em 2011 (*Portal do Arqueólogo*, CNS 5132).¹¹

Para além das cerâmicas encontradas por Estácio da Veiga supramencionadas, não parece existir informação documental ou demais vestígios arqueológicos da ocupação islâmica de Conceição de Tavira.¹² Contudo, devido à sua localização, entre Tavira e Cacela, largamente mencionadas nas várias crónicas islâmicas,¹³ não pode haver dúvida que existia uma ocupação deste território durante este período. Talvez o contributo mais visível desta presença seja um tipo de património imaterial que chegou até aos dias de hoje, a toponímia.

O Aparecimento da «Gomeira»

A primeira referência documental explícita a Conceição de Tavira surge numa «composição celebrada entre D. Afonso e a Ordem de Santiago» (Anica, 2008:193) de 30 de Dezembro 1271 que refere à «domnum Gomecium» (Fonseca, 2006:198), inserto numa carta de doação do Rei Afonso III de 4 de Janeiro 1272, onde este monarca transmite, à Ordem de Santiago, «Gomeira cum tota hereditate que fuit Pelagii Suerii cum iuribus et pertinentiis suis.» (*id.*, *Ibid.*:200).¹⁴ O toponímio «Gomeira» aparece em documentos posteriores,¹⁵ contudo, este actualmente já não

¹¹ A aparente destruição da necrópole e a falta de vestígios pré-históricos em 1994 (*Portal do Arqueólogo*, CNS 1133; *Portal do Arqueólogo*, CNS 7637), e a ocupação pela malha urbana no local da inscrição funerária (*Portal do Arqueólogo*, CNS 5132), servem como pequenos exemplos, o maior sendo a própria cidade de Balsa (*vide* Silva, 2007), da precariedade do património arqueológico no litoral algarvio, onde as pressões agrícolas e construtivas são as suas maiores ameaças.

¹² «En la historia como en la arqueología, muy poco es lo que sabemos sobre Gharb al-Andalus durante la época islámica» (Tahiri, 2003:147)

¹³ Fontes relativas a Tavira e Cacela islâmica são explorados nos dois volumes de *Portugal na Espanha Árabe* (Coelho, 1989). Sobre Tavira, existe um catálogo publicado *Tavira Islâmica* (Maia & Maia, 2012), entre outros.

¹⁴ Não foi possível descobrir mais informação sobre o proprietário Pelagius Suerius, não sabendo a sua relação com a conturbada história de Tavira, em meados do século XIII, num tempo de instabilidade e luta para o poder entre Cristãos, Mouros, Castela, Portugal, a Ordem de Santiago, Tavira e Cacela (Henriques, 2021:135).

¹⁵ Para além da sua utilização no nome da própria igreja, conforma as Visitações do século XVI, «Gomeira» aparece em outros documentos, como numa doação de 1323 (citada em Iria & Marques, 1988:253 nota (1)) onde se fala do «vão da Gomeira com o seu sapal no termo de Tavira» (*Chancelaria de D. Dinis*, Lº IV, fl. 93 v.º), e nos títulos de aforamento da «Barroca da Gomeira» de data incerta (*Livro de Registo ou Reforma dos Tomos da Câmara*, 1º Livro, fl. 177). Esta «Barroca» esta marcada numa *Carta Militar* de 1951 entre Conceição e Cabanas (Anica, 2011:29).

se refere ao actual aglomerado em torno da igreja, mas a uma quinta localizada a nascente (Anica, 2008:21).¹⁶

Duas notas de rodapé no Volume II, Tomo I dos *Descobrimentos Portugueses* resumem sucintamente algumas possibilidades para a origem deste topónimo. Segundo umas das teorias, é de origens germânicas, como um «*apelativo do antropónimo goma*» (Piel, 1936:153 *apud* Iria & Marques, 1988:253, nota (1)). Outra hipótese liga esta toponímia a ilha de La Gomera nas Ilhas Canárias, sobretudo, através da doação desta ilha ao almirante Lançarote da Franca nos finais do século XIV (Iria & Marques, 1988:170, nota (4)). A ligação desta família a Tavira prende-se, sobretudo, à presença do seu escudo no fecho da abóboda na «capela colateral do Evangelho» (Fernandes, 2000:51) da Igreja de Santa Maria de Tavira datada «[os] finais do século XIV ou início do século XV» (*id.*, *Ibid.*:52). Contudo, há razões para crer que estas doações feitas à Lançarote de Franca, e até a sua própria existência, publicadas pela primeira vez em 1925 pelo historiador português Fortunato de Almeida no seu *História de Portugal*, são falsas (Quartapelle 2019:418-419).

Por fim, outra teoria liga este topónimo ao norte de Marrocos relacionado com «uma montanha da actual região dos Gomara» (Ricard, 1936:101 *apud* Iria & Marques, 1988:253 nota (1)). Os *Gomara*, ou *Ghomâra*, são um «[e]nsemble de neuf tribus du Rif occidental» (Camps & Vignet-Zunz, 1998:3110) de origem bérbere da região em volta de Chefchaouen, na costa e *Rif* oriental de Marrocos (Camps & Vignet-Zunz, 1998:3111).¹⁷ Contudo, a utilização do etnónimo Ghomâra ou Ghumâra, não se restringe a estes povos, mas também torna-se um substituto para outros povos do Rif ocidental, os *Djebala* (Vignet-Zunz, 1995:2398). A partir do século XV, os Portugueses e Espanhóis utilizam a forma «Gomera» exclusivamente, especialmente em referência às suas praças na costa marroquina, algo que se reflecte no exemplo de Peñon de

¹⁶ Uma breve descrição do «Morgado da Gomeira» aparece na *Monografia da Freguesia de Cabanas* (Anica, 2011:169-171). Segundo alguns documentos dos finais do século XIX e início do século XX existentes no Arquivo Paroquial da Igreja, principalmente os Róis de Confessados, a zona entorna da igreja era referida, apropriadamente, como o sítio da Igreja.

¹⁷ A ligação de «Gomeira» com estas tribos bérberes também surge no *Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa* (Alves, 2013:547).

Velez de la Gomera, actualmente ainda em posse da coroa espanhola (Vignet-Zunz, 1995:2398-2399; Camps & Vignet-Zunz, 1998:3110).¹⁸

Uma ligação de «Gomeira» com o período islâmico faz sentido, porque é durante a ocupação islâmica que Tavira emerge na história documental, com a sua primeira referência histórica nos escritos de al-Idrici em 1154 (Khalwi, 2003:132).¹⁹ Esta referência, deve-se, provavelmente, à cidade ter conseguido manter a sua independência, de uma forma bastante assinalada, durante o período das segundas *Taifas* (1144-1167), após a queda da dinastia bérbere dos Almorávidas e a conquista da península por outra dinastia bérbere, os Almóadas (Khalwi, 2003:139-140; Cavaco & Covaneiro, 2012:29). Enquanto a marcha lenta da Reconquista cristã em direcção ao sul, com os subsequentes deslocamentos populacionais, pode ser vista como negativo para a continuada sobrevivência da presença islâmica na península, estes movimentos, muitas vezes de forma voluntária, impulsionam o crescimento das cidades islâmicas do sul de Portugal (Khalwi, 2003:140; Maia, 2012:23). É precisamente durante o período almóada que é ampliada, pela terceira vez, a muralha de Tavira, juntando-se as muralhas almorávidas e do período das segundas *taifas* (Maia, 2003:157). Este período de ocupação islâmica de Tavira e o seu termo fornece também múltiplos exemplos dos seus traços na toponímia local como Asseca,²⁰ e ao lado de Conceição, Almargem.²¹

Embora que os povos bérberes estivessem presentes na península ibérica desde o início das invasões islâmicas no século VIII (Picard, 1998:25), a sua presença foi mais sentida a norte do Tejo (Sidas, 1998:258). Das duas dinastias bérberes, os

¹⁸ No passado, pensava-se que havia uma ligação entre os Ghomâra e La Gomera. Hoje, acredita-se que o nome desta ilha deriva do «[lentisco] (*Pistacia lentiscus*) qui donne une gomme appréciée [...qui...] entre dans la fabrication du mastic et d'une pâte à mâcher très estimée des femmes de la Gomera» (Camps & Vignet-Zunz, 1998:3110). Outra possibilidade de origem arvenses pode estar relacionado com as resinas de pinheiros (*Histórias da Gomeira*, 2017, 29 de Março) ou de frutos (Anica, 2008:193).

¹⁹ Existe vestígios arqueológico de uma ocupação fenícia de Tavira, (e de uma forma tangencialmente ligada a Conceição de Tavira), por debaixo do arruinado Solar dos Corte-Reais (*Portal do Arqueólogo*, CNS 14212), contudo sem traços de ocupação romana ou visigoda (Khalwi, 2003:132).

²⁰ «De facto, *as-sica* significa “caminho” ou a “via” e é um topónimo vulgar em toda a Espanha muçulmana» (Rubeira Mata, 1986 *apud* Khalwi, 2003:132)

²¹ Do *al-marj*, ««o prado», «o terreno pantanoso» -- prado natural; pastagem; campo inculto; erva de pasto» (Alves, 2013:178)

«...Almorávidas [...] não puderam marcar profundamente o Garb, dada a sua passagem tardia pela região.» (Picard, 1998:31). Será que os Almóadas, que entraram em declínio terminal na península, face à instabilidade dinástica e pressão cristã após 1213 (Khalwi, 2003:140-141), também não o conseguiram fazer? Estas questões tornam-se relevantes no contexto de uma possível origem bérbere na toponímia «Gomeira».²²

Sem ter conhecimentos suficientes sobre a evolução e integração de vocabulário árabe na língua portuguesa, a seguinte ideia serve talvez mais como uma mera curiosidade, ou, o mais provável, uma simples coincidência. A *Chronica da Conquista do Algarve* relata um episódio onde as tropas do Mestre estão a voltar do combate no Furadoiro, perto de (Santa Catarina) Fonte do Bispo, quando eles são atacados pelos Mouros de Tavira ao percorrer o «caminho direito por onde chamam o Almargem» (Coelho, 1989:325) em direcção de volta a Cacela. Sem o contingente completo das suas forças, uma parte das quais deixou em Castro Marim, os soldados da Ordem de Santiago são apanhados de surpresa pelo inimigo, que estava a espera para «ali [colhiam] alguns que passassem pela ribeira» (*id.*, *Ibid.*:325). Os cristãos viram-se obrigados a «recolher ao monte alto que está cerca de Tavira que ora chamam o Cabeço do Mestre» (*id.*, *Ibid.*:326). Segue-se um combate renhido que só a noite consegue travar, deixando que o Mestre e os seus homens pudessem voltar à Cacela (*id.*, *Ibid.*:326).

Embora haja quem identifique o local deste combate num sítio perto de Loulé (*Archivo Histórico de Portugal*, 1890:131), a utilização de Tavira, em vez de Loulé, como marco de referência, aliado com uma descrição nas *Notas Históricas de Tavira*, que descreve «[a]s chamadas «Terras do Almargem» [...] a zona alagadiça pelas cheias da Ribeira do mesmo nome, zona que se estendia desde o passo, ou vau, entre o Cerro do Mestre e o Cerro do Almargem até à foz da mesma Ribeira» (Vasconcelos,

²² Embora o irmão do califa almóada esteja identificado como o governador de Tavira no artigo de Cavaco e Covaneiro (2012:29), o artigo por elas citada, de Abdallah Khawli (2003), identifica Iahîa Ibn Sinân como governador na tabela cronológica (144). Esta observação surge porque, se, o irmão do califa tivesse sido o governador, a ligação entre «Gomeira» e os Ghomâras ficava fortalecida, visto que ele era também governador «das montanhas de Gomara» (Ibn Çâhib al-Çalâ, 1987:309-310; tradução espanhola de Huici Miranda, A. 1969:151-152 *apud* Khawli, 2003:135)

1999[1937]:96 nota [2]), indica que este combate ocorreu no termo oriental de Tavira.²³ Neste contexto, será possível que a origem de Gomeira possa ter a ver com a palavra *al-kummiyya*, aportuguesado como «Agomia» ou «Gomia», que significa ««[o punhal] para usar na manga» [dado poder ser escondida na manga] --- adaga» (Alves, 2013:96) em lembrança desta cilada às tropas Santiaguistas?

Terras e Gentes

Até agora, as fontes documentais relativas à Gomeira, e o futuro lugar da igreja da Conceição de Tavira, são vagas ou inexistentes quanto aos seus limites e às gentes que nele habitavam. Contudo, graças a um documento, transcrito na Visitação de 1518, é possível reconstruir um pouco da Gomeira nos finais do século XV. Este documento relata uma verificação e confirmação dos limites dos terrenos, presumidamente, parte dos mesmos que foram doados em 1272 à Ordem de Santiago (Fonseca, 2006:200), numa espécie de *beating the bounds*,²⁴ que ocorreu nos dias 20 de Dezembro de 1483 e 20 de Janeiro de 1484 (Cavaco, 1987:94-98). Um grupo composto por várias personalidades e oficiais da Ordem de Santiago e de Tavira (*id.*, *Ibid.*:96), «foram ter aa Fomte da Gomeira e dahy começaram de vyr pella canada do Comçelho que he amtre as ditas terras da Ordem e herdade que foy de Joham Garçia de Comtreiras» (*id.*, *Ibid.*:96). Quando chegaram «a huma comiada» (*id.*, *Ibid.*:97), «forão pera baixo ate as Alaguaoas [...e...] pollo cabo das terras da Ordem ate os moinhos de Joham Correa [...] e detreminaram que as ditas terras da Hordem partião com as do dito Comçelho pela pomta do Estebal agoas vertemtes contra ho mar» (*id.*,

²³ Infelizmente esta nota de Anica na obra de Vasconcelos não especifica de que lado da Ribeira de Almargem fica a «Cerro do Mestre», contudo o Mapa B de Luís Fraga da Silva (2005a) do seu estudo *Tavira Romana* identifica o Cerro do Almargem na margem esquerda, e o Cerro do Mestre na margem direita, à montante da actual Ponte de Almargem. Também existe um sítio chamado Cabeço, junto da Ribeira na sua margem esquerda e que sobranceira a estrada que vem da Ponte de Almargem em direcção à Conceição na *Carta Militar* de 1934. Este último está localizado no centro de um triângulo composto por Conceição, a Quinta de Benamor e a ponte sobre a Ribeira de Almargem. A sua posição sobre a estrada, contudo sem toponímia, é perceptível do *Mappa das Terras d'Almargem* José Sande de Vasconcellos (1773-1774).

²⁴ «[A]n old custom, still kept in some parts of Britain, of marking the boundaries of a church parish by walking round them and hitting the ground, or certain boundary marks, with long sticks» (*Oxford Learner's Dictionary*)

Ibid.:97). Daí «partiam pollo caminho que trazem os de Tavilla que vay dar no vao junto dos ditos moinhos e asy vay partimdo pollo dito caminho abaixo da Aallagoa que vem dar em hum esteiro que emtra no cabo das ditas terras junto partir com hum azanbujero e asy vay dar na canada que vem da Fomte da Gomeira dar nas ditas Allagoas. E asy faz rosto com ho marco e padrão que estaa a fundo pera a praya...» (*id.*, *Ibid.*:97). «E asy ficarão as ditas terras partidas» (*id.*, *Ibid.*:97).

Muitos dos elementos topográficos que constam nesta demarcação das «[t]erras e matos da Ordem» (Cavaco, 1987:94), onde o termo «Mato da Ordem» serve como toponímia alternativa,²⁵ como o moinho, o vão ou os terrenos alagados, não aparecem nos documentos cartográficos da zona oriental do Termo de Tavira, feitas por Sande de Vasconcellos (1780, 1793-1795), embora exista numa carta de doação de 1323 que fala do «vão da Gomeira com o seu sapal no termo de Tavira» (*Chancelaria de D. Dinis*, L^o IV, fl. 93 v.^o).²⁶ A presença de um ribeiro desenhado no mapa de 1793-1795, que vem da Quinta de Benamor e passa por Conceição de Tavira, até desaguar perto da boca da Ribeira de Almargem, conjugado com reconstruções cartográficas da região na época romana, levanta a possibilidade de haver um esteiro que subia em direcção a Conceição (Silva, 2005a; Silva, 2005b). Será, que nos finais do século XV, o «Ribeiro da Canada» (Anica, 1993:35) estivesse ligado a um sistema de lagoas e sapais, mas devido à instabilidade natural da costa,²⁷ estes já tivessem desaparecidos nos finais do século XVIII?

Esta delimitação dos terrenos da Gomeira, ou o Mato da Ordem, de 1483-1484, não foram os primeiros, sendo que dentro da sua própria descrição, existem referências a uma demarcação anterior, traçando o mesmo percurso, feitas «em tempo

²⁵ Actualmente, esta toponímia parece só referir ao limite nascente dos terrenos da ordem, entre a EN125, A Ribeira de Almargem e a linha do caminho de ferro, segundo a *Carta Militar* de 1951 (Anica, 2011:29).

²⁶ Também há uma carta de aforamento à Vasco Anes Corte Real em 1485 de «hum esteiro daguo (sic) salguada que he a ponta do Almargem da dita villa o qual fora aforado [...] a hum Pêro Vaaz Comtreiras» (Canto, 1883:189-190 Doc. LXIV), embora desconhece-se a sua relação estas Alagoas, se houver.

²⁷ Só no século XX, as ilhas barreiras tavirenses foram alteradas pelo movimento natural de sedimentos, sem falar de acontecimentos meteorológicos, como o ciclone de 1941 que destruiu a ilha de Cabanas (Moura *et al.*, 2019:14), sem falar dos terramotos de 1722 e 1755, que alteraram profundamente a costa do Algarve (Baptista *et al.*, 2007).

do Ifante dom Fernando» (Cavaco, 1987:96).²⁸ Na perambulação de Janeiro de 1484, o grupo integrou um escrivão da Ordem que participou nessa campanha anterior para ajudar a encontrar os vários marcos que foram colocados nessa altura (*id.*, *Ibid.*:96). Quantos aos outros limites dos terrenos da Ordem de Santiago em Conceição, estes também aparecem delineados, à data de 1518, como sendo «...o caminho publico que vay pera Crasto Marim e com ho sapall do Allmarjem e com as Allagoas e com a herdade que foy do jermo do prior e polla quimtãa que foy de Joham Garçia e com herdade d'Estevam *reco(-)veira* (*sic*) e com a Fomte da Guomeira» (*id.*, *Ibid.*:94-95).²⁹

Para além de fixar os limites da zona em apreço, este relato da demarcação também fornece dados importantes sobre a sua estrutura fundiária. Pelo menos desde Dezembro de 1483, estas terras foram aforadas pela Ordem de Santiago à Vasco Anes Corte Real (I) e, que na altura da Visitação de 1518, estavam na posse de Pero Vaz Corte-Real (*id.*, *Ibid.*:94). Este texto é acrescentado durante as subseqüentes Visitações de 1534 e 1565, onde nessa primeira data, Vasco Anes Corte Real (II), filho de Pero Vaz, e, depois em 1565, a sua mulher, Britis de Mello, são os portadores do aforamento (Cavaco, 1987, 99-100). Não obstante os numerosos membros da família Corte-Real com o nome Vasco Anes, um exemplo que consta *infra*, e com recurso a fontes genealógicas, sobretudo a obra *Os Corte-Reaes* de Ernesto de Canto (1883),³⁰ é possível afirmar que este primeiro Vasco Anes Corte Real (I) foi um sobrinho do famoso Vasco Anes Corte Real, agradecido com esse apelido devido à sua valentia na tomada de Ceuta em 1415 (Canto, 1883:14), e parte de uma família nobre de origem

²⁸ Filho de D. Duarte I, herdeiro do Infante D. Henrique, Mestre de Santiago de 1444 até 1470, pai de D. Manuel I (J. Costa, 2009).

²⁹ Na transcrição desta visitação na separata da revista *Al-Úlya*, o nome desta pessoa é dado como «Estevam Rico Vieira» (Correia, 1996:209).

³⁰ Anica utiliza a versão deste texto publicado no Volume IV do *Archivo dos Açores* para chegar à mesma conclusão (1993:35 nota 1). Embora, ele note que havia dois Vasco Anes Corte Real durante este período, mas de facto, havia pelo menos outro, que aparece também na comissão de delimitação em 1483-1484, Vasco Anes Corte Real, «o Moço», filho de João da Costa, neto de Gil da Costa (Canto, 1883:203), e sobrinho de Vasco Anes Corte Real (I). Vasco Anes «o Moço» foi vereador em 1483 (Castro, 1751:563).

tavirense, cujos membros não só eram influentes na região, mas também no ultramar.³¹

Vasco Anes Corte Real (I), filho primogénito de Gil Vaz da Costa, irmão do primeiro Corte-Real,³² foi Armador-mor do Rei D. Afonso V e detinha grandes propriedades em Tavira,³³ entre as quais, a Horta d'el Rei. Aliás, os documentos de doação desta propriedade em Tavira espelham as do Mato da Ordem, desde a sua concessão a Vasco Anes Corte Real (I) em 1462 (*id.*, *Ibid.*:106, Doc. XII) até à sua posse em 1528 por parte de «Vasco Anes Corte Reall filho de Pêro Vaaz Corte» (*id.*, *Ibid.*:110 Doc. XVII).³⁴ Contudo, não é apenas entre os membros da comissão de demarcação em 1483-1484 que aparecem nomes ligados ao poder em Tavira, como seria de esperar, mas também entre os proprietários de terrenos confrontantes, havendo mesmo um que desempenha ambos os papéis, como Gil Gonçalves da Costa, que não só tem uma vinha confrontante, mas também integrou a comitiva como «escudeiro vereador e provedor do Comçelho» (Cavaco, 1987:96).³⁵

Figuras destacadas também estão ligadas a construção e provimento da igreja. A Visitação de 1518 anota os que «Ruy Calvyno e Gil Gonçalvez da Costa e Joham Rosado, os quaees com suas esmolos» (Correia, 1996:203) ajudaram a edificar a

³¹ A título de exemplo, um filho do original Vasco Anes Corte Real, João Vaz Corte Real, foi capitão-donatário de Angra e S. Jorge nos Açores (Canto, 1883:18). O seu primeiro filho, também Vasco, herdou as suas capitánias (*id.*, *Ibid.*:25) e foi Alcaide Mor de Tavira, este último cargo foi posteriormente ocupado pelo seu filho, Bernardo (Anica, 1993:93). Outros filhos de João Vaz Corte Real são Miguel e Gaspar, conhecidos pelas suas descobertas, e desaparecimento, na Terra Nova (Canto, 1883:28-30, 41-56).

³² «Não se comprehende a razão porque os descendentes de Gil Vaz da Costa uzaram do appellido de Corte Real, que só devia pertencer aos filhos de Vasco Annes Corte Real, primeiro do nome» (Canto, 1883:15).

³³ Como ilustra os numerosos documentos no apêndice da obra *Os Corte-Reaes* (Canto, 1883).

³⁴ A evolução da posse do «Mato da Ordem», culminando em 1885 com a sua venda pelo Duque de Palmela (Veiga, 10 de Julho 1887 *apud* Anica, 2011:165) pode ser traçado a partir da sua transmissão à Helena Henriques, filha de um segundo Pero Vaz Corte Real, neta de Vasco Anes Corte Real (II) (Sousa, 1754:531; Canto, 1883:16,). Ela foi casada com Pedro Mascarenhas, avô de Pedro Mascarenhas, o 1º Conde de Sandomil. A anotação nos mapas de Sande de Vasconcellos confirmam a posse do «Mato da Ordem» a esta família (1780, 1793-1795). Com a morte do 3º Conde sem descendência em 1815, «vários morgadios [são reivindicados] por Pedro de Sousa Holstein (1781-1851)» (Nóvoa, 2019:75) 1º Duque de Pamela, entre os quais o «Morgado do Algarve [que] [f]oi administrador o Conde de Sandomil» (Machuqueiro, 2005:191).

³⁵ O nome dele também aparece como um vereador em 1483, 1485 e 1508 na *Relaçam dos Vereadores, que foram na Cidade de Tavira, desde o anno 1431, até o de 1700* (Castro, 1751:563-565), que também está transcrita no Apêndice I do 1º volume de *Tavira e o seu Termo* (Anica, 1993:385-396).

igreja,^{36 37 38 39} enquanto «Pedro de Comtreiras cavaleiro criado do Bispo de Guarda»,⁴⁰ «Dominguos Alvarez mercador morador em Tavilla», «dona Felipa mulher de Francisco da Costa fidallgo morador em Tavila»,⁴¹ Nuno Fernandez Aranha,⁴² e «a mulher de Ruy Calvino» doaram paramentos litúrgicos (Cavaco, 1987:87).

Um cruzamento exaustivo das ligações entre os nomes das várias fontes, mesmo que fosse só das já citadas, seria um estudo importante para perceber a estrutura fundiária desta zona do termo de Tavira, contudo, ele ultrapassa a escala o presente trabalho. Esta exploração superficial serve para ilustrar que a descrição do Frei João de S. José que «Tavira é povoada de toda ou da mais fidalguia do reino [...] que nela mora e que está derramada por suas quintas e fazendas» (1983[1557]:53) pode ser aplicada ao local onde será construída a Igreja da Conceição, à semelhança, mas provavelmente de uma forma mais modesta, da freguesia de Luz de Tavira (Santos, 2017:28-36).

³⁶ Rui Calvino aparece como vereador em 1509, 1521, 1522, 1531 e 1568 (Castro, 1751:565-567). Seria este último um filho ou parente devido à data? Seria da mesma família de Gonçalo Calvyno, que aparece relacionado com um cargo camarário numa carta da Câmara de Tavira que nomeia os procuradores «para jurar los capítulo del matrimonio de Juan I de Castilla com Beatriz de Portugal», datada de 19 de Julho 1383 (*Archivo General de Simancas*, ES.47161.AGS//PTR,LEG,48,17)?

³⁷ A leitura de «Gil Fernandez da Costa» na Visitações publicadas em 1987 por Cavaco devia ser «Gil Gonçalves da Costa» (Anica, 2008:53 nota 2). Este deveria ser o mesmo Gil Gonçalves da Costa que foi o proprietário das vinhas em 1484-1485, cujos cargos já foram citados *supra*.

³⁸ João Rosado aparece como Procurador e Escudeiro em 1500 (Castro, 1751:565). Será que o Procurador João Pousado em 1508 e/ou o Procurador João Robalo em 1538 possam ser João Rosado, fruto de um lapso de transcrição ou impressão?

³⁹ «Há que acrescentar à lista dos edificadores da Igreja [...] Fernando Pinheiro, o qual estabeleceu a favor desta mesma Igreja um foro de 55\$500 réis anual sobre a sua quinta da Torre de Paul [...] havendo ele sido vereador em 1523, 1534 e 1536» (Anica, 2008:53 nota 2), contudo este foro não aparece nas propriedades da Igreja em 1565 (Cavaco, 1987:374-375)

⁴⁰ Pedro de Comtreiras de certeza pertence à família tavirense desse nome. O Bispo da Guarda é Afonso de Portugal, filho de D. Manuel I, que os 7 anos, foi eleito para esse cargo em 1516. Foi criado Cardinal em 1517, «with the condition that he should not consider himself promoted until reaching eighteen years of age», (Miranda, 2023). Em 1523, foi eleito para os cargos de bispo de Évora e arcebispo de Lisboa. (*id.*, *ibid.*).

⁴¹ Francisco da Costa, filho de Diogo de Costa, sobrinho de Vasco Corte Real (I), e primo de Pero Vaz Corte Real (Canto, 1883:203). A sua mulher «D. Filippa de Mello, [foi] filha de Nuno Barreto, alcaide Mór de Faro» (*id.*, *ibid.*:203).

⁴² Aparece como Vereador em 1538 (Castro, 1751:566)

A evolução de Conceição de Tavira

Com a excepção da Fonte da Gomeira,⁴³ não parece existir qualquer referência documental que comprove, ou indicie a existência de outras estruturas, até à Visitação de 1518. Nesta Visitação, para além da igreja, que irá ser abordada no próximo capítulo, a envolvente da igreja é composta por um adro e «...duas casas terryas, a saber, huma que fizerão os moordomos d'arredor da dita igreja e a outro que fez Rodrigo Annes capelão da dita igreja aa sua propria custa e despesa.» (Cavaco, 1987:85).⁴⁴ Na Visitação de 1534, «feito de novo de fronte da porta principall mais uma casa terrea com sua chemine pera os ospedes com suas portas boas» (*id.*, *ibid.*:174). Já em 1554, parece agora haver «quatro casas em que pousa a gente que vë e outras do Capellão» (Lameira & Santos, 1988:96).

É só nos mapas de Sande de Vasconcelles (1780, 1793-1795) que a escala da povoação em volta da Igreja pode ser visualizada. A povoação está no cruzamento da Estrada poente-nascente entre Cacela/Castro Marim e Tavira, e o Ribeiro da Canada, que corre norte sul. O quadrante noroeste é delimitado pela cerca da Quinta de Guarda Mor (ou Benamor), que, no mapa mais recente, assinala uma habitação junto da cerca. No quadrante nordeste está situada a Fonte ou o Poço da Gomeira, junto a uma Venda (1780) ou uma Taberna (1793-1795).⁴⁵ É entre estes quadrantes que a população lava a sua roupa. No quadrante sueste, temos o maior edifício do conjunto, que rivaliza, ou até supera, a Igreja: o Lagar de João de Brito com o seu poço. Também está assinalada uma habitação em 1793-1795. Finalmente, no quadrante sudoeste, temos a Igreja da

⁴³ A Fonte é propriedade da Câmara em 1573 (*Livro de Registo ou Reforma dos Tomos da Câmara*, 1º Livro, fl 152 v.º)

⁴⁴ Será que este Rodrigo Annes é o mesmo que foi agredido com «pamcadas», dando origem a confrontação, que ocorreu entre 1504 e 1507, envolvendo Joham Figueiras, prior da Igreja de Santa Maria de Tavira e Joham Comtreiras, vigário do Bispo de Silves, em Tavira, descrito no documento n.º 255 do *Livro dos Copos*? Se Joham Figueira é referido na Visitação de 1518 como sendo «prior [...e...] capellão» (Cavaco, 1987:62) da Igreja de Santa Maria de Tavira, será possível ele ser o sogro de um dos proprietários que confrontava a Gomeira, onde um terreno «foy do jemrro do prior» (Cavaco, 1987:95)? Também surge a questão da relação do vigário Joham Comtreiras com a família do mesmo nome residentes em Tavira. Contudo, para um resumo da confrontação e a sua contextualização, *vide* Wisniewski, 2024:108-112.

⁴⁵ Está marcado aqui também no mapa de 1793-1795 uma «Róxa».

Conceição no centro, e, entre este e o Ribeiro, a Venda de Vinho.⁴⁶ Entre a Igreja e a Estrada, está marcado em 1793-1795 um Adro, mas no mapa de 1780 como a «Carneira». Diante do portal da igreja, virado a sudoeste, estão dois blocos de edifícios, cada um no seu lado da Canada que parte da Estrada e passa entre a Venda do Vinho e a Igreja em direcção à costa. O edifício entre a Canada e o Ribeiro, onde está localizada a horta do Prior, está marcado como uma «Cavalherice» (1793-1795). Do outro lado da Canada, directamente em frente da Igreja, encontramos um bloco, provavelmente as casas mencionadas nas Visitações do século XVI, assinalada como «Caza do Sacristão», mais próximo da igreja, e «Cazas do Prior», com um forno (1793-1795).⁴⁷ Existe uma passadeira por cima do Ribeiro em linha com a Estrada, e as junqueiras em volta dela. No rodapé da planta de 1780 está uma vista do lugar, tirada na Estrada que liga Tavira a Castro Marim, virado a nascente, antes de chegar ao Ribeiro da Canada. Apesar desta *veduta* não mostrar a igreja, infelizmente, ela apanha parte da povoação. Os edifícios da Venda de Vinho, Venda ou Taberna, Lagar e habitações são todos térreos. A vista coincide com a planta à excepção de representar três edifícios no lugar de um edifício único, a Venda ou Taberna, em planta no quadrante noroeste.

Referências aos «moradores d'around» da igreja nesta visitação (Cavaco, 1987:85-87) não especificam o número de habitantes, nem a que distância habitavam da igreja, tornando impossível saber se já existia um pequeno núcleo habitacional em torno da igreja. O facto de em 1554 o «adro, não está demarcado, avia-se de demarcar podê-se fazer cimitério a qual quer parte que quiserem» (Lameira & Santos, 1988:96) indica que não havia pressão construtiva. Também, na planta de 1793-1795, só estão assinaladas duas habitações, além das do Prior ou Sacristão. O censo mais antigo de Conceição, proveniente da Visitação de 1554, relata que «[a]a 160 fregueses, de

⁴⁶ Espantosamente, apesar do grande desenvolvimento de Conceição de Tavira, parece ainda existir numa forma pouca alterada.

⁴⁷ Parece que a Canada no século XV é sinónimo com o Ribeiro do mesmo nome, para que, em termos fundiários, a Igreja, o Cemitério, as casas do Prior e o Sacristão, a Cavalharia e a Horta do Prior possam estar dentro da jurisdição da Ordem de Santiago. Também uma referência em 1747 que fala «do uso da água que vem pela dita canada junto da Igreja para o mar» (Anica, 2011:189) reforça esta leitura.

confissão e comunhão 400, de confissão somente 300 pessoas» (Lameira & Santos, 1988:96). As fontes estatísticas, do que se constatou, só fornecem dados relativos à população total da freguesia, sem discriminação acerca de núcleos populacionais dispersos.⁴⁸ Contudo, duvida-se que existisse um grande núcleo urbano porque esta falta de densidade parece ser uma característica comum das freguesias do termo de Tavira, como, por exemplo, em Luz de Tavira, onde a maioria da população está distribuída pelo território (Santos, 2017:24-25).⁴⁹

Durante o século XVI, Tavira, e o seu termo, beneficiou da presença portuguesa no norte de Marrocos, «a principal de todo o reino do Algarve» (São José, 1983[1577]:49), com a sua elevação a cidade, a primeira no Reino, em 1520 (Salvado, 2020:27).⁵⁰ Esta relação privilegiada com o «Algarve d'além mar» não só trouxe crescimento em termos populacionais e riqueza (Queiroz, 2020:126), mas também perigos e violência, e especialmente para a Gomeira, corsários magrebinos que arrasavam a costa do Algarve (Pessanha, 2022).

Em 1536, temos uma nota que «[c]omeçou a vigia na Gomeira» (Castro, 1751:566), e em 1548, temos duas cartas que demonstram o grau de ameaça destas razias. A 3 de Janeiro, o corregedor de Tavira escreve ao Rei sobre um episódio onde a possibilidade de haver «fustas na gomeira» (*Corpo Cronológico*, Parte I, mç. 80, n.º 3) fez com que fossem mobilizadas tropas montadas para lhes fazer face.⁵¹ A 28 de Abril, Simão de Meneses, comendador de Cacela, escreve ao Rei sobre uma nova ameaça de fustas na Gomeira, pedindo que a costa fosse vigiada (*Corpo Cronológico*,

⁴⁸ Na *Monografia da Freguesia de Conceição de Tavira*, existe um resumo da evolução populacional da freguesia (Anica, 2008:24-25)

⁴⁹ Em 1621, Alexandre Massai, na sua *Descripção do Reino do Algarve*, informa que havia disponíveis como infantaria em «Agumera [sic]**/seu termo 132 pessoas de pe» (Massai, 1988[1621]:104).

⁵⁰ O catálogo da Câmara de Tavira *A Principal do Reino do Algarve* reúne informação sobre esta época, onde também aparece um artigo sobre a família Corte-Real (Pinto, 2020:77-89).

⁵¹ O título deste documento transcreve esta fase como «festas na Gomeira», mas no documento original é clara a leitura utilizada. Para além disso, uma fusta é um tipo de «[e]mbarcação comprida, de fundo chato, de vela e remos, de um ou dois mastros». *Histórias da Gomeira* também chega a mesma conclusão. (2023, 31 de Outubro)

Parte I, mç. 80, n.º 92).⁵² A Visitação de 1554 nota que na Igreja da Conceição «não se tem aqui Sacramento por medo dos Mouros, avia-se de mandar ter no inverno» (Lameira & Santos, 1988:93). Esta situação continua em 1565 onde «soamente na Coresma estaa ho Santo Sacramento nesta igreja por estar junto do mar e perigosa dos Mouros» (Lameira & Santos, 1988:373), mantendo-se ainda em 1753 (Anica, 2011:24).⁵³ Contudo, parece que os mouros não eram os únicos alvos destas vigias, segundo uma carta de Frei Jorge de Beja a Rainha de 22 de Junho 1558, onde o comportamento destes vigias face ao povo era tal «qe muitos dizem qe amtes leixaram a tera qe tal sofrerem» (*Corpo Cronológico*, Parte I, mç. 102, n.º 111).

Esta vertente bélica torna-se importante para o desenvolvimento da Gomeira, quando em 1670 é edificado pelo Conde Vale de Reis, a Fortaleza de S. João da Barra na costa para defender a entrada da barra de Tavira (Anica, 2011:56). O seu trineto, também o Conde Vale de Reis, reedifica a Fortaleza como ela existe actualmente em 1793 (Neto & Avellar, 1991/2006).⁵⁴ E é na sua sombra que a utilização dos recursos marítimos fomenta a construção de um novo aglomerado, Cabanas de Tavira. Uma escritura de terrenos em 1747 (Anica, 2011:187-190) para ser um arraial para a Armação do Medo das Cascas (Anica, 1993:54), e o nascimento de «crianças fora da época da safra», em 1757, marcam o início de ocupação permanente deste lugar (Anica, 2011:26).

Com o passar do tempo, a envolvente em torno da Igreja da Conceição cresce lentamente, mas mantém muito do seu carácter secular. Das «poucas casas afóra as do parocho» em 1841 (Lopes, 1841:378), pode-se ver um ligeiro aumento da área edificada numa planta de 1874 (Anica, 2008:96).⁵⁵ Há mais outro lagar perto da igreja,

⁵² «[A]qui temos novas como fustas de mouros se fazem prestes pera virem a esta costa e fazerem salto em alguns lugares dela pryncipalmente em sãotãotonyo (Santo António de Arenilha) e na guomeira que he termo de Tavira» (Pessanha, 2023:2). Pessanha também vários trabalhos sobre a pirataria no Sotavento Algarvio, entre outros um breve resumo de 1415-1523 (2022).

⁵³ No *Livro pera me recordar*, também está anotado que a igreja «[n]ão tem sacrario» (Silva, 1705-1714:fl. 148 r.º).

⁵⁴ Este último Conde de Vale de Reis, enquanto ele era governador desse Reino, foi quem encomendou muitos das plantas e desenhos do Algarve, em especial, o Sotavento Algarvio à José Sande de Vasconcellos.

⁵⁵ Esta planta também mostra o cemitério, já demarcado, à poente da igreja.

e outro na Quinta de Benamor (Lopes, 1841:378), um «huma minha de gesso, que hoje não tem extracção [...e...] moinho de água chamado da *praia* com 4 pedras» (*id.*, *Ibid.*:379). Mas, pouco a pouco, o ritmo das alterações acelera. A ligação entre Tavira e Cacela/Castro Marim é deslocada a norte, a Estrada Real nº78, em 1874, (Anica, 2008:96) e a Canada do Ribeiro é pavimentada em 1875 (*id.*, *Ibid.*:94). O cemitério ao lado da igreja é transferido para um local fora do povoado, no fim do século XIX (*id.*, *Ibid.*:126), e uma escola primária é construída por cima dela em 1931 (*id.*, *Ibid.*:104). O caminho de ferro chega em 1906 (Torres, 1958:78), mas é com a abertura do aeroporto de Faro em 1965, e abertura da região para o turismo de massa (Agarez, 43:2016), que Conceição vai ter a sua maior evolução.⁵⁶ Este fenómeno não tarda a chegar quando Club Med, os então proprietários de Pedras d'el Rei, «[obtenham] em 1973, um segundo alvará de construção, para a ampliação das instalações existentes [em Pedras d'el Rei] e a criação de um novo Aldeamento mais a nascente, em Cabanas de Tavira. Novo pólo turístico que se viria a chamar Pedras da Rainha, ou Pedras II» (Lobo, 2012:1318). Nem o Forte de São João da Barra escapou a esse fenómeno, quando este foi transformado em uma unidade hoteleira, estando em mãos privadas desde 1905 (Anica, 2011: 58). É neste ambiente que a estrutura mais antiga de Conceição, a Fonte da Gomeira, é substituída por «um parque infantil construído nos anos 80» (*id.*, *Ibid.*:122). A Igreja da Conceição também não escapa às vicissitudes do tempo, como de seguido, veremos.

⁵⁶ Para um estudo mais profundo sobre as alterações no território devido ao turismo, *vide* Brito, 2009.

A IGREJA DA CONCEIÇÃO DE TAVIRA

[A] Igreja de Conceição de Tavira é muito pobre, tanto no edifício como no recheio. Nem sempre assim foi e ainda restam alguns testemunhos e poucos vestígios da passada riqueza. (Rosa, 1951:20)

As Origens de um Património

Segundo a Visitação de 1518, sabe-se que a igreja era «...humã casa nova gramde e muyto boa que se ora faz e nom estaa imda acabada» (Cavaco, 1987:85), composta por uma capela-mor já completada, e um corpo de nave única com dois altares ainda por decorar (*id.*, *Ibid.*:85), indicando que a sua construção terá sido iniciada pouco antes desta data. Esta forma, que se manteve inalterada, pelo menos até 1565 (*id.*, *Ibid.*:373), enquadra-se plenamente nas construções paroquiais manuelinas do início do século XVI onde «[n]a maior parte dos casos, são igrejas de uma só nave, cobertas de madeira, com a capela-mor [...] de planta quadrangular abobadada» (Pereira, 2022:234), sublinhando a afirmação que «[a Igreja da Conceição] tem a particularidade [*sic*] de se tratar duma igreja anterior à época renascentista» (Correia, 1987:44).

Contudo, Rosa acreditava que a igreja remontava ao século XIV, com base na datação «[da] abóbada da capela-mor, com os seus contrafortes e gárgulas, no exterior» (1951:13), mas, face à ausência das gárgulas, e às semelhanças entre as mísulas da abóbada da capela-mor com as da capela da Nossa Senhora do Mártires da Igreja da Assunção em Cacela Velha, cuja construção, segundo uma inscrição *in situ*, data de 1586, não parece justificar esta datação precoce.⁵⁷ Ele também anota que «[s]e em 1518 não estavam construídos [a torre e o pórtico], não devia ter tardado muito a sua construção» (1951:13). Quanto à torre, esta só aparece mencionada em 1565, ainda em construção, em conjunto com uma sacristia (Cavaco, 1987:375), onde,

⁵⁷ A mísula da parede norte do lado do Evangelho da capela-mor da Igreja da Conceição de Tavira aparenta ter uma romã invertida no seu término, enquanto as restantes são finalizadas com uma esfera.

pela presença de uma fresta ogival na sacristia poente, parece localizar esta referência a este espaço.

Enquanto estes exemplos parecem nulificar qualquer hipótese de uma preexistência no local, sobretudo em combinação com o texto de delimitação de 1484-1485, já citado, que não menciona qualquer construção para além da Fonte da Gomeira, «the absence of evidence is not evidence» (Wright, 1888:59). Também, é importante realçar que a utilização do adjectivo «novo» para descrever a igreja na Visitação de 1518, só indica que o edifício que foi visitado era novo, não que a igreja era uma nova fundação.⁵⁸ Se não for possível, através dos fragmentos ainda existentes nesta igreja, encontrar indícios de uma pré-existência, talvez seja possível localizá-los num mapa.

Antes de mais, é importante sublinhar que não há razões para crer que o edifício erguido em 1518 não siga a mesma orientação que o edifício actual, onde, para além das provas materiais, como, por exemplo, a relação já estabelecida entre a porta principal e as casas do prior, uma análise textual das Visitações de 1518 e 1554 confirmam a orientação da Igreja da Conceição como sendo nordeste-sudoeste, com a porta principal à sudoeste, em constraste à prática tradicional das igrejas católicas, onde o altar é a nascente (Hassett, 1911). À primeira vista, a referência do visitante em 1518 «[da] porta travesa da parte do sul» (Cavaco, 1987:85), parece contradizer outro visitante, em 1554, onde este diz que «[d]a banda do llevantem tem outro portal de pedraria» (Lameira & Santos, 1988:94). Contudo, a diferença em orientação entre estas duas descrições do mesmo objecto deve-se à utilização da orientação litúrgica pelo visitante de 1518, onde o edifício é descrito relativo à visão ideal de uma igreja, enquanto o visitante de 1554 utiliza a verdadeira orientação geográfica para localizar a porta lateral. Esta mesma discrepância está presente nas visitas à Igreja de Santa Maria de Tavira feitas pelos mesmos visitantes, onde em 1518 «o coro tem

⁵⁸ Controlando pelo facto que os visitantes são diferentes, a Visitação da Igreja de Martimlongo do mesmo ano alude a esta leitura do conceito «novo». Nas «Determinações Particulares desta Igreja», refere-se que «[o]s moradores desta aldea [...] fizeram esta igreja de novo aa sua custa» enquanto que «[a] capela desta igreja estaa derribada» (Cavaco, 1987:58), demonstrando que o termo «novo» refere a idade do edifício visitado.

huma escada de pedra da parte do sul» (Cavaco, 1987:67) mas em 1554 «[da] banda do llevante vai hũa esquada para o choro» (Lameira & Santos, 1988:79).⁵⁹

Em zonas urbanas, a utilização desta orientação ideal para uma igreja católica pode tornar-se impossível, como no caso da Igreja da Misericórdia de Tavira, começada poucos anos depois em 1541 (Correia, 1987:40), mas esta condição não se devia verificar no meio rural que rodeava a Igreja da Conceição. Por outro lado, questões geológicas ou orográficas podem obrigar a uma alteração à orientação tradicional. Hoje, a Igreja da Conceição ocupa uma espécie de vale, entre a Ribeira a nascente e um declive acentuado à poente, algo que possa levar a crer que a sua orientação se deva a estes constrangimentos. Contudo, esta geografia a poente parece ser, em parte, artificial, resultado da necessidade de ganhar altitude para ligar a estrada que vem de Cabanas até a então Estrada Real no século XIX. Esta leitura é reforçada pelo facto de que as casas defronte do portal principal, as do Prior e do Sacristão, tenham os seus quintais enterrados relativos à cota desta estrada.

Esta orientação invulgar também tem repercussões quanto a sua relação com a Estrada Litoral que parte de Faro, passa por Tavira, em segue em direcção a Castro Marim e Cacela Velha. Utilizando outra vez a Igreja de Luz de Tavira como modelo de comparação, este edifício mantém a orientação tradicional este-oeste, com a nave, e a porta lateral, paralela a estrada, enquanto a porta principal abre para um campo aberto que cria um espaço público em articulação com esta via. A Igreja da Conceição de Tavira nega completamente a existência desta estrada com elemento de organização espacial, virando-lhe a parede cega da capela-mor, e orientando a sua porta lateral para a Canada, escondendo o seu portal principal dos transeuntes que circulavam neste caminho importante. As diferenças entre ambas implantações podem talvez ser explicadas pela vocação da Igreja da Luz de Tavira como um centro de peregrinação (Santos, 2017:43), onde esta relação entre o edifício e a Estrada Litoral era de importância primordial, enquanto que o objectivo da Igreja da Conceição era servir a população local, privilegiando a relação com habitantes que moravam entre

⁵⁹ O mesmo também acontece com a descrição das sacristias.

ela e o mar, tornando a Cana da no elemento organizador mais importante para a implantação da igreja. Infelizmente, a topografia natural já foi tão alterada que não é possível determinar o seu estado aquando a construção da igreja no século XVI.

Contudo, existe um grupo de igrejas com uma orientação que se assemelha à da Igreja da Conceição de Tavira: as que foram implantadas sobre mesquitas, como em Idanha-à-Velha (Torres, 1992:174-175), Mértola (Macias *et al.* 2018:65), e Santa Maria de Tavira (Fernandes, 2008:42). Enquanto é importante sublinhar que não existem provas físicas ou documentais para uma ocupação islâmica no local, para além de uma possível ligação toponímica já explorada, é também importante realçar que as mesquitas não são os únicos edifícios islâmicos que possam estar orientados para Meca, como, por exemplo, o *ribat*, posto fortificado nas fronteiras contra os infiéis, também utilizado «as an alarm system when Islamic coastal fronteirs were exposed to enemy attack» (Khalileh, 2008:213), cuja único exemplo em Portugal situa-se em Arrifana, Aljezur (Gordalina, 2011), ou o *morabito*, termo que não só designa um «member of a Muslim religious community living in a *ribāṭ* [...but...] came to be used for the tomb, usually domed, in which a pious man is buried» (*Encyclopedia Britannica*). Embora que exemplos cristianizados desta última tipologia ainda existem em Alvor, no Algarve (Gordalina, 2006), é interessante, à luz da discussão toponímica, que esta tipologia é «a common sight when travelling throughout Morocco, in the cities and towns, in villages in mountains and along the dry river *oued* flowing down into the Sahara [...and...] are considered by local people to be sacred spots» (Freeman, 1999:531).

Embora já posterior ao início da construção da igreja, as *Regras e Estatuto da Ordem de Santiago* de 1542 refere que a construção «[n]as terras da ordem se nam podẽ fazer de nouo moesteyros/hermidas nem outras ygrejas sem licença do mestre: por ser em dano e prejuyzo da ordem e rendas della» (Ordem de Santiago, 1542: fl.32 v.º - 33 r.º), demonstrando as preocupações inerentes numa intervenção deste tipo, e a intencionalidade necessária para a sua execução.

A Evolução da Igreja

Após a última visitação publicada em 1565, as informações relativas à evolução da Igreja da Conceição de Tavira são parcas até 1841 (Lopes, 1841:378), data da primeira referência que confirma a ampliação da nave única para três naves.⁶⁰ Dos poucos dados existentes sobre a igreja entre 1565 e 1759, eles revelam um património instável. Enquanto que as Visitações de 1688 e 1704 indicam uma deterioração progressiva, em 1719 «a igreja [já está] «bastante ornamentada»» (Rosa, 1951:15), só para se encontrar outra vez, em 1743, à beira da ruína. Contudo, é preciso ter em conta que o terramoto de 1722, cujo foco era ao largo da costa de Tavira (Baptista *et al*, 2007:373-374), podia ter contribuído para o estado degradado da igreja em 1743. Esta leitura é reforçada pelas obras que já estão em curso desde 1753 (*id.*, *Ibid*:15), culminando na «grande remodelação do templo [...] feita em 1757» (*id.*, *Ibid*:13), que, segundo Rosa, foi o ponto de transição da igreja de uma nave para «[a] grandeza, perfeição, e aceio [...] de novo fabricado [...] corpo» de três naves (*id.*, *Ibid*:15). Estas obras no corpo contrastam com o estado da capela-mor, que se infere pelo texto, ainda do século XVI (*id.*, *Ibid*:15). O seu «frontão muito recortado, em cujo tímpano há um medalhão barroco com a cruz de Santiago pintado» (*id.*, *Ibid*:10) plenamente testemunha os trabalhos encetados durante esta campanha de obras.

Contudo, alguns elementos da arquitectura das três naves parecem não corresponder a esta datação. Correia refere-se à construção «[das] actuais três naves com apenas três tramos, em obras de data incerta do séc. XVI» (1987:44), sublinhando a semelhança de um capitel, localizado na coluna independente mais próxima do altar, do lado do Evangelho, com «um dos tipos da Misericórdia [de Tavira], embora muito simplificado [...e...] as bases das colunas que em vez de garras ou folhas, como elementos decorativos, têm cabeça de carneiro, de coruja, de animais indecifráveis, num caso sugerindo caveiras» (*id.*, *Ibid*:44).

⁶⁰ Anica refere a um documento de 1911 que indica que a igreja é de uma só nave, contudo, ele chega à conclusão que esta observação é um erro, algo que a documentação existente no arquivo paroquial sobre a obras encetadas no século XX parece confirmar (2008:56-57)

Não é só este capitel da esfera da «Escola de Pilarte» (Correia, 2010[1988]) que não é contemporâneo com uma reconstrução da igreja no século XVIII (Correia, 1987:44). Igualmente, a maioria dos restantes capitéis da nave são de ábaco recto e lisos com toros, onde acantos emergem nos cantos do toro superior. Não entanto, o capitel adossado à parede sul da igreja do lado da Epístola apresenta diferenças, estando ausente o toro inferior do capitel e pela ocupação total por acantos do espaço entre o toro superior e o ábaco.⁶¹ Embora com tratamentos e estéticas diferentes, estes primeiros capiteis apresentam semelhanças formais com os capitéis geométricos do Claustro da Micha, no Convento de Cristo, um projecto da autoria de João de Castilho, onde uma folha de acanto irrompe dos cantos de um capitel toscano, (Costa, 2009:Anexo 2), construído em meados do século XVI (*id. Ibid.*:Anexo 1).⁶²

Não é só a estrutura da igreja que sofreu alterações durante este período, mas também o seu património integrado. Segundo a Visitação de 1565, sabe-se que existiam três altares, um na capela mor, dedicado à N.S. da Conceição e dois altares laterais «nas umbreyras» (Cavaco, 1987:363) da nave, um dedicado ao São Pedro, do lado do Evangelho e o outro, dedicado a Santa Luzia, do lado da Epistola. Em 1681, são mencionados dois altares, um que está dedicado ao S. Pedro e outro a S. Sebastião, enquanto em 1684, os altares de S. João e Stº António parecem ter sido adicionados. Em 1695, mais três altares são mencionados, os de «Nossa Senhora do Rosário, o de Jesus e o do Santo Cristo» (Rosa, 1951:14). No *Livro pera me recordar*, produzido entre 1705 e 1714, são referidos nove altares na Igreja da Conceição,⁶³ o altar-mor dedicada a N.S. da Conceição, e os altares da N.S. do Rosário, do nome de Jesus, de Stº. António, do Senhor da Boa Viagem, das Almas, de S. Sebastião, de S. Pedro Apóstolo e de São João Baptista. (Silva, 1705-1714:fl. 360 v.º).

De igual modo, o altar-mor parece ter sofrido alterações. Existe na Igreja de Santa Maria de Tavira um conjunto de quatro pinturas do século XVI que «[parece]

⁶¹ Enquanto esta observação é específica às igrejas-salão, a utilização de ábaco recto parece indicar que estes são posteriores aos capiteis de ábaco curvo (Correia, 2002:46 *apud* Santos, 2017:56).

⁶² A presença de capiteis zoomórficos e antropomórficos no Claustro da Micha é um dado interessante face às bases das colunas, também zoomórficos e antropomórficos, na Igreja da Conceição.

⁶³ No documento original, o texto indica que existem dez altares na igreja, mas só são enumerados nove altares.

bastante plausível, pela similaridade do programa iconográfico [descrito na Visitação de 1554...] se [tratar] do conjunto de tábuas que constituía [...] o retábulo-mor da igreja da Conceição de Tavira» (Macieira, 2004:112). Estas obras, que em 2004, formavam parte do retábulo da capela-mor da Igreja de São Pedro de Tavira, são atribuídas «a dupla de pintores, Pero Bello, pintor de origem salamantina, e Francisco das Aves...» (*id.*, *Ibid.*) e parecem ter sido apeadas da Igreja da Conceição algures no século XVII, pelas características estilísticas das suas molduras (*id.*, *Ibid.*:116).

A partir de 1707, começa a ser reduzido o número de altares na igreja, quando foi ordenado o apeamento dos altares de S. António e S. João Baptista por «não [estarem] com a decência que [deviam]...» (Rosa, 1951:14), continuando em 1738 quando o altar de S. Pedro é também mandado demolir (*id.*, *Ibid.*). Na *Memoria Paroquial* de 1758, só existem 3 altares, o altar-mor, da N.S. da Conceição, com imagens de S. Luzia e S. Ana, e duas colaterais, um do Senhor da Boa Viagem, com imagens de S. Pedro e Stº. António, no lado do Evangelho, e um de Nossa Senhora do Rosário, com imagens de S. João Baptista e S. Sebastião, no lado da Epistola (1758a:2310).

A menção dos altares de S. Pedro e S. Sebastião em 1681, leva a crer que este último suprimiu o altar de S. Luzia, cuja imagem foi posteriormente translada para o altar principal,⁶⁴ especialmente à luz da «[p]este grande [que] durou treze mezes [onde] morreraõ aqui quarenta mil pessoas» em 1645 (Castro, 1751:573). Para além dos altares de S. Pedro e S. Sebastião, é impossível reconstruir a localização dos altares dentro da igreja antes de 1758, a não ser que ocupavam lugares nas paredes laterais do corpo (Rosa, 1951:14).

A grande questão que este breve resumo suscita é a utilização de elementos arquitectónicos do século XVI numa construção do século XVIII. A conclusão mais lógica é que estes elementos foram reaproveitados, um cenário já contemplado, embora não vinculativo, face ao facto desta igreja pertencer ao padroado da Ordem de Santiago, nas *Constituições do Bispado do Algarve* de 1554, onde é interdita a

⁶⁴ Presume-se isto pela ausência de um altar a esta santa posterior a 1565 e pela menção da sua imagem no altar-mor em 1758 (*Memórias paróquias*, 1758a:2310).

venda «para uso secular» de pedras e madeiras, obrigando a sua reutilização noutra edifício religioso, ou serem queimados (fl. LXIV v.º), embora que esta obrigatoriedade já não se encontra nas *Constituições Synodales do Bispado do Algarve* de 1674, onde «os materiaes da Igreja arruinada, como são pedra, madeyra, & os de mais se venderão, & se dispenderão em utilidade da Igreja» (Barreto, 1674:376). Um exemplo tardio desta abordagem de reutilização de elementos em construções novas tem análogos com a reconstrução da Igreja de Santa Maria de Tavira nos finais do século XVIII (Correia, 2010 [1996]:185-186).

Parece existir indícios de adaptação de vários elementos datáveis do século XVI, como as bases das colunas adossadas na parede sul da igreja, junto da porta principal, para encaixarem o paramento que liga a coluna a parede. No que diz respeito as colunas adossadas na parede norte da igreja, junto da capela-mor, estas bases estão ausentes, devido ao patamar em pedra. O fuste da coluna do lado do Evangelho termina directamente neste pavimento enquanto o oposto, do lado da Epístola, finaliza com um pequeno toro na junção. Também, o capitel da coluna do lado da Epístola parece estar encurtado relativamente ao seu par e aos demais capitéis da igreja.

A presença de *spolia* pode explicar-se pelos fenómenos naturais que assolaram a região. O terramoto de 1722 (Baptista *et al*, 2007:373-374), que gerou «hum horroroso trovão, cahirá 27 moradas de casas, e as mais ficá arruinadas [...onde também...] [o] Convento de S. Francisco ficou muito arruinado» (Mendonça, 1758:92), pode estar na origem destes elementos, sendo que a destruição engendrada pelo terramoto de 1755 concentrou-se no Barlavento Algarvio, exemplificada pela destruição de Lagos (Pereira, 2017:102). Esta leitura é reforçada pela ausência de registos de danos na Igreja da Conceição de Tavira (*Memórias paroquiais*, 1758a:2513) e pela descrição de que Tavira, «[f]oy das terras, que, proximos ao mar, [que] padeçeo menos Ruínas no terremoto» (*Memórias paroquiais*, 1758b:135).

Contudo, estas observações não permitem identificar a origem destes elementos diacrónicos. Eles tanto podem ter origem numa igreja não identificada, como podem ser fruto de uma ampliação da Igreja da Conceição de Tavira entre as Visitações de 1565 e 1681. Embora não existem provas para tal facto, não é

completamente inédito que uma igreja fosse alterada pouco depois de ser construída. A igreja de Luz de Tavira, cujo primeiro templo manuelino, do início do século XVI (Santos, 2017:49), foi rapidamente substituído pela actual igreja-salão em meados desse mesmo século (*id.*, *Ibid.*:59).⁶⁵

Comparando as dimensões da igreja actual com os valores fornecidos na Visitação de 1554 (Lameira & Santos, 1988:94), o comprimento da nave é bastante semelhante, levantando a possibilidade que foram adicionadas naves laterais ao corpo da igreja pré-existente, prática conhecida no Algarve durante o século XVI, não só pela simplicidade do processo, mas também por motivos financeiros (Santos, 2017:50).⁶⁶ Para esta teoria ser plausível, é necessário que esta ampliação fosse inferior, em termos de largura, à igreja actual, para justificar a descrição das obras do século XVIII. Este tipo de ampliação significava que as naves laterais seriam diminutas, mas a ampliação da Igreja de Santiago em Castro Marim, de uma para três naves, a decorrer em 1534, é descrita como tendo «as duas [naves] das ilhargas muito estreitinhas» (Cavaco, 1987:290), viabilizando esta possibilidade.⁶⁷

Infelizmente, a cronologia conhecida da evolução dos altares não pode esclarecer esta questão, visto que os registos só começam já nos finais do século XVII. Mesmo sem oferecer certezas, estes dados demonstram um padrão. Em comparação com outras igrejas da Ordem de Santiago, o corpo da Igreja da Conceição construída em 1518 era considerável, com um comprimento de 95 palmos, sendo que só seis igrejas desta ordem que foram catalogadas na tese de doutoramento de Mário Cunha

⁶⁵ Como já abordado, é provável que existia uma diferença de recursos entre as freguesias de Luz e Conceição, especialmente com a «[mudança da] feira para a Freguesia da Luz [em 1558 onde] [n]este tempo moravaõ na dita Freguesia mais de 50 Fidalgos...» (Castro, 1751:567), mas o apoio de gentes endinheiradas na construção da Igreja da Conceição não permite descartar esta hipótese.

⁶⁶ Outro factor, para além da datação das mísulas, que pode fortalecer está leitura é a discrepância das dimensões entre a capela-mor, descrita na Visitação de 1554 como um cubo de 22 palmos (≈4,84m), e as dimensões da capela-mor actual com 5,55m de largura e 5,99m de comprimentos. Contudo, entre a qualidade da medição efectuada pelo visitador no século XVI, e a ambiguidade na tradução de palmos para centímetros, que neste ensaio são 22cm = 1 palmo, é difícil utilizar dados metrológicos com um elevado grau de certeza (Cunha, 2012:254-255).

⁶⁷ Correia refere a «originalidade do número de tramos (só conhecemos outra, na época gótica, a Matriz de Loulé)» (1987:44) da Igreja da Conceição de Tavira, contudo em 1554, a Igreja de Santiago de Cacela Velha é descrita como sendo «de três naves [...] [t]em de cada banda três arcos cõ suas collunas...» (Lameira & Santos, 1988:101).

ultrapassam essa dimensão no século XVI (Cunha, 2012:257-263, Quadro XXV). Em comparação às igrejas em Tavira, só a Igreja de Santa Maria de Tavira, com os seus 115 palmos (Lameira & Santos, 1988:79), ultrapassava este valor (Cunha, 2012:257-263, Quadro XXV).

Pelas suas características, a construção da Igreja da Conceição no início do século XVI parece representar um avultado investimento, algo que já em 1565, se tornava difícil de suportar, sendo «muito pobre he não [ter] mais rendimento que as esmollas que os fregeses querem dar» (Cavaco, 1987:375). Igualmente, as tentativas de engrandecer o seu património, exemplificado pelo grande impulso construtivo de altares durante 26 anos, acabou por fracassar, onde muitos deles acabaram por ser destruídos por «não [terem] Irmandades, nem couza alguma, e além disso não tem Retábulos mais que uns painéis...» (Rosa, 1951:14), deixando apenas as obras completadas em 1757 como o maior indício permanente da evolução da igreja após a sua construção. Este padrão, onde grandes planos chocam com a realidade, continua nas intervenções encetadas durante o século XX.

A Igreja no Século XX

O estado da Igreja da Conceição, após as obras no século XVIII, parece ter piorado, onde as visitas de 1865 e 1886 falam do estado precário da igreja (Rosa, 1951:17). Contudo, o único relato de obras durante o século XIX foi a remoção de «um sacrário muito bonito na capela-mor» (*id.*, *Ibid.*:21) para fazer «os miseros degraus fronteiros ao nicho da Senhora» (*id.*, *Ibid.*:21) algures entre 1863 e 1889.⁶⁸

É necessário avançar para meados do século XX para obter mais informações sobre a evolução da Igreja da Conceição de Tavira, onde «as obras do ancestral recheio desta igreja [...] deverão ter sido destruídas aquando das últimas obras de restauro, numa acção devastadora» (Macieira, 2004:346). Mesmo sem «[ter] encontrado o relato das obras em causa» (Anica, 2008:57), uma colecção de

⁶⁸ Esta datação baliza-se pela curadoria do Pe. Romão José da Silva (CEHR, s.d.), o pároco identificado pelo «homem antigo» que relatou esta intervenção a Rosa (1951:21).

documentos no Arquivo Paroquial, em conjunto com outras fontes, nomeadamente artigos jornalísticos, permite estudar aspectos desta intervenção.

O alerta sobre o estado da igreja é dado em 1950,⁶⁹ quando o Pe. António Nobre reflecte num artigo da *Revista Algarvia* que «[e]ssa parcela artística, a Igreja, e seus anexos, que os nossos maiores nos legaram, necessitam de urgentes reparações» (Nobre, 1950:70).⁷⁰ Em prol de remediar estas deficiências, foi organizado um «Cortejo de Oferendas» para dia 21 de Outubro 1951, para angariar fundos para a «restauração do telhado da velha igreja paroquial» («Na Freguesia de Conceição», 1951), que «[r]endeu cerca de 15 contos» («O Cortejo de Oferendas», 1951),⁷¹ entre os quais «salientam-se as ofertas de mil escudos do sr. Governador Civil, e um carro no valor de mil e tal escudos do proprietário da freguesia e membro da comissão de honra, sr. Domingos Sancho Uva» (*id.*, *Ibid.*). Este cortejo incluía vários carros da autoria do artista Virgílio Pires,⁷² entre os quais se destaca uma maquete da igreja após o seu restauro (*id.*, *Ibid.*). Contudo, em 1954, estas obras de restauro parecem ter sido alteradas para uma verdadeira reconstrução da igreja, onde iam ser «corrigidos» alguns dos problemas espaciais e volumétricos identificados por Rosa, como a ampliação da capela-mor (1951:18), através de um projecto da autoria do arquitecto Jorge de Oliveira, com um custo estimado de 200.000\$00 escudos («Ouvindo o arquitecto», 1954).⁷³

Finalmente, «com as primeiras chuvas [...], veio abaixo um pedaço do telhado, arrastando algumas pesadas telhas que desabaram dentro do templo» («A Igreja Matriz», 1960:1), poucos dias antes de 30 de Outubro 1960. Ainda que confrontado

⁶⁹ Notícias sobre o estado da igreja está omissa em artigos sobre a igreja imediatamente anteriores a esta data («Nossa Senhora», 1948; «A Freguesia», 1949), embora não foi possível consultar todas as publicações para confirmar esta observação.

⁷⁰ Neste artigo também são recapituladas as informações dos artigos de Rosa publicados no *Povo Algarvio* no ano anterior.

⁷¹ Este valor foi também citado como sendo «cerca de 16 contos» («Ouvindo o arquitecto», 1954).

⁷² Fotos publicadas no *Povo Algarvio*, embora referentes a cortejos de oferendas na cidade de Tavira, («O Cortejo de Oferendas», 1959:1) utilizam automóveis, enquanto o carro da Conceição no Cortejo de Oferendas para o Hospital da Misericórdia de Tavira em 1954, é de tracção animal («O Cortejo», 1954:1)

⁷³ Jorge de Oliveira, o «importante architect in mid-twentieth-century Faro, [...], official advisor to regional and local governments» (Agarez, 2016:271), que entre muitas obras, projectou o Mercado Municipal de Faro (ADF, 2023).

com este acontecimento, havia esperanças que o projecto de Jorge de Oliveira pudesse prosseguir («A Conceição», 1960).⁷⁴ Avanços concretos para a realização de obras na Igreja da Conceição de Tavira só são iniciados a 20 de Março de 1961, quando o Pe. Joaquim da Silva Araújo solicitou ao Bispo do Algarve que fosse estabelecida a Comissão Fabriqueira para o restauro da Igreja (Araújo, 1961, 20 de Março), com 16.314\$30 escudos de saldo disponível (Com. Fab. 1961, Abril-Outubro:2).⁷⁵ Nesta altura, a Igreja estava «...em estado de ruína e já há meses, [e,] por esse motivo encerrada ao culto...» (Com. Fab., 1961a, 15 de Outubro).⁷⁶ Para garantir a continuidade das celebrações, foi obtida autorização para utilizar a capela da vizinha Quinta de Benamor, de Junho até Outubro de 1961, data prevista para a conclusão das obras (Com. Fab., 1961, 13 de Junho). Esta previsão não se concretizou, visto que o contrato para a execução das obras da cobertura, entre a Comissão Fabriqueira e José dos Santos Braz, no valor de 60.000\$00 escudos, só foi assinado a 2 de Outubro de 1961. Estas obras visavam a demolição e reconstrução da «cobertura total da Igreja incluindo abóbada de arco perfeito na nave central e abóbadas de quarto de círculo nas naves laterais» (*Contracto de Execução*, 1961), sob a direcção do Técnico Engenheiro Manuel Marques Pinheiro (*id.*, *Ibid.*). De igual forma, foi também pedido um prolongamento à utilização da Capela de Benamor até «...aos fins de Fevereiro aproximadamente» (Araújo, 1961, 11 de Dezembro).

O pagamento da 1ª prestação, no valor de 22.000\$00 escudos, em Dezembro de 1961 (Com. Fab., 1961-1962:6 r.º),⁷⁷ significou que «a obra [atingiu] metade da sua execução» (*Contracto de Execução*, 1961:2), enquanto que a emissão do recibo para a 2ª prestação (Braz, 1962, 29 de Março) foi «no acto da recepção provisória» (*Contracto de Execução*, 1961:2).⁷⁸ Já no final da reconstrução da cobertura,

⁷⁴ Neste artigo foi republicado o mesmo alçado do projecto de reconstrução utilizado no artigo de 1954.

⁷⁵ Presume-se que este valor é proveniente da angariação de 1951, visto a sua quantia é semelhante.

⁷⁶ Em 1960, «os telhados já ameaçam ruína» («Feira e Festa», 1960)

⁷⁷ Desconhece-se a discrepância entre o valor pago de 22.000\$00 escudos pela Com. Fab. a 8 de Dezembro de 1961 ao empreiteiro, conforme consta no *Livro Caixa da Com. Fab.* (1961-1962:6 r.º), e o recibo emitido pelo empreiteiro no valor de 7.000\$00 escudos no dia 22 de Dezembro de 1961 (Braz, 1961).

⁷⁸ No Arquivo Paroquial existe uma nota de crédito, datada de 2 de Dezembro 1961, para materiais de construção referentes as obras da cobertura (Ferreira Suc., 1961).

contemplava-se intervenções adicionais, conforme os orçamentos existentes no Arquivo Paroquial, datadas entre Fevereiro e Março de 1962,⁷⁹ contudo, a única despesa que pode ser comprovada durante esse período refere-se a «trabalhos de cantaria na cruz» (Com. Fab, 1961-1962:7 r.º).⁸⁰

Em termos de intervenções no existente, teve-se acesso a orçamentos relacionados com «o reboco exterior da Igreja» (Brito, 1962:2), a pintura interior da igreja e das portas em madeira (Andrade, 1962), mas a maioria deles centra-se na limpeza de cantarias, como as da porta principal (Anónimo, s.d.a; Casquilha, s.d.e), do arco triunfal, abóboda da capela-mor e as cantarias dos vãos que deitam para as sacristias (Casquilha, s.d.a.), as colunas e arcadas da nave (Casquilha s.d.d) e as pias de água benta (Anónimo, s.d.a.; Casquilha, s.d.c). Pelas marcas de picotagem nas cantarias interiores, é possível determinar que estes trabalhos foram feitos, embora sem se saber quem foi o empreiteiro.

Quanto a novos trabalhos, vários orçamentos centram-se no altar-mor (Anónimo, s.d.a.; Braz, 1962, 10 de Fevereiro; Palaré, 1962).⁸¹ Foram também propostos «uma porta para o alçado Nascente da Igreja, feita em madeira» (Ferreira Suc, 1962a), «uma Fresta nova [...] e alargamento da Fresta velha» (Casquilha, s.d.b.) e «uma pia nova» (Casquilha, s.d.c). Contudo, os «26 centímetros de inclinação do edifício para o lado de nascente» (Com. Fab., 1964) parecem estar na origem dos orçamentos mais complexas, como a demolição e reconstrução «da parede nascente e um troço da parede sul» (Ferreira Suc., 1962b) ou a «[demolição das] paredes dos arcos onde izistião (*sic*) os altares para serem feitas a tijolo» (Braz, 1962, 10 de Fevereiro). Podem também estar relacionadas as intervenções numa, ou ambas as sacristias, onde um orçamento prevê «a demolição de abóboda e paredes para reconstruir de novo» (Brito, 1962), enquanto outro, para além de trabalhos de acabamento, optou-se por «[fazer] uma travassão (*sic*) a tijolo e argamassa misto, no

⁷⁹ Embora alguns dos orçamentos são sem data, presume-se que foram solicitados nesta altura.

⁸⁰ Confere-se este gasto com um recibo para trabalhos de cantaria no «pé da cruz [...e...] limpeza» (Gonçalves, 1962).

⁸¹ Sem mencionar o local da intervenção, a referência no orçamento de Aníbal da Graça a «trabalhos conforme desenhos» (1962) pode significar que a capela-mor era o local da intervenção.

canto que se encontra todo desligado; levando a dita parede um lintel que contornará (*sic*) os dois cantos, para a devida segurança» (Braz, 1962, 22 de Fevereiro).

Sem contemplar os custos adicionais representados por estes orçamentos, só as obras na cobertura contractas foram encetadas com pouco menos de um terço do valor necessário para as pagar.⁸² Na perspectiva de remediar esta discrepância, a Comissão Fabriqueira enviou, a 13 de Outubro de 1961 uma carta ao Ministro das Obras Públicas a pedir um «subsídio de emergência», sublinhando o estado degradado do edifício e o fracasso de um projecto anterior, orçamentado em 24.000\$00 escudos «que afinal nunca pode ser executado, em virtude da freguesia não poder fazer face à respectiva participação» (Araújo, 1961, 13 de Outubro). Também, dois dias depois, a 15 de Outubro de 1961, a Comissão Fabriqueira lança outro Cortejo de Oferendas, através de três cartas-tipos (Com. Fab. 1961a, 1961b, 1961c),⁸³ para ser realizado a 1 de Novembro de 1961. No final de Novembro, após o Cortejo, a Comissão já tinha um saldo total de 37.726\$80 escudos (Com. Fab., 1961-1962:fl n.º 5 vº). Infelizmente, em Fevereiro 1962, o Ministério das Obras Públicas nega qualquer financiamento por «tratando-se de obras já executadas, [sendo] vedado por lei o auxílio do Fundo de Desemprego, única fonte que poderia doutra forma ser encarado» (Amaral, 1962). É também neste mês que acabam os dados financeiros do *Livro Caixa da Comissão Fabriqueira* (Com. Fab, 1961-1962:7 r.º).⁸⁴

A troca de cartas entre a Comissão e o Ministério das Obras Públicas chega aos ouvidos do Bispo do Algarve, quando a 26 de Junho 1962, este pede à Comissão esclarecimentos sobre «[q]uais os trabalhos que se pretendem realizar na Igreja Paroquial [q]ual o custo de cada um deles [e q]uais os que já estão realizados» (Rendeiro, 1962). Antes de responder ao Bispo, a Comissão submete outra exposição directamente ao Ministro das Obras Públicas, a 29 de Junho 1962, desta vez por

⁸² Quando o contracto de 60.000\$00 escudos foi assinado, a Comissão só tinha 16.314\$00 escudos no saldo.

⁸³ Uma carta-tipo para «proprietários nesta freguesia», uma para pessoas que não são habitantes, mas que possuem bens na freguesia, e outro para pessoas naturais da freguesia que habitam fora dela.

⁸⁴ Confere-se este gasto com um recibo para trabalhos de cantaria no «pé da cruz [...e...] limpeza» (Gonçalves, 1962).

intermédio do Governador Civil do Algarve.⁸⁵ Nela, a Comissão sublinha que, «[t]alvez porque não tivéssemos sido suficientemente claros na nossa exposição, [...] [e]sclarece-se que na altura, não havia qualquer obra realizada» (Com. Fab., 1962), reiterando que o seu pedido para financiamento, agora com um valor concreto de 30.000\$00 escudos. Pediu-se que este valor não fosse concedido através de uma comparticipação do Fundo de Desemprego, por este «[implicar] despesas de centenas de milhares de escudos, o que era incomparável para esta Comissão, em virtude da pobreza do meio» (*id.*, *Ibid.*), mas sim como um subsídio de emergência. É só a 7 de Agosto 1962 que a Comissão responde às perguntas do Bispo, onde revelam que a cobertura já está terminada, e que são planeadas intervenções nos «[p]avimentos, pintura, altares, rebocos, mobiliário, portas, janelas, paredes da sacristia e respectivos soalhos e tecto e rebocos exteriores de toda a Igreja e segurança duma das paredes do corpo da Igreja», com um custo global de 100.000\$00 escudos (Araújo, 1962).⁸⁶

O esforço da Comissão parece ter dado alguns frutos, visto que numa carta de 13 de Dezembro 1963 ao Comissário do Desemprego, a Comissão Fabriqueira alega que a Direcção Geral do Edifícios e Monumentos Nacionais concedeu «...uma comparticipação de 6.428\$00 escudos pelo Fundo de Desemprego» (Araújo, 1963), embora a mesma carta avise que esta subvenção ainda não foi paga. Esta carta também alerta que o custo da obra já duplicou, para 200.000\$00 escudos já gastos, e é pedido «[um] reforço da Comparticipação pelo Fundo do Desemprego correspondente ao volume e valor dos trabalhos já realizados» (*id.*, *Ibid.*). A resposta do Fundo do Desemprego, à 23 de Dezembro 1963, «informa que a obra na mesma referida, não consta como comparticipada pelo Fundo de Desemprego» (M.O.P., 1963).

⁸⁵ No Arquivo Paroquial, existe uma carta ao Governador Civil do Algarve a pedir que seja entregue esta nova exposição ao Ministro das Obras Públicas (Araújo, s.d.a), embora sem data.

⁸⁶ Uma carta escrita à mão, que, embora sem data, parece ser um rascunho da carta citada, onde os valores apresentados são de 70.000\$00 escudos para a cobertura e 90.000\$00 escudos para os restantes trabalhos. Algo interessante nesta carta é o tom utilizado pelo Pároco na sua resposta ao Bispo, onde ele enfaticamente declara, que «[o]s trabalhos que pretendemos realizar são tão somente que [evitamos] que a nossa igreja caia!» (Araújo, s.d.b).

A continuada insistência perante o Ministro das Obras Públicas parece ter obrigado o Bispo do Algarve a pedir esclarecimentos novamente, a 3 de Março de 1964, mas desta vez, com um prazo para responder dentro de cinco dias. Para além das obras a realizar e o seu orçamento, surgem questões como a possibilidade de as obras serem faseadas, e «[c]omo prêve a angariação da verba necessária para fazer face à participação, e quando se pensa atingir o montante para a 1º fase» (Rendeiro, 1964). A única resposta a esta carta é um pedido de desculpa pelo Pároco, em 9 de Março 1964, por não poder responder dentro do prazo (Araújo, 1964, 9 de Março). Mas, a 1 de Abril 1964, é enviado outra exposição ao Ministro das Obras Públicas, onde a Comissão sublinha a importância de terem acabado alguns trabalhos importantes, referidos como sendo da primeira fase, para salvar a igreja, especialmente face ao «último abalo sísmico, que como é sabido foi muito violento nesta região» (Com. Fab., 1964:1) graças não só a «donativos assaz vultosos que montaram a mais de duzentos contos» (*id.*, *Ibid.*), mas também porque tiveram «de recorrer a empréstimos» (*id.*, *Ibid.*) no valor de 120.000\$00 escudos, deixando a Comissão Fabriqueira sem saber «como honrar os seus compromissos» (*id.*, *Ibid.*). A Comissão pede, desta vez, «duzentos contos, não só [para pagar] as dívidas como se completaria todo o arranjo previsto para a segunda fase» (*id.*, *Ibid.*:2). Desta segunda fase, os «trabalhos complementares» (*id.*, *Ibid.*), parecem incluir «o desafogo do Pórtico e da Igreja no seu enquadramento» (Uva, 1964:2).⁸⁷

Entre a «recepção provisória» da cobertura em Março de 1962 (*Contracto de Execução*, 1961:2) e a «cerimónia da bênção da igreja» («As Festas», 1964) durante as festas em honra da Nossa Senhora da Conceição, o aspecto melhor documentado acerca do projecto centra-se nas suas finanças. Segundo as declarações do Pe. Joaquim Araújo em 1964, para além dos 200.000\$00 escudos em donativos, a Comissão Fabriqueira está endividada em 120.000\$00 escudos (Com. Fab., 1964).

⁸⁷ Existe um projecto no Arquivo Paroquial, de quatro folhas a escala 1:50, mas sem data nem título, que corresponde a um edifício de dois pisos composto por plantas de rés-chão (Anónimo, s.d.c) e 1º piso (Anónimo, s.d.d), um alçado nascente e três cortes (Anónimo, s.d.e; Anónimo, s.d.f). Nele é proposto uma casa mortuária, museu e I.S. no r/c, e um laboratório, gabinete e sala de exposições no 1ª piso, acessível por uma escada exterior. O projecto parece corresponder a uma «obra incriada» referente à Igreja de Cacela Velha.

Com base neste relato, subentende-se que foi gasto cerca de 320.000\$00 escudos na «restauração» da igreja. Para além dos 60.000\$00 escudos para a cobertura (*Contracto de Execução*, 1961:1), e mais de 30.000\$00 escudos em alfaias e artigos litúrgicas (Casa Nun'Alvares, 1968), isto significa que as restantes intervenções custaram cerca de 230.000\$00 escudos. Como base de comparação, o orçamento para o projecto de Jorge de Oliveira era de 200.000\$00 escudos em 1954. Em 1962, a demolição e reconstrução das paredes da nave foi orçamentado em 11.638\$00 escudos, enquanto a demolição e reconstrução da sacristia tinha um valor de 13.887\$00 escudo. Aliás, a soma de todos os orçamentos, mesmo com trabalhos sobrepostos, com a excepção da pintura interior, porque este foi cotada em preço/m² (Andrade, 1962),⁸⁸ e do orçamento anónimo (Anónimo, s.d.a), que não tem um valor, não ultrapassou os 51.145\$00 escudos.

Pela quantia despendida, a reconstrução foi, forçosamente, profunda. Mas as fontes citadas não são explícitas quanto à escala da intervenção. Contudo, a publicação de duas imagens da Igreja da Conceição de Tavira, em 1961 e 1962, no jornal *Povo Algarvio* («Festa de», 1961; «Festa de», 1962), pode fornecer indícios sobre a envergadura destas obras, pelo menos quanto ao seu exterior. A primeira imagem, de 3 de Dezembro de 1961, é um panorama distante, onde a igreja mal aparece, enquanto que a segunda imagem, tirada desde a Fonte da Gomeira em direcção a capela-mor da igreja, foi publicada a 2 de Dezembro de 1962. Para além da informação visual nelas contida, a importância destas imagens reside na constante reutilização de imagens pela redacção do *Povo Algarvio*, algo aparente para quem desfolhar as edições deste jornal.⁸⁹ A estreia da primeira imagem nas páginas do *Povo Algarvio* data de 1951, («Cortejo de Oferendas», 1951), onde é constantemente utilizada em artigo referentes a Conceição (e.g., «A Conceição», 1954) até que a segunda imagem surge em 1962, onde está é republicada, pelo menos mais uma vez, num artigo de 1974 («Feira Franca», 1974). Estas observações permitem inferir duas

⁸⁸ Mais um valor de 870\$00 para a pintura das madeiras, valor acrescentado a soma que segue.

⁸⁹ Entre numerosos exemplos, a mesma fotografia da fachada da Igreja da Conceição de Tavira é reutilizada entre 1951 e 1961 («Cortejo de Oferendas», 1951; «O Exemplo», 1961).

coisas: a fotografia de 1961 representa o estado da igreja uns anos depois da publicação da monografia de Rosa em 1949, antes do início desta intervenção, enquanto que a fotografia de 1962 é, provavelmente, contemporânea ao artigo, mostrando o estado da igreja nessa data.

Devido a perspectiva distante da 1ª imagem, e a qualidade de ambas, o único elemento que sobressai é a presença de um vão na parede norte da capela-mor na imagem de 1962. Nos orçamentos relativos aos trabalhos na capela-mor, existe menção em todas de «janelão» (Palaré, 1962), «vitral» (Braz, 1962, 10 de Fevereiro) e «fresta por cima do altar [...e...] grelhagem» (Anónimo, s.d.), que parece ter sido aberto.⁹⁰ Contudo, em 1964, este vão está entaipado para servir de nicho para a imagem da Senhora da Conceição («As Festas», 1964). Todos estes orçamentos também fazem referência a desenhos ou dimensões como base de cotação dos trabalhos. A utilização do singular para descrever este vão nestes orçamentos parece afastar a possibilidade de estarem a referir-se ao desenho existente no Arquivo Paroquial, onde está representado três vitrais na parede norte da capela-mor, por trás do altar (Anónimo, s.d.b.).⁹¹

Para além deste vão, a fotografia também revela outros detalhes interessantes do estado da igreja em 1962, sobretudo nas sacristias. Nesta imagem, para além das coberturas individuais de cada um destes espaços e da capela-mor,⁹² os elementos que sobressaem são o recuo da sacristia poente relativo à parede norte da capela-mor e um pedimento barroco curvo na parede norte da sacristia nascente. Contudo, num ortofotomapa de 1979 (DGT, 1979), existe uma cobertura única que passa por cima das duas sacristias e da capela-mor.⁹³ Embora não directamente visível, esta cobertura implica a existência de uma parede coplanar com a parede norte da capela-mor. Esta

⁹⁰ É também possível que a «fresta nova» (Casquilha, s.d.b.) pode também referir a este vão, contudo, pela falta de indicações sobre a localização destas frestas, não é possível propor uma localização.

⁹¹ Este desenho, composto por planta, corte e alçado, aparenta qualidades que possa levar a sugerir que talvez pertença o projecto da igreja da autoria de Jorge de Oliveira.

⁹² A cobertura da capela-mor, de quatro águas, assemelha-se aos «telhados de tesouro» (Santos, 2015).

⁹³ A presença deste mesmo elemento noutro ortofotomapa de 1995 (CCDR, 1995) confirma que não esta relacionado com a construção da capela mortuária, localização a norte da capela-mor, concluída em 2003.

configuração existe na igreja actual, onde o espaço aberto a norte da sacristia poente é preenchido por um compartimento que serve como prolongamento desta sacristia, obrigando ao entaipamento da fresta ogival que deitava para o exterior, enquanto que o elemento barroco no exterior da sacristia nascente está ausente. Face ao exposto, em conjunto com a cobertura à vista actualmente visível dentro da sacristia nascente,⁹⁴ é lógico supor que a construção deste novo compartimento anexo à sacristia poente, e a reformulação da sacristia nascente, aconteceram antes de 1979.

Neste contexto, a existência de um orçamento que prevê «a demolição de abóboda e paredes [de uma sacristia] para reconstruir de novo sendo as respectivas paredes uma do lado nascente com uma porta e uma [...] janela, e outra do lado norte, não contendo esta porta nem janela» (Brito, 1962),⁹⁵ parece referir a sacristia nascente pela concordância entre as paredes a serem reconstruídas com as paredes exteriores deste compartimento (Brito, 1962). Contudo, as semelhanças entre as molduras exteriores da porta lateral da nave e a porta exterior desta sacristia, conjugadas com a presença continuada do «degrau exterior da porta da [sacristia nascente... que diz]: *Aqui jaz Maria do Vale mulher de Pedro Gois*» (Rosa, 1951:11),⁹⁶ pode sugerir que as obras neste compartimento só foram encetadas no topo das paredes, onde um orçamento preconizou «[fazer] uma travassão (*sic*) a tijolo e argamassa misto, no canto que se encontra todo desligado; levando a dita parede um lintel que contarnará (*sic*) os dois cantos, para a devida segurança» (Braz, 1962, 22 de Fevereiro).

Um elemento que não parece mencionado directamente em qualquer fonte são as três frestas sobre o arco cruzeiro, ausentes em 1962. Esta intervenção foi mencionada como sendo uma solução para remediar os «problemas formais» da igreja, contudo com a ressalva que «[teria] um inconveniente: não tendo a capela iluminação, essa luz superior tirar-lhe-ia ainda mais luminosidade» (Rosa, 1951:18), o

⁹⁴ Hoje este espaço serve de escritório paroquial.

⁹⁵ Embora a única sacristia com abóboda é a sacristia a poente, está parece ter-se mantida ainda intacta, com a excepção de um novo vão na parede poente, incluído a sua decoração que assemelha-se ao reboco «fingido» composto por paralelepípedos emparelhados.

⁹⁶ Hoje esta inscrição está parcialmente coberta por asfalto utilizado na repavimentação da via confinante.

que torna a sua implementação curiosa. Talvez esta intervenção tenha de ser vista em conjunto com a tentativa de abrir a fresta na capela.

Quanto as alterações no interior da igreja, os únicos vestígios do altar-mor, com o seu «retábulo moderno e já desvirtuado [...] em estilo renascença italiana e com baldaquino [...] posterior a D. Francisco Gomes» (Rosa, 1951:11),⁹⁷ do altar da N.S. do Rosário «com um interessante retábulo Luís XV, que deve ter vindo de qualquer outra parte e ter sido adaptado ali» (*id.*, *Ibid.*) e do altar do Senhor da Boa Viagem, também referido como sendo o das Almas, «com [um] retábulo vulgar» (*id.*, *Ibid.*), estão documentadas em duas fontes, o 4º volume do *Inventário Artístico do Algarve*, dedicado à talha e a imaginária, da autoria de Francisco Lameira e *A Pintura Sacra em Tavira*, da autoria de Isabel Macieira.

Neste primeiro, com a excepção de um frontal de altar, datado para depois das obras no século XVIII (Lameira, 1990:40-41),⁹⁸ as outras peças são imagens de vulto, que correspondem aos altares já descritos anteriormente: Duas imagens da N.S. da Conceição, uma datada «do século XVIII» (*id.*, *Ibid.*:42-43) e outra da «2ª metade do século XVIII», (*id.*, *Ibid.*:26-27) adquirida pela paróquia em 1825 (Anica, 2008:69-72), uma N.S. do Rosário (Lameira, 1990:32-33), Senhor da Boa Viagem (Senhor Crucificado) (*id.*, *Ibid.*:28-29) e S. António (*id.*, *Ibid.*:36-37), todos do século XVIII, e um S. Pedro (*id.*, *Ibid.*:34-35) e S. João Baptista (*id.*, *Ibid.*:38-39) do século XVII. Também está catalogado outro Senhor Crucificado (*id.*, *Ibid.*:28-29), de datação incerta, mas atribuída ao século XVII.⁹⁹ Contudo, sem possuir as competências adequadas para definitivamente datar estas peças, parece que podem existir mais duas imagens na igreja, de S. Sebastião e S. Luís de Tolosa,¹⁰⁰ do século XVII ou XVIII, com base nas semelhanças estilísticas aparentes com as já mencionadas.

⁹⁷ D. Francisco Gomes foi Bispo do Algarve entre 1789 e 1816 (Clemente, 1999:157-158), e promoveu a reconstrução de várias igrejas na Diocese, incluído a Igreja de Santa Maria de Tavira (Fernandes, 2000:111-116).

⁹⁸ Dos dados disponíveis, não é possível determinar de qual altar este frontal é proveniente.

⁹⁹ Actualmente, pelo seu tamanho diminutivo, ele é utilizado como cruz processional, sem mais informações sobre a sua localização original.

¹⁰⁰ «Saint Louis [de Toulouse] est généralement représenté idéalisé, il figure jeune en habit franciscain, avec le costume d'évêque, la crosse, la mitre et quelquefois un livre» (Tüskés, 2013:87).

A comparação entre a descrição do altar-mor em 1949 (Rosa, 1951:11) e uma fotografia dele em 1964 («As Festas», 1964) comprova a sua alteração de forma definitiva, ao mesmo tempo que confirma que a «restauração» deste espaço não foi baseada no desenho anónimo, já citado (Anónimo, s.d.b.). A comparação entre a descrição de 1949 e o estado actual dos altares laterais também comprova que houve uma alteração, embora os oragos principais dos altares se mantenham inalterados. Um orçamento onde se propõe a «[demolição] das paredes dos arcos onde izistião (*sic*) os altares para serem feitas a tijolo, fechando á parte posterior e reparando o arco que se encontro em contrário com cimentos, o outro levará uma viga a cimento para seportar (*sic*) a parede superior, imitando depois também um arco com moldura a cimento para ficaram ambos idênticos.» (Braz, 1962, 10 de Fevereiro), parece confirmar a datação desta intervenção. A semelhança entre a materialidade e estilo da ara da capela-mor e as aras das capelas laterais só reforça esta leitura.

Existem também outras peças de património integrado na igreja, embora estejam descontextualizadas. «O pedestal do púlpito [...] de mármore discretamente trabalhado» (Rosa, 1951:11) parece ter sido reaproveitado como pedestal para uma estátua do Sagrado Coração de Jesus, colocada no lado a Epístola, no patamar superior da capela-mor. Também, a referência de que «junto da porta lateral, há uma graciosa pia de água benta, constituída por uma colunazinha manuelina de capitel escavado» (*id.*, *ibid.*), pode referir-se à pia ainda aí embutida. Contudo, existe também uma colunela, de estilo manuelino, hoje colocada no lado do Evangelho, também no patamar superior da capela-mor, que serve de lucerna de azeite, que pode ou não estar associada a esta pia de água benta. Algo que complexifica a identificação destes elementos é uma «[p]roposta para uma pia nova [e] a limpeza de duas pias» (Casquilha, s.d.c). Enquanto a referência às duas pias parece identificar os elementos em forma de escalope, aparentemente oitocentistas, localizados um de cada lado da porta principal, isto deixa apenas a pia junto à porta lateral como a única outra alternativa para ser a nova. Talvez a instalação desta pia nova tenha que ser lida em conjunto com o orçamento que propõe a reconstrução da parede nascente (Braz, 1962, 10 de Fevereiro). Contudo, como no caso dos outros orçamentos, não há

maneira de saber se de facto foram concretizados. Por outro lado, sabe-se que o pedestal do púlpito e a colunela manuelina só foram colocados, após as alterações à liturgia depois do Concílio Vaticano II, visto não aparecerem numa foto da zona em torno do altar tirada em 1964 («As Festas», 1964:1).

Do «recheio apreciável» (Rosa, 1951:20), quer existente nesta igreja ou em outras, existem peças que sobreviveram às vicissitudes da história, mas cujos paradeiros são actualmente desconhecidos. Duas pinturas «em muito mau estado de conservação, sendo muito difícil a sua leitura» (Macieira, 2004:347) de S. Cristóvão e, potencialmente, S. Agostinho, tentativamente datadas a 1^a e 2^a metade do século XVII, respectivamente (*id.*, *Ibid.*:347-348), não foram localizadas na igreja durante esta investigação. Também se encontra desaparecida «uma linda custódia de prata dourada e lavrada, em estilo renascença [...] dos princípios do século XVII [...] que figurou na Exposição de Arte Sacra realizada em Faro, em 1940» (Rosa, 1951:20), cuja fotografia foi publicada na edição n.º 785 do *Povo Algarvio* («Para a História...VII», 1949:1).¹⁰¹ A mesma parece corresponder à custódia, já muito oxidada, da Gravura 39 do livro «*Visitações*» da *Ordem de Santiago no Sotavento Algarvio*, descrita como sendo «... de influência bizantina. Alfaia religiosa pertencente a um templo da circunscrição taviense» (Cavaco, 1987:357). Inquéritos encetados em busca destas peças não produziram resultados.

Chegando ao fim da investigação sobre a igreja no século XX, seria importante também falar na grande figura, para além do Pároco Joaquim Araújo, na transformação da igreja desde 1951, «o Grande Bemfeitor da Igreja da Conceição de Tavira» (Araújo, 1964, 25 de Maio), Domingos de Sousa Uva. Industrial e proprietário da Quinta do Marco em Conceição (Anica, 2008:57), foi também o «principal sócio» da construção do Hotel Vasco da Gama, em Monte Gordo, inaugurado em 1960 (Leite, 2014), «o primeiro hotel construído no Algarve a pensar nos turistas» (RTP, 2010). Foi também galardoado em 1964 pelo Papa com as «Insígnias da Ordem de São Silvestre» («A

¹⁰¹ A sua descrição é dada como tendo «[a] base é oval recortada. Não tem cálix. O pé, em taça estilizada, tem duas volutas donde pendem pingentes. Ostensório em templete formado por quatro colunas encimadas por cúpula finamente burilada» (Rosa, 1951:20).

Imposição», 1964) pelo seu mecenato.¹⁰² Para além de financiar directamente o projecto, como por exemplo, o pagamento duma parte da dívida com a Casa Nun'Alvares (Araújo, 1964, 25 de Maio),¹⁰³ envolveu-se directamente no desenvolvimento da intervenção, onde «foi de facto o grande impulsionador de tão bela obra» («As Festas», 1964:2), desde as questões relacionadas com o financiamento (Uva, 1964:1-2) até à escolha das alfaias litúrgicas (Araújo, 1964, 25 de Maio). Embora houvesse outros mecenas,¹⁰⁴ é bastante claro que, sem o seu apoio, as obras que foram encetadas não seriam viáveis.

Face ao exposto, houve grandes alterações na igreja na sequência destas obras, sobretudo no que diz respeito os altares, que foram todos reformulados. Quanto às coberturas, não foi só a cobertura sobre o corpo que foi substituído, mas também a cobertura sobre a capela-mor e as sacristias, que levaram a reformulação e ampliações destes espaços. Não se sabe ao certo a escala da intervenção que estabilizou a igreja a nascente, mas esta deve ter sido encetada entre 1961 e 1964, embora esteja ocultada dentro das próprias paredes.

É importante também destacar três obras mais recentes, para além da construção da capela funerária, anexada ao lado norte da capela-mor e com ligação através da sacristia poente, concluída em Janeiro de 2003. A primeira obra é a presença de relógios nas faces nordeste e sudoeste da torre sineira, que não estão presentes na foto de 1962.¹⁰⁵ Existem também outros indícios de intervenções na torre, nomeadamente a presença de uma lápide no seu topo, que apesar do seu estado

¹⁰² No decurso proferido por ele aquando a cerimónia de imposição, Domingos Sousa Uva refere que «já foram iniciadas no «atelier» que trabalha para as Empresas de que faço parte, os primeiros estudos para as obras de restauro de que tanto carece a Igreja de Monte Gordo» («A Imposição», 1964).

¹⁰³ Aquando da inauguração da igreja, referiu-se que ainda faltava «apetrechar a igreja com aquilo que necessita» («As Festas», 1964). As dívidas da Comissão Fabriqueira com a Casa Nun'Alvares, um fornecedor de alfaias litúrgicas sediada no Porto, perdurou até 24 de Outubro 1968, quando é finalmente paga pelo Pe. António Araújo, o novo pároco da Igreja da Conceição após a morte do Pe. Joaquim Araújo (Casa Nun'Alvares, 1968)

¹⁰⁴ «Também foi feita menção especial à colaboração que sempre tem sido prestada pelo sr. Eng. Sebastião Ramirez, à freguesia» («As Festas», 1964). Existem várias cartas no arquivo referentes a doações ao Cortejo de Oferendas de 1961, entra as quais do Bispo do Algarve (Araújo, 1961, 10 de Novembro) e do Eng. Ramirez (Araújo, 1961, 25 de Outubro).

¹⁰⁵ Relembra-se o desejo de incluir estes elementos na intervenção da igreja («A Conceição», 1960:3).

avançado de desgaste, parece ser funerária. Infelizmente, por falta de informações adicionais, não é possível atribuir uma datação relativa a estes elementos. A segunda obra é a colocação de um altar no patamar elevado dentro do corpo da igreja, provavelmente após 1965.¹⁰⁶ Por fim, a instalação do forro parcial de azulejos que envolve o interior da igreja, «oferta de Isabel Maria em memória de Maria Feleciana e Maria Leopoldina», conforme a inscrição junto à porta principal do lado do Evangelho. O cruzamento de duas fotos tiradas por Eduardo Portugal, de «Isabel Maria, filha mais velha de Francisco José Lopes da Costa» (Portugal, 1931a), «Maria Feliciano Júdice Parreira com filha ao colo, familiares de Francisco José Lopes da Costa» (Portugal, 1931b),¹⁰⁷ um processo no Ministério das Finanças de Maria Leopoldina Júdice Parreira da Costa (RFCS, 1963) e a ligação da família Júdice com a Quinta de Benamor (Com. Fab. 1961, 13 de Junho) parece identificar a donatária: Isabel Maria Júdice Parreira da Costa. Se isto for correcto, a ausência destes azulejos em 1964 («As Festas», 1964), conjugado com o carácter *in memoriam* da doação, leva a crer que este só terá sido instalado depois de 1980, ano da morte de Maria Feliciano (BillionGraves, s.d.).¹⁰⁸

Principais Resultados

Quadro 1: Fases da Evolução da Igreja da Conceição

Fase	Data	Estilo Predominante
A	<i>Terminus ante quem</i> 1484	Islâmico
1	ca. 1518 -1757	Manuelino / 1 ^a Renascença

¹⁰⁶ Em comparação com uma foto de 1964, este altar não parece estar instalado, visto que ele só se tornou um elemento obrigatório devido as alterações litúrgicas promulgadas pelo Concílio Vaticano II.

¹⁰⁷ Francisco José Lopes Costa, quem «[a]lguns estudiosos consideram-no único escritor genuinamente sintense [...foi...] contabilista da Adega Regional de Colares, funcionário do município de Sintra [...] vereador do pelouro de instrução e Cultura da Câmara Municipal de Sintra durante a década de 40 do século passado» (AMS, s.d.)

¹⁰⁸ No *website* Geneall, a data da morte de Maria Leopoldina Júdice Parreira da Costa é dada como 1963 (s.d.).

B	ca. 1565-1679	1ª Renascença
2	1757-1964	Barroco
3	1964-hoje	Moderno

As fases representadas por algarismos indicam que as alterações feitas à igreja estão comprovadas enquanto que as fases representadas por letras são intervenções hipotéticas com base em alguns indícios presentes na Igreja da Conceição de Tavira.

Fase 1 representa a igreja de uma nave com capela-mor descrita nas *Visitações* do século XVI. Os maiores elementos de património imóvel ainda existente *in situ* são o portal manuelino na fachada sudoeste e a abóboda da capela-mor. Já no fim desta fase, iniciou-se a construção da Sacristia Poente e da Torre Sineira. Uma colunela manuelina na capela-mor pode ser o único elemento do património integrado existente na igreja que resistiu até aos dias de hoje. A datação das estátuas de S. João Baptista, S. Pedro e um pequeno Senhor Crucificado ao século XVII remete este património artístico a esta fase da igreja. Noutra igreja, existem quatro tábuas identificadas por Isabel Macieira como sendo do retábulo quinhentista da capela-mor.

Para além da nave única, as perdas patrimoniais desta fase centram-se principalmente nos nove altares da igreja, seis dos quais foram construídos entre 1678 e ca. 1707. Três foram apeados entre 1707 e 1738. É provável que os restantes tenham sido eliminados após as obras da Fase 2. Se for aceite a datação ao século XVII da custódia em prata dourada, esta alfaia deve ser a mais antiga pertencente ao espólio da Igreja da Conceição. Contudo, este elemento encontra-se desaparecido. Estão igualmente desaparecidas duas pinturas de S. Cristóvão e S. Agostinho, datadas ao século XVII.

Fase 2 representa a igreja barroca que provavelmente substituiu a nave única primitiva pela configuração actual de três naves. Também nesta altura deve ter sido construído a Sacristia Poente, face a presença de um pedimento barroco na parede norte deste compartimento. Se Fase B não existe, a incorporação de *spolia* quinhentista nas arcadas explica-se pela reutilização de elementos provenientes de uma outra igreja até agora não identificada. A maior peça de património integrado

existente na igreja é a coluna de mármore que suportava o púlpito, hoje na capela-mor. Também subsiste um frontal de altar em talha. O património artístico existente na igreja desta fase são as seguintes imagens de vulto, duas N.S. da Conceição, uma Nossa Senhora do Rosário, um Senhor Crucificado (também conhecido como o Senhor da Boa Viagem), e um Santo António. É também possível que as imagens de S. Sebastião e S. Luís de Tolosa possam datar desta fase, embora estes últimos não apareçam mencionado na descrição dos altares na *Memórias Paroquiais*.

As perdas patrimónios da Fase 2 são maioritariamente devidas as obras encetada na Fase 3. Em termos arquitectónicos, a Sacristia Nascente parece ter sido pelo menos parcialmente substituída. Contudo, a maioria dos elementos destruídos foram elementos de património integrado e artístico da igreja. Os três altares existentes em 1949 foram completamente removidos, com a excepção do frontal supracitado. Também o púlpito foi removido, deixando só o seu suporte. Desapareceram também as imagens de S. Ana e S. Luzia documentadas nas *Memórias Paroquiais*, embora em data incerta.

Fase 3 representa o estado da igreja após a conclusão das obras de restauro em 1964. Estas obras incluíram a substituição da cobertura da nave, a construção de uma nova cobertura sobre as sacristias e a capela-mor, a reconstrução da Sacristia Nascente, e a construção de um novo compartimento adossado à Sacristia Poente. No interior, procedeu-se a reconstrução do altar-mor e dos altares laterais. Em data posterior ao Concílio Vaticano II, foi instalado um altar na nave da igreja conforme o novo rito. O forro parcial de azulejos no interior parece ter sido doado por Isabel Maria Júdice Parreira da Costa, talvez em data posterior à 1980. Em 2003, foi concluída a Capela Funerária que se encontra adossada à fachada nordeste da igreja.

Fase A representa uma preexistência islâmica onde hoje esta localizado a Igreja da Conceição de Tavira. A veracidade desta fase baseia-se nas semelhanças entre a orientação desta igreja com outras igrejas construídas sobre lugares de culto muçulmano, entre outras provas mais circunstanciais. Sem mais nenhuma prova, não há forma de determinar a veracidade desta observação, com excepção talvez de uma escavação arqueológica por debaixo da igreja.

Fase B representa uma hipotética campanha de obras para justificar a presença do *spolia* quinhentista nas obras da Fase 2. Contudo, não há indícios, para além destes elementos que possam ser utilizados para verificar que a veracidade desta fase.

DIVULGAR PATRIMÓNIOS

Everything that is not shared is lost

(Abelin apud Miller, 2014)

Métodos e Meios

A proposta de divulgação inicial centra-se, na sua essência, em torno de vários critérios: Um grau de interactividade entre os conteúdos do projecto de divulgação e os seus utilizadores, a possibilidade de interagir com o projecto de divulgação *in loco* e de forma remota, por intermédio de um *smartphone*, abordar de forma geral e específica, a evolução da Igreja da Conceição de Tavira, e utilizar reconstruções virtuais, nomeadamente em 3D, na criação de conteúdos para o projecto de divulgação. Com estes critérios estabelecidos, é necessário abordar mais duas questões inerentes à construção de qualquer projecto de divulgação: as condicionantes específicas relativas ao património em apreço e a definição do público-alvo do projecto. Contudo, devido à natureza dupla do projecto de divulgação, é necessário ter em conta, tanto as interacções com utilizadores *in loco* como remotamente, na sua construção.¹⁰⁹

Para Dalsgaard (2008:3), existem três factores importantes na construção de uma experiência interactiva, com base em «*Inquiry*»,¹¹⁰ «*Experience in practice*», que refere à interacção física e intelectual do utilizador com a experiência, «*Distinct experience*», que refere à capacidade de proporcionar uma sensação imediata no utilizador, onde «[f]or an experience to be perceived as special and outstanding – as fulfilling aesthetic experiences are – they must necessarily be disparate from habitual ones» (*id.*, *Ibid.*) e «*Continuous experience*» onde, via Hummels *et al.* (2003), torna-se necessário integrar a experiência da interacção, as demais experiências passadas e

¹⁰⁹ É natural que em certos aspectos, alguns elementos do projecto privilegiam uma utilização em prejuízo a outra, contudo tentou-se eliminar desequilíbrios extremos.

¹¹⁰ Dalsgaard define «*Inquiry*», através das teorias de John Dewey, como «a particular mode of understanding and engaging phenomena in the world prompted by encounters with problematic situations» (2008:3).

futuras dos utilizadores. Quanto às diferenças entre a experiência do projecto *in loco* versus remota nos factores de curiosidade, corporalidade, novidade e integrabilidade, a questão de corporalidade parece ser o elemento mais divergente, contrastando a experiência predominantemente visual e estática num *smartphone* com uma interacção mais dinâmica *in loco*, possibilitando a activação de outros sentidos para além do visual. A proximidade da experiência *in loco* também permite explorações independentes para além dos conteúdos exibidos, enquanto que a experiência remota é limitado aos conteúdos digitalmente fornecidos.

Se os conteúdos são digitais, as questões em torno das condicionantes da igreja parecem só impactar a experiência presencial, onde o acesso à Igreja da Conceição de Tavira é principalmente efectuado pelo exterior, devido ao facto da igreja só estar aberta durante o culto. Sendo assim, quaisquer conteúdos referentes a elementos no interior deviam também poder ser visualizados no exterior, criando uma oportunidade para «espreitar» através das suas portas fechadas, para contemplar as histórias encerradas nela. Também é importante ter em conta as limitações impostas pelo trânsito rodoviário na antiga Canada que confina com a igreja a nascente, e a largura diminuta do caminho entre a igreja e algumas habitações a poente.

Quanto à definição geral de público-alvo, este projecto centra-se no conceito, talvez já *démodé*, onde «participation (and non-participation) is based on an essentially passive and reactive vision in which people can decide whether or not to experience [a] cultural offer, but only within a rigid and standard mechanisms of consumption and experience» (DGEC, 2015:3), sobretudo devido às limitações inerentes ao implementar a alternativa preferida, que requer uma participação mais activa das comunidades que interagem com o património na construção da experiência (*id.*, *Ibid.*).¹¹¹

Em termos da definição do público-alvo para a experiência presencial, o papel do turismo no desenvolvimento dos complexos residenciais que rodeiam a igreja, que ficam não só sobrelotados com veraneantes durante a época alta, mas cada vez mais,

¹¹¹ Embora seria possível incorporar estas preocupações neste projecto, a limitações inerentes à dissertação não permitiu a sua implementação.

com o número crescente de habitantes permanentes e temporários fora dessa época (Castro, 2025), contrasta com a falta de valorização da igreja como destino turístico, para além de uma pequena placa à porta.¹¹² Pelas condicionantes da igreja já mencionadas, não vai ser possível, especialmente através deste projecto, transformar a igreja num destino turístico. Contudo, talvez exista uma maneira de tomar partido da população que reside perto da igreja, no seu dia a dia, chamando a sua atenção, através de indícios físicos chamativos no exterior da igreja, *calls to action* visuais,¹¹³ onde estes elementos novos podem despertar a curiosidade das pessoas que transitam junto à igreja, potenciando a sua transformação em turistas *acidentais*, «those would-be visitors who had not planned to attend a site of memory but ended up doing so because of the site's proximity to another existing attraction or daily route» (Haskins & Rancourt, 2016:2).¹¹⁴

Tal como na discussão do público-alvo *in loco*, a escolha do público-alvo digital deve tomar partido de oportunidades existentes, não só para maximizar o número possível de interacções, mas também para concretizar os objectivos definidos. Ao mesmo tempo, existe o problema de poder consultar os mesmos conteúdos do projecto de divulgação não só digitalmente, mas também *in loco*. Desta forma, a escolha da utilização das redes sociais para satisfazer ambos estes requisitos, onde ao mesmo tempo existe uma comunidade de potenciais visitantes digitais e que pode servir como um contentor de conteúdos do projecto, parece ser apropriado.¹¹⁵ Devido a esta capacidade, não é de estranhar então que duas das maiores redes sociais no

¹¹² Existe uma pequena placa informativa trilingue básica, perto da entrada principal da igreja.

¹¹³ «A call to action (CTA) is a marketing tool to prompt an immediate response or encouragement» (Mejtoft *et al.*, 2021:406).

¹¹⁴ «The term “accidental tourist” was popularized by Anne Tyler’s (1985) novel by the same name. Tyler’s protagonist, Macon Leary, is a travel writer who hates travel and whose readers are “people forced to travel on business.” Unlike typical tourists who seek variety and novelty on their journeys, the concern of Leary’s readers “was how to pretend they had never left home” (Tyler’s, 1985)» (Haskins & Rancourt, 2016:12 note 1).

¹¹⁵ «Quando o critério é a penetração, o WhatsApp surge, pela primeira vez neste estudo, na primeira posição, com 89,9% de referências entre os utilizadores de redes sociais. O Facebook cai para o segundo lugar com um valor muito próximo (89.4%). Instagram (86.3%), Messenger (74%), YouTube (63%) e LinkedIn (52%) mantêm as posições do ano anterior» (ECO, 2025).

mundo, *Facebook* e *Instagram*,¹¹⁶ são «crucial for the transmission of history and cultural identity» (Moraes, 2023:41). Para além da ubiquidade e tamanho das suas comunidades, o aspecto mais importante é a possibilidade de tornar um acto de divulgação num acto de promoção, onde *user engagement*, ou a interactividade entre o criador dos conteúdos e os seus «consumidores», através de *likes*, *shares*, *replies*, etc. (Moraes, 2023:41),¹¹⁷ afecta os algoritmos que determinam o raio de visibilidade dos conteúdos dentro da própria rede social (Germano *et al.*, 2025:1), alargando o número de possíveis visitantes virtuais ao tornar-se *viral*.¹¹⁸ Também existe uma certa simetria, onde uma crescente popularidade do projecto de divulgação *in loco* possibilita visitas de turistas *propositados*, enquanto que um aumento de *engagement* propositado com o projecto de divulgação digital, aumenta a probabilidade de encontros *acidentais*, impulsionado pela lógica do algoritmo.

Experiência e Implementação

Antes de mais é necessário investigar duas questões, a descrição dos conteúdos propostos para o projecto e a maneira de ligá-los à experiência do visitante ao lado da Igreja da Conceição de Tavira. Como já foi abordado, a utilização de reconstruções integrais não parece ser o método adequado para contar a história deste património, embora ela possa ainda ser utilizada na reconstrução de elementos pontuais do património para os quais existem dados suficientes. A necessidade de procurar outras formas de reconstruir património levou à descoberta dos trabalhos de Zoltán Kerényi,¹¹⁹ Sergey Larenkov e Jason Powell, onde, cada uma com a sua

¹¹⁶ «[T]he platforms of social media, namely Facebook and Instagram, have been playing a vital role in the promotion of cultural and heritage tourism, as they are the medium that most impacts the activity of Portuguese entities and organizations» (Moraes, 2023:41).

¹¹⁷ «Moreover, the most effective and widely used strategy is "user generated content", as this humanizes experiences and brings individuals together on social media, creating a kind of online community» (Moraes, 2023:41).

¹¹⁸ «A defining feature of these platforms is the use of recommendation algorithms that rank content based on measures of user engagement—most commonly clicks, likes, shares, or retweets. Put simply, these algorithms decide what information to show to users and, importantly, also in what order to show it» (Germano *et al.*, 2025:1).

¹¹⁹ Em húngaro, o nome de família normalmente antecede o nome próprio quando é escrito, contudo para simplificar a leitura deste ensaio, decidiu-se inverter esta ordem para alinhar com as práticas portuguesas.

técnica, sobrepõem fotografias antigas no seu contexto actual, tendo em conta o alinhamento e perspectiva de ambas imagens. À primeira visita, a utilização deste conceito neste projecto de divulgação parece ser só uma maneira criativa de transmitir conhecimentos sobre o passado de um património. Ao analisar mais profundamente as imagens produzidas por estes fotógrafos, percebe-se que existe uma diferença nas técnicas utilizadas por cada um para criar estas imagens.

Nas sobreposições de Kerényi, a imagem antiga é ligeiramente emoldurada em branco. Embora não se saiba se este elemento se deve às características originais da fotografia ou se é uma escolha estética, mas a sua presença sublinha a separação temporal entre as imagens através da sua separação física. Nos trabalhos de Larenkov, ele utiliza programas de edição digital para eliminar as distinções entre as duas imagens, onde a imagem antiga parece estar a emergir do nevoeiro do tempo para habitar o mundo actual, eliminando a distância temporal que os separa pelo realismo da sobreposição. Por outro lado, a técnica empregue por Powell é de tirar uma fotografia de si próprio a segurar uma cópia impressa da fotografia antiga *in loco*. Neste caso, a fotografia que mostra a sobreposição é o resultado de uma história que culminou nesse momento, onde a viagem temporal do fotógrafo se espelha na viagem temporal do objecto fotografado, unidos no momento da sobreposição.

Para além das questões estéticas, não obstante a sua importância (Dalsgaard 2008:3), a maneira em que as imagens são sobrepostas também influencia a informação transmitida pela própria sobreposição. Esta observação alinha-se com o conceito desenvolvido por Marshall McLuhan onde «the medium is the message» (2001[1964]:7), um dos mantras clássicos do mundo de *marketing*. Seguindo a lógica de McLuhan, onde a «characteristic of all media, means that the “content” of any medium is always another medium», através do meio da construção da colagem se transmite a mensagem sobre a natureza fragmentar e palimpséstica da Igreja da Conceição de Tavira. Este processo é depois replicado outra vez quando, através do meio da natureza fragmentar e palimpséstica da Igreja da Conceição de Tavira se transmite a mensagem sobre a natureza fragmentar e palimpséstica da história.

Quanto à experiência do visitante remoto, este não só se centra na visualização destas «colagens», mas também nas potencialidades para *user engagement* que estas plataformas proporcionam, sendo que «the most effective and widely used strategy [for the transmission of history and cultural identity] is "user generated content", as this humanizes experiences and brings individuals together on social media, creating a kind of online community» (Moraes, 2023:41). O visitante *in loco* pode participar nesta experiência digital, enquanto também tem acesso a outro nível de sobreposições. Se o visitante tiver também fisicamente alinhado em sintonia com a imagem no seu *smartphone*, cria-se uma nova sobreposição. Este efeito torna-se ainda mais complexo na medida em que aumenta a diferença de data entre a experiência *in loco* e a fotografia utilizada para representar «a igreja actual». Face ao carácter eminentemente visual destes conteúdos, mas com a necessidade de poder incorporar texto, a utilização de *Instagram* para este projecto parece ser o mais apropriado visto que «[esta plataforma] excels in visual storytelling, making it perfect for showcasing the beauty of heritage sites through high-quality images» (Baitalik, 2025:55). Quanto ao texto, este será bilingue, (Português/Inglês) privilegiando a utilização de vocabulário não especializado, com um breve resumo do tema ligado à imagem correspondente, devidamente citada.

Os conteúdos destas colagens podem ser como nos trabalhos de Kerényi, Larenkov e Powell, uma simples sobreposição de uma imagem antiga sobre uma fotografia nova. Contudo, existe exemplos na Igreja da Conceição de Tavira onde não existem imagens de um determinado património, mas só fragmentos físicos e descrições escritas. Existem também imagens cuja perspectiva não pode ser recriada *in loco*. Sendo assim, para poder partilhar estes patrimónios, será necessário proceder à sua reconstrução virtual antes de efectuar a sobreposição, indo ao encontro dos objectivos do projecto original.

A distribuição dos pontos de interacção à volta da Igreja da Conceição de Tavira tem de obedecer ao alinhamento que resulta da perspectiva utilizada nos conteúdos em relação com a própria igreja, favorecendo experiências exteriores. Pela natureza dispersa dos pontos e a dependência do projecto em visitantes *acidentais*, não há

maneira de planear quais dos pontos um visitante vai escolher primeiro, nem se o visitante vai continuar a percorrer os pontos restantes após a primeira interacção. Sendo assim, cada um dos pontos tem de ser auto-referencial, onde cada um revela apenas um fragmento da história da igreja, espelhando, mais uma vez, a natureza fragmentar do próprio património. Contudo, isto não inviabiliza a construção de uma narrativa que liga todos os pontos, antes pelo contrário, onde a presença deste fio condutor pode servir para impulsionar um visitante a continuar a sua interacção com o projecto de divulgação após a primeira abordagem.

As implicações que este processo tem na organização dos conteúdos em torno da igreja vai ao encontro da questão da ligação do mundo real ao mundo digital. Já que são necessários indícios físicos no exterior da igreja para servir como indiciação da existência do projecto, porque não utilizá-los para outros fins. Sendo assim, o *call to action* visual que assinala a presença do projecto no terreno é transformado numa marcação colorida no pavimento,¹²⁰ composto por uma seta, indicando a direcção de visualização, um número, identificando o ponto, e um código QR,¹²¹ para aceder aos conteúdos no *Instagram*.¹²²

Para este projecto, foram escolhidos seis «pontos de interesse», onde quatro são exteriores e dois interiores. A distribuição temática dos pontos permite, com base nos resultados da investigação encetada durante esta dissertação, obter uma visão geral da evolução da igreja e o seu entorno. Os pontos resumem-se no seguinte quadro:

Quadro 1: Os Pontos de Interacção

n.º	Localização	Técnica Principal	Fonte	Tema
1	Exterior	Sobreposição 2D	<i>veduta</i> inserida na planta de José Sande	a história da povoação de Conceição

¹²⁰ Como este projecto não obteve autorização local para intervir no espaço, estas marcações são temporárias para não danificar propriedade pública.

¹²¹ Embora a utilização de códigos QR em espaços públicos apresenta riscos para os utilizados (DAUK, s.d.), os vectores de ataque através deste meio são maioritariamente através da sua utilização em emails fraudulentos ou *quishing*. (NCSC, s.d.).

¹²² *Instagram* tem uma opção integrada de partilhar conteúdos directamente por código QR.

			de Vasconcellos, datada de 1780	
2	Exterior	Sobreposição 2D	fotografia publicada em 1962 no jornal <i>Povo Algarvio</i>	a evolução da igreja entre o século XVIII e o século XX
3	Exterior	Reconstrução 3D	o alçado da proposta para reconstruir a igreja da autoria de Arq. ^{to} Jorge de Oliveira de 1954 ¹²³	a evolução da igreja após as obras no século XX
4	Exterior	Sobreposição 2D	as marcas existentes no portal principal da igreja	a evolução da igreja até o século XVIII
5	Interior / [Exterior]	Reconstrução 3D	o púlpito com base na descrição de Rosa (1951:11) e do pedestal existente na igreja	<i>spolia</i> e o seu papel na evolução da igreja
6	Interior / [Exterior]	Reconstrução 3D	o altar-mor no século XVI, com as pinturas identificadas por Isabel Macieira (2004:112-118),	o património integrado existente, disperso ou extraviado da igreja

Adaptação, Elaboração e Desvantagens

As decisões tomadas na construção do projecto de divulgação permitem extrapolar possibilidades para a sua adaptação e elaboração, ao mesmo tempo que revelam as desvantagens inerentes às escolhas.

O projecto, pela sua estrutura modular, onde pontos são independentes e não lineares, permite expandir ou adaptar a escala, densidade e organização da sua implementação. Este factor também permite a sua utilização em qualquer outro tipo de património, de forma independente ou em conjunto com outros métodos de divulgação. Contudo, a estrutura deste projecto aplica-se melhor para situações homólogas à da Igreja da Conceição, nomeadamente, patrimónios isolados, fragmentares e/ou de acesso limitado.

¹²³ Também se pode falar sobre a importância das «obras incriadas» (Serrão, 2001:12) no conhecimento na evolução histórico deste património.

Esta adaptabilidade também permite a criação de roteiros culturais, quer dentro do próprio património e/ou entre patrimónios. A estrutura do roteiro «supone la extensión del modelo de guía turística del ámbito urbano a espacios más amplios, contribuyendo a la expansión de la actividad a territorios anteriormente poco transitados» (Hernández Ramírez, 2011:226), podendo ser organizados de várias maneiras, como por tema ou geografia, entre outros (WTO, 2015:39-41). Por outro lado, a criação de roteiros pode trazer problemas como «descontextualización del patrimonio, [...ou...] desarticulación de los territorios donde se enclavan» (Hernández Ramírez, 2011:235).

Neste aspecto, pode imaginar-se a criação de um roteiro na Igreja da Conceição de Tavira, centrada nas várias lápides funerárias fragmentares espalhadas dentro e fora da igreja, como no «degrau exterior da porta da [sacristia nascente]» (Rosa, 1951:11),¹²⁴ ou nos dois fragmentos que estão embutidos na parede exterior da praça defronte da porta principal.¹²⁵ Também, dentro da igreja existem duas lápides, uma perto da coluna adossada da parede sul, do lado da Epístola, onde é possível ler a abreviação para herdeiros e outro fragmento no topo da torre sineira.¹²⁶ Uma comparação da presença de algumas lápides no patamar lajeado que ocupa parte da nave junto das capelas na Igreja da Conceição de Tavira, que aparentam ter inscrições numéricas, com elementos homólogos na Igreja de Cacela Velha, que também ostentam não só numeração, mas epígrafos funerários, serve como exemplo das possibilidades de construir um roteiro entre ambos.

Quanto ao meio de divulgação utilizado, uma solução óbvia seria alargar os conteúdos para outras plataformas, como *Facebook*, contudo existem outras maneiras em que este projecto pode ser adaptado. A própria organização do projecto pode ser alterada ao tornar o projecto analógico, onde, em vez de interagir com ele através de dispositivos digitais, os meios de interacção permitem construir a perspectiva

¹²⁴ Hoje esta inscrição está parcialmente coberta por asfalto utilizado na repavimentação da via confinante.

¹²⁵ Com as inscrições «SPA DE» e «NO D 1816»

¹²⁶ A presença desta lápide no topo da torre pode indicar que este elemento foi reformulado após o início da sua construção em 1565.

necessária são fisicamente dispersos pelo ambiente, onde a experiência de utilizá-los determina o grau de matização entre instalação artística e ferramenta didáctica. Esta opção, não só permite que visitantes que não tenham, ou não queiram, utilizar o seu dispositivo e/ou as redes sociais para interagir com o projecto, mas também, reforça a utilização do *call to action* visual na transmissão dos conteúdos. Contudo, esta abordagem sofre dos mesmos problemas que qualquer outra instalação pública, com questões de manutenção e vandalismo. Outro factor é o carácter físico da própria informação transmitida, não tendo a capacidade do meio digital de actualizar ou modificar conteúdos de uma forma rápida e não destrutiva.

Alternativamente à proposta anterior, este projecto pode ser também totalmente virtualizado, quer na sua experiência, através de Realidade Aumentada (AR), Realidade Virtual (VR), quer na utilização de reconstruções 3D das perspectivas e objectos visualizados. Exemplos da implementação destas técnicas existem na Catedral de Jaen, em Espanha, onde é possível visualizar áreas do edifício normalmente inacessíveis, por exemplo, as esculturas que rematam a fachada principal, ou na experiência *Titanic: A Voyage Through Time*, que oferece uma visita ao navio antes, durante e depois do seu afundamento demonstram as potencialidades destas novas tecnologias na divulgação do património. Aliado a este tema, podem ser também desenvolvidas aplicações dedicadas para *Android* ou *iPhone* para proporcionar os conteúdos. Enquanto alguns dos patrimónios da Igreja da Conceição, como a custódia extraviada, beneficiariam desta abordagem onde se torna possível visualizar e manipular os objectos digitais, a sua implementação requer muitas vezes conhecimentos especializados ou recursos financeiros para serem concretizados.

CONCLUSÃO

Síntese

Em conclusão, as origens da Igreja da Conceição de Tavira começam no século XVI, com um edifício de nave única com capela-mor, custeado não só pelos fregueses, mas por várias elites residentes em Tavira, sem descontar a possibilidade de uma pré-existência antes desta campanha de obras. Situada em terrenos da propriedade da Ordem de Santiago e com a sua cura compartilhada entre esta ordem e o Bispo do Algarve, ao longo das próximas décadas, ela é enriquecida com construções complementares, como uma torre sineira, uma sacristia, e altares, pelo menos nove no total, não obstante a ameaça de degradação devido à falta de recursos para a sua manutenção.

Em meados do século XVIII, é encetada uma grande reforma na igreja, cuja escala e precisa envergadura se desconhece, embora pareça ter sido neste momento que a igreja toma a sua forma actual de três naves. Contudo, a presença de *spolia* datáveis ao século XVI utilizados na sua construção complexifica esta datação. A justificação mais plausível para reconciliar este paradoxo é a reutilização de elementos arquitectónicos datáveis ao século XVI aquando a construção no século XVIII, procedentes de outro edifício ou da própria Igreja da Conceição de Tavira.

Outra campanha de obras entre 1961 e 1964 tornou a igreja no edifício que hoje existe, removendo muito do pouco património integrado que sobreviveu até essa data, embora a natureza fragmentar da documentação acerca desta intervenção torne difícil afirmar a sua escala, fora as oportunidades de comparação entre a igreja existente e as várias fontes consultadas.

Com base na investigação encetada, o projecto de divulgação proposto para este património visava utilizar reconstruções 3D integrais da evolução arquitectónica da Igreja da Conceição de Tavira para proporcionar uma experiência interactiva, tanto para o visitante *in loco* como remoto. Contudo, após a conclusão das pesquisas sobre a igreja, a falta de fontes primárias visuais em geral, em conjunto com a falta de

evolução significativa do exterior, obrigou a uma reavaliação da utilização desta técnica como forma exclusiva para o projecto de divulgação.

Tendo em conta os critérios definidos para o projecto de divulgação e as condicionantes do património, optou-se por proporcionar uma experiência onde, *in loco*, seis pontos de interacção foram assinalados. Estes pontos não só privilegiam o encontro casual com os transeuntes em torno da igreja, ao convidar uma interacção não-planeada, criando visitantes *acidentais*, mas também orientam os visitantes na utilização e acesso ao projecto de divulgação. Os conteúdos do projecto de divulgação, baseados no trabalho dos fotógrafos Zoltán Kerényi, Sergey Larenkov, e Jason Powell, que inserem uma fotografia antiga dentro de uma vista actual homóloga, utilizam esta técnica de sobreposição do passado e presente para reconstruir elementos, em 2D e 3D, do património da igreja em forma digital.

A utilização da rede social *Instagram* para alojar estes conteúdos não só permite que sejam acessíveis durante a experiência presencial, mas também tira partido da comunidade já existente nela, da capacidade de estes utilizadores interagirem com os conteúdos através das ferramentas para *user engagement* inerentes à plataforma, e das possibilidades de uma divulgação mais ampla do património.

Conclusão

A «descoberta» dos documentos inéditos sobre o restauro da igreja no século XX foi fortuita, proporcionando uma oportunidade excelente para contribuir com conteúdos originais à construção do conhecimento em torno deste património. Também foi fortuita porque, sem eles, acredito que as descobertas que resultaram da aplicação dos métodos indiciários e cripto-históricos da arte às fontes existentes não teriam sido suficientes para esta dissertação não degenerar numa recapitulação das mesmas.

Contudo, é preciso sublinhar, em resposta a um dos objectivos deste ensaio, que os métodos indiciários e cripto-históricos da arte são aptos para serem utilizados para colmatar lacunas na história deste património. Através destes métodos foi possível reunir novas informações sobre a igreja em muitos pontos ao longo da sua

evolução histórica. Esta técnica até permitiu teorizar sobre uma possível etapa oculta na evolução deste património. Talvez o fracasso da aplicação destes métodos numa investigação sobre a igreja se deva a alguma característica das fontes utilizadas.

A resposta vai ao encontro da primeira questão introduzida no início deste trabalho sobre as estratégias necessárias para investigar patrimónios com documentação inconsistente. É necessário equilibrar a escala do objecto a ser estudado com a variedade de fontes existentes referentes ao objecto. A título de exemplo, só nesta dissertação alternou-se entre pesquisas genealógicas e toponímicas, seguidas de uma investigação plenamente centrada na história de arte, até chegar à análise de documentos relativos à construção civil. A necessidade de ser fluente em temas tão heterogêneos pode levar a situações onde indícios menos frutíferos, mas mais confortáveis para o investigador acabam por ser escolhidos, em detrimento dos objectivos do próprio estudo. Também pode acontecer uma escolha indevida de fontes para serem cruzadas, talvez por falta de compreensão do tema abordado, levando a incorrecções.

A falta de conteúdos originais durante a investigação impacta directamente o desenvolvimento do projecto de divulgação. Em termos gerais, seria possível implementar esta metade do projecto a partir das fontes existentes, contudo isso não correspondia à questão que foi colocada na introdução. Todavia, o desenvolvimento destas duas vertentes traz as suas vantagens. Para além de auxiliar na transmissão dos conteúdos ao público, a infiltração dos temas e das metodologias utilizadas durante a investigação no projecto de divulgação ajuda a manter a coerência geral da dissertação. Também contribui para remover um pouco do viés do investigador nas escolhas relativas à sua organização.

A utilização do projecto pelo público foi talvez o elo mais fraco da dissertação. Devido à necessidade de utilizar tintas temporárias, a escolha de giz para marcar os pontos levantou problemas quanto à colocação do código QR. Enquanto a utilização de giz para marcar as setas foi fácil, devido à complexidade do padrão do código QR, a sua marcação com giz tornou-se praticamente impossível. Em testes em que se utilizou tinta *spray*, conforme a ideia original, os códigos QR foram aplicados

correctamente. Para mitigar estas falhas, foram colocados folhetos junto dos pontos de interesse para apoiar a utilização deste projecto pelo seu público-alvo. A longo prazo, é possível explorar parcerias com o Governo local para poder instalar este projecto de uma forma mais permanente. Contudo, o alojamento dos conteúdos no *Instagram* prolonga a vida deste trabalho num espaço disponível e organizado para visitas a qualquer hora, a partir de qualquer parte do mundo. A inclusão em cada publicação de um mapa a marcar os pontos definidos permite replicar a experiência proposta *in loco*, mas de forma autoguiada.

Críticas e Avenidas para pesquisas futuras

Espera-se que este ensaio sobre a evolução da Igreja da Conceição consiga aprofundar o conhecimento sobre este património, embora a falta de fontes primárias tenha sido um problema, especialmente as relacionadas com as Visitações depois do século XVI. A indicação do paradeiro destes documentos, já mencionada em rodapé, seria o primeiro porto de chamada numa subsequente edição ou elaboração deste estudo. Embora talvez mais difíceis de localizar, se, de facto sequer existirem, são os arquivos pessoais das pessoas envolvidas nas obras encetadas na igreja durante o século XX, como Domingos Uva, Sebastião Ramirez e a família Lopes da Costa. Da mesma forma, com base nos documentos das várias entidades públicas mencionadas neste ensaio, a consulta do arquivo do Ministério das Obras Públicas também podia ser frutífera para compreender melhor a situação financeira da igreja durante esta intervenção.

Outra avenida de pesquisa centra-se em torno do projecto proposto para a Igreja da Conceição de Tavira, da autoria de Jorge de Oliveira. Para além de poder aperfeiçoar a reconstrução digital desta obra produzida neste ensaio, a consulta destes documentos pode iluminar vários aspectos da história da igreja. Como este projecto foi concebido como uma reconstrução de um edifício existente, seria necessário fazer um levantamento da igreja então existente para servir de base para o projecto proposto. Isto significa que podiam existir neste acervo desenhos rigorosos que retratem o estado da igreja antes da intervenção do século XX. Para além destes

desenhos, podem existir também fotografias e textos para complementar esta investigação. Para além dos documentos, no espírito do método cripto-histórico, uma investigação deste projecto podia revelar mais sobre o contexto em que as obras posteriores foram pensadas e desenvolvidas.¹²⁷

Outro aspecto é a falta de fontes visuais referentes à igreja. Embora algumas avenidas de pesquisa tenham sido encetadas para tentar descobrir fotografias da igreja, não foi possível encontrar imagens da igreja para além das que foram publicadas no jornal *Povo Algarvio*. Contudo, num espírito de *crowdsourcing*, uma fonte potencial para enriquecer uma futura investigação seria um apelo público para fotografias. Sendo que muitos dos eventos que ocorrem na igreja, como casamentos e baptizados, são fotografados, os fregueses da igreja devem ter um vasto acervo de informação sobre a história da igreja em sua posse. Da mesma forma, através das redes sociais, seria possível alargar o número de pessoas a quem este pedido é feito, aumentando o número de fontes disponíveis para estudar a evolução da igreja.

Em linha com esta vertente, outra grande fonte são as histórias orais. Como já foi visto neste ensaio, a sua utilização já tem precedentes na construção do conhecimento sobre a igreja. Mas, como já passaram mais de 60 anos deste o início das obras encetadas no século XX, este acervo arrisca-se a minuar a cada dia que passa. Então, torna-se urgente uma investigação nesta área para poder recolher estes testemunhos antes que seja demasiado tarde. Em linha com o estudo de Abranches e Horton, estas duas abordagens têm a vantagem de incluir o público na construção do conhecimento sobre o seu próprio património.

Não houve, para além da breve investigação sobre a custódia, pesquisas sobre as alfaías litúrgicas. Através das *Visitações* do século XVI, sabe-se que a igreja foi fornecida com uma ampla quantidade de artigos desde a sua construção, entre os quais alguns têxteis provenientes da Flandres e de Arras (Cavaco, 1987:86). Rosa refere que «[e]m 1752, a igreja tinha de prata grandes peças de valor, que excediam

¹²⁷ Neste aspecto, o método cripto-histórico «[a]judar a iluminar [...] comportamentos específicos de estilos de artista, conflitos de gosto, preconceitos de mercados ou grupos sociais na circunstância influentes. Clarifica tendências, opções de encomenda e linhas de programação estética» (Serrão, 2001:12)

600.000 réis» (1951:20). Contudo, mesmo em 1949, havia pouco deste património ainda existente na igreja. A questão, que também Rosa pergunta, do paradeiro deste património ainda está por descobrir. Embora, como estes objectos são normalmente feitos de metais preciosos, em tempos de crise ou de guerra, eles são derretidos. Entre as razias magrebina, incursões espanholas e a Guerra Napoleónica, sem falar da precária situação financeira da igreja, já abordada, não é de admirar que estas alaias não tenham chegado até aos dias de hoje.

Contudo, mesmo sem os objectos, a descrição deles em fontes existentes pode servir para investigar outros aspectos da história da Igreja da Conceição de Tavira. Por exemplo, a presença de objectos provenientes dos Países Baixos pode levar a uma discussão sobre a economia da região de Tavira durante o século XVI, seguindo a linha dos estudos já encetados nesta área por Joaquim Romero Magalhães no seu livro *O Algarve Económico 1600-1773* (1993). Também, a breve discussão sobre os mecenas que forneceram à igreja com estes objectos pode ser aprofundada para uma investigação mais alargada sobre a sociedade taviense neste período.

A presença de desenhos referentes a uma «obra incriada» para a Igreja de Cacela Velha, entre outros documentos que se referem a esta igreja, no Arquivo Paroquial explica-se pelo facto do Pe. Joaquim Araújo ser o pároco das duas freguesias. Infelizmente, uma breve pesquisa do Arquivo Paroquial de Cacela Velha não produziu resultados. Mas, a presença de património de uma igreja numa outra igreja, como no caso já citado dos elementos do retábulo quinhentista descobertos por Isabel Macieira, revela outra avenida de futuras pesquisas. Talvez uma investigação que cruze as fontes documentais do património da Igreja da Conceição de Tavira com uma pesquisa de objectos em igrejas circundantes possa revelar o paradeiro de alguns dos objectos que permanecem desaparecidos.

Aliado a esta pesquisa, e à luz da recente redescoberta na Ermida de Santo António, em Castro Marim, de fragmentos arquitectónicos pertencentes à igreja de Santo António de Arenilha, a povoação precursora de Vila Real de Santo António, fontes documentais podem ser investigadas para tentar encontrar a origem das peças de *spolia* quinhentista utilizadas durante a construção da igreja setecentista.

Muitas das lacunas referentes ao projecto de divulgação, tanto ao nível metodológico como na sua implementação, centram-se na «distribuição do peso» dado entre as pesquisas sobre a igreja e a sua divulgação, onde foi dada uma maior atenção ao projecto de investigação sobre a história da igreja. Face ao exposto, existe uma panóplia de temas que não foram abordados. Uma investigação mais aprofundada das teorias e técnicas em torno de *exhibition design* podia ter ajudado a mitigar alguns problemas que o projecto de divulgação teve na sua vertente presencial. Quanto à faceta digital, uma investigação sobre *marketing* e *branding* podia ter ajudado na difusão dos conteúdos do projecto pelas redes sociais, auxiliando, por sua vez, a divulgação da história da Igreja da Conceição de Tavira.

Existem também elementos singulares de património da igreja, que pelo tema desta dissertação, não foram possíveis integrar neste ensaio, mas que merecem ser estudados, como um pergaminho da chancelaria do rei francês Luís XIII,¹²⁸ reutilizado para encadernar o *Livro de Receita de Despesa da Confraria de N.S. do Rosário* de 1678 e 1737, onde infelizmente, a metade que funcionava como contracapa já não existe.

¹²⁸ Enquanto o estado fragmentar do documento complica a sua análise, a presença do início da frase «Car ainsy nos...» parece fornecer a uma datação para o reinado deste monarca (Mas-Latrie, 1881:562).

Bibliografia

Arquivo Digital do Ministério das Finanças

REPARTIÇÃO DE FINANÇAS DO CONCELHO DE SINTRA [RFCS]. (1963, 18 de Agosto). *Maria Leopoldina Judice Parreira da Costa*. <https://purl.sgmf.gov.pt/49546/DGCI/LIS/SIN1/IS/15772>

Archivo General de Simancas

Nombramiento de procuradores hecho por el Concejo de Tavira, a favor de Fernand Álvarez y Vasco Lourenzo de Veyga, para jurar los capítulos del matrimonio de Juan I de Castilla con Beatriz de Portugal. (1383, 19 de Julho) ES.47161.AGS//PTR,LEG,48,17

Arquivo Histórico da Diocese do Algarve

BARRETO, Francisco. (1674). *Contituiçoens Synodaes do Bispado do Algarve...*
SILVA, António Pereira da. (1705-1714). *Livro pera me governar no Bispado...*

Arquivo Histórico Municipal de Tavira

Títullo das fontes, caminhos e poços. (1573). *Livro de Registo ou Reforma dos Tomos da Câmara*, 1º Livro, folios 151vº-153

Títullo dos próprios do Concelho - foro na barroca da gomeira. (s.d.) *Livro de Registo ou Reforma dos Tomos da Câmara*, 1º Livro, folio 177

Arquivo Municipal de Lisboa

PORTUGAL, Eduardo. (1931a, 13 de Setembro). *Isabel Maria, filha mais velha de Francisco José Lopes da Costa*. <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/x-arqweb/Result.aspx?id=296645&type=PCD>
PT/AMLSB/POR/000123

PORTUGAL, Eduardo. (1931b, 13 de Setembro). *Maria Feliciano Júdice Parreira com filha ao colo, familiares de Francisco José Lopes da Costa*. <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/x-arqweb/Result.aspx?id=296653&type=PCD>
PT/AMLSB/POR/13/000131

Arquivo Paroquial da Igreja da Conceição de Tavira

- *Pasta «Documentos referentes ao Restauro da Igreja Paroquial da Conceição de Tavira 1961»*

AMARAL, Félix de. (1962, 11 de Janeiro). [Ofício n.º 55/62 do Ministério das Obras Públicas em resposta a carta do Pe. Araújo, em nome da Comissão, de 13 de Outubro 1961]

ANDRADE, Mateus Guedes José. (1962, 21 de Março). *Orçamento de Pintura para a Sagrada Igreja Paroquial da Conceição de Tavira*.

ANÓNIMO, (s.d.a). [Propostas para a execução de várias obras]

ARAÚJO, Joaquim da Silva. (1961, 20 de Março). [Carta ao Bispo do Algarve pedir a formação da Comissão Fabriqueira].

ARAÚJO, Joaquim da Silva. (1961, 13 de Outubro). [Carta em nome da Comissão Fabriqueira ao Ministro da Obras Públicas a pedir fundos para as obras].

ARAÚJO, Joaquim da Silva. (1961, 25 de Outubro). [Carta de Agradecimento ao Eng. Sebastião Ramirez pela sua doação].

ARAÚJO, Joaquim da Silva. (1961, 10 de Novembro). [Carta de Agradecimento ao Bispo Francisco Rendeiro pela sua doação].

ARAÚJO, Joaquim da Silva. (1961, 11 de Dezembro). [Carta a Maria Luiza Ribeiro Júdice a pedir a continuada utilização da Capela de Benamor para o culto paroquial].

ARAÚJO, Joaquim da Silva. (1962, 7 de Agosto). [Carta em nome da Comissão Fabriqueira ao Bispo do Algarve em resposta ao Ofício de 26 de Julho 1962].

ARAÚJO, Joaquim da Silva. (1963, 13 de Dezembro). [Carta em nome da Comissão Fabriqueira ao Comissário de Desemprego].

ARAÚJO, Joaquim da Silva. (1964, 9 de Março). [Carta ao Bispo do Algarve pedir mais tempo para responder a carta enviada a 3 de Março 1964].

ARAÚJO, Joaquim da Silva (presumido). (s.d.a). [Carta a pedir a intervenção do Governador Civil perante o Ministro das Obras Públicas].

ARAÚJO, Joaquim da Silva (presumido). (s.d.b). [Carta manuscrita em resposta ao Ofício de 26 de Julho 1962].

BRAZ, José dos Santos. (1961, 22 de Dezembro). *Recibo* [da primeira prestação para as obras da cobertura].

BRAZ, José dos Santos. (1962, 22 de Fevereiro). *Orçamento para reparação da sacristia da Igreja da N. S.^{ra} da Conceição de Tavira...*

BRAZ, José dos Santos. (1962, 29 de Março). *Recibo* [da segunda prestação para as obras da cobertura].

BRITO, Vitorino Fernandes. (1962, 20 de Março). *Proposta para o serviço da Sacristia da Igreja da Nossa Senhora da Conceição.*

CASQUILHA, Manuel da Conceição G. (s.d.a). [«Proposta para a limpeza do arco de entrada do altar...]

CASQUILHA, Manuel da Conceição G. (s.d.b). [«Proposta para uma Fresta nova...]

CASQUILHA, Manuel da Conceição G. (s.d.c). [«Proposta para uma pia nova...]

CASQUILHA, Manuel da Conceição G. (s.d.d). [«Proposta para a limpeza de clunas é arcos...]

CASQUILHA, Manuel da Conceição G. (s.d.e). [«Proposta para a limpeza das cantarias da porta principal...]

COMISSÃO FABRIQUEIRA DA IGREJA PAROQUIAL DE CONCEIÇÃO DE TAVIRA. (1961, 13 de Junho). *Declaração* [de autorização para utilizar a Capela de Benamor para o culto paroquial].

COMISSÃO FABRIQUEIRA DA IGREJA PAROQUIAL DE CONCEIÇÃO DE TAVIRA. (1961a, 15 de Outubro). [Carta de peditório os «proprietários da freguesia»].

COMISSÃO FABRIQUEIRA DA IGREJA PAROQUIAL DE CONCEIÇÃO DE TAVIRA. (1961b, 15 de Outubro). [Carta de peditório aos «não habitantes da Freguesia mas [...] nela possuem propriedades ou quaisquer outros bens»].

COMISSÃO FABRIQUEIRA DA IGREJA PAROQUIAL DE CONCEIÇÃO DE TAVIRA. (1961c, 15 de Outubro). [Carta de peditório aos naturais da Freguesia que já não vivem nela].

COMISSÃO FABRIQUEIRA DA IGREJA PAROQUIAL DE CONCEIÇÃO DE TAVIRA. (1962, 29 de Junho). [Carta ao Ministro da Obras Públicas referente ao Ofício n.º 55/62 de 11 de Janeiro 1962].

COMISSÃO FABRIQUEIRA DA IGREJA PAROQUIAL DE CONCEIÇÃO DE TAVIRA. (1964, 1 de Abril). [Carta ao Ministro das Obras Publicas].

Contracto de Execução da Empreitada de “Reparação da Igreja Matriz da Conceição de Tavira”. (1961, 2 de Outubro).

FERREIRA SUC., José Joaquim. (1961, 2 de Dezembro). [Nota de Crédito para materiais de construção referentes as obras da cobertura]

FERREIRA SUC., José Joaquim. (1962a, 6 de Março). [Proposta para «uma porta para o alçado Nascente da Igreja»]

FERREIRA SUC., José Joaquim. (1962b, 6 de Março). [Proposta para obras de demolição e reconstrução «da parede nascente e um troço da parede sul»]

GRAÇA, Aníbal da. (1962, 11 de Março). *Proposta* [«Proposta para a execução de trabalhos conforme os desenhos...»]

GONÇALVES, Luiz Viegas. (1962, 10 de Fevereiro). [Recibo para serviços de cantaria].

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS. (1963, 23 de Dezembro). [Ofício da Repartição do Fundo de Desemprego em resposta a carta do Pe. Araújo, em nome da Comissão, de 13 de Dezembro 1963].

PALARÉ, Manuel Rodrigues. (1962, 5 de Março). [Orçamento para «executar um altar, janelão e banquetas...»]

RENDEIRO, Francisco. (1962, 26 de Julho). [Carta a Comissão Fabriqueira a pedir esclarecimentos sobre as obras na Igreja da Conceição de Tavira].

RENDEIRO, Francisco. (1964, 3 de Março). [Carta ao pároco a pedir esclarecimentos sobre as obras na Igreja da Conceição de Tavira].

- Pasta «Feunas» [Sem Título]

ANÓNIMO (s.d.b). *Igreja da Conceição* [Planta, corte e alçado da capela-mor].

ARAÚJO, Joaquim da Silva. (1964, 25 de Maio). [Carta em nome da Comissão à Casa Nun'Alvares em resposta à dívida da Comissão Fabriqueira].

CASA NUN'ALVARES. (1968, 24 de Outubro). [Carta a acusação a recepção do último pagamento].

UVA, Domingos Sancho de Sousa, (1964, 8 de Maio). [Carta ao Pe. António Araújo].

-Livros ou Documentos Soltos

ANÓNIMO. (s.d.c). *Planta R/Ch*

ANÓNIMO. (s.d.d). *Planta 1º andar*

ANÓNIMO. (s.d.e). *Corte A-A e Alçado Nascente*

ANÓNIMO. (s.d.f). *Corte B-B e Corte C-C*

COMISSÃO FABRIQUEIRA DA IGREJA PAROQUIAL DE CONCEIÇÃO DE TAVIRA. (1961, Abril-Outubro). *Livro de Actas da Comissão Fabriqueira da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Tavira*.

COMISSÃO FABRIQUEIRA DA IGREJA PAROQUIAL DE CONCEIÇÃO DE TAVIRA. (1961-1962). *Livro Caixa da Comissão Fabriqueira da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Tavira*

CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO. (1678-1737). *Livro de Receita de Despesa da Confraria de N.S. do Rosário*.

Arquivo Nacional Torre do Tombo

Carta de Fforo dua ssessega dazenha qe e val de tregeyos no Algarue. (1323, 3 de Janeiro) *Chancelaria de D. Dinis*, Livro IV, folio 93 v.º

Carta do corregedor de Tavira para o rei em que lhe dá conta dos mouros, que teve notícia de que esperavam festas na Gomeira e termo desta cidade de Tavira (1548, 3 de Janeiro). *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 80, n.º 3

Carta de Simão de Meneses pedindo ao rei ordenasse por alvará que os moradores da Gomeira e outros lugares do Algarve vigiassem os lugares da costa para evitarem qualquer invasão dos mouros, de quem se viam assaltados continuamente. (1548, 28 de Abril). *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 80, n.º 92

Carta de frei Jorge de Beja dando parte à rainha da opressão em que estava o povo de Tavira pelas vigias da gomeira. (1588, 22 de Junho). *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 102, n.º 111

Conceição (Senhora da), Tavira. (1758a). *Memórias paroquiais*, vol. 11, nº 366, p. 2509 a 2516

Santa Maria Maior, Tavira (1758b). *Memórias paroquiais*, vol. 36, nº 26, p. 131 a 138

Biblioteca Nacional de Portugal

CASTRO, Damião António de Lemos Faria e (1751). *Política Moral e Civil Aula da Nobreza Lusitana* (Tomo IV). Oficina de Francisco Luiz Ameno. <https://purl.pt/13935>

DIOCESE DO ALGARVE. (1554). *Constituicoens do bispado do Algarue*. RES-119-A. <https://purl.pt/14796>

VASCONCELLOS, José de Sande (1773-1774). *Mappa das terras dªAlmargem*. Carta Parietal nº 19. <https://purl.pt/23685>

VASCONCELLOS, José de Sande (1780). *[Cidade de Tavira e seus arredores]*. Carta Parietal nº 2. <https://purl.pt/22228>

VASCONCELLOS, José de Sande (1793-1795). *Borrão de campo de huma legoa d' suburbios orientaes de Tavira*. Carta Parietal nº 42. <https://purl.pt/24770>

Portal do Arqueólogo

Arrancada, CNS 1134

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=47688>

Calçadinha, CNS 29588

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2696611>

Canada, CNS 7637

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=52977>

Horta da Canada, CNS 1133

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=47687>

Mato de Ordem 2, CNS 29593

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2697315>

Quinta da Freitas, CNS 5132

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=51582>

Serra da Conceição, CNS 7638

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=52978>

Tavira – Solar dos Corte-Reais, CNS 14212

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=57969>

Hemeroteca Digital do Algarve

«A Conceição a sua festa anual e os anseios da sua população». (1954, 26 de Setembro). *Povo Algarvio* n.º 1055, p. 2.

http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1954-09-26_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf

«A Conceição de Tavira estará em festa no próximo dia 8». (1960, 4 de Dezembro). *Povo Algarvio* n.º 1378, pp. 1 e 3.

http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1960-12-04_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf

«A Freguesia da Conceição Celebra a sua Festa Anual». (1949, 18 de Setembro). *Povo Algarvio* n.º 793, p.1. http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1949-09-18_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf

«A Igreja Matriz da Conceição de Tavira». (1960, 30 de Outubro). *Povo Algarvio* n.º 1373, pp. 1 e 3. http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1960-10-30_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf

«A Imposição da Insígnias da Ordem de São Silvestre ao benemérito da Igreja Sr. Domingos Uva». (1964, 3 de Maio). *Povo Algarvio* n.º 1559, pp. 1-2. http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1964-05-03_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf

«As Festas de Nossa Senhora da Conceição na sua Igreja Restaurada». (1964, 12 de Janeiro). *Povo Algarvio* n.º 1543, pp. 1-2. http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1964-01-12_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf

«Cortejo de Oferendas na Conceição». (1951, 21 de Outubro). *Povo Algarvio* n.º 902, pp. 1 e 3. http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1951-10-21_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf

«Feira e Festa na Conceição de Tavira». (1960, 14 de Agosto). *Povo Algarvio* n.º 1362, pp. 1-2. http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1960-08-14_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf

- «Feira Franca na Conceição de Tavira». (1974, 13 de Julho). *Povo Algarvio* n.º 2091. p. 1. http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1974-07-13_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf
- «Festa de Nossa Senhora da Conceição». (1961, 3 de Dezembro). *Povo Algarvio* n.º 1431. p. 1. http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1961-12-03_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf
- «Festa de Nossa Senhora da Conceição» (1962, 2 de Dezembro). *Povo Algarvio* n.º 1484. p. 1. http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1962-12-02_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf
- «Na Freguesia da Conceição vai realizar-se um cortejo de oferendas». (1951, 16 de Setembro). *Povo Algarvio* n.º 897, p. 1. http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1951-09-16_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf
- NOBRE, António Manuel (1950, Maio). ...Aqui também é Portugal. *Revista Algarvia* (n.º5). p. 70. http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/1937026_1950-05_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf
- «Nossa Senhora da Conceição» (1948, 5 de Dezembro). *Povo Algarvio* n.º 752. p.1 http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1948-12-05_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf
- «O Cortejo de Oferendas de Tavira rendeu 120 contos». (1959, 18 de Outubro). *Povo Algarvio* n.º 1319. pp. 1 e 3. http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1959-10-18_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf
- «O Cortejo de Oferendas na Conceição de Tavira». (1951, 28 de Outubro). *Povo Algarvio* n.º 903, p. 1 e 3. http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1951-10-28_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf
- «O Cortejo de Oferendas realizado no Domingo foi uma brilhante demonstração de caridade concelhia» (1954, 21 de Novembro). *Povo Algarvio* n.º 1063. pp 1-2. http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1954-11-21_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf
- «O Exemplo da Conceição de Tavira». (1961, 5 de Novembro). *Povo Algarvio* n.º 1427. pp. 1 e 3. http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1961-11-05_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf
- «Ouvindo o arquitecto Jorge de Oliveira sobre o projecto da reconstrução da igreja da Conceição». (1954, 26 de Setembro). *Povo Algarvio* n.º 1055, p. 2. http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1954-09-26_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf
- «Para a História da Conceição de Tavira VII». (1949, 24 de Julho). *Povo Algarvio* n.º 785. pp. 1-3. http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1949-07-24_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf

Legislação

Lei n.º 29/97, de 12 de julho Criação da freguesia de Cabanas de Tavira no concelho de Tavira. (1997). *Diário da República* n.º 159/1997, Série I-A de 1997-07-12. <https://data.dre.pt/eli/lei/29/1997/07/12/p/dre/pt/html>

- Lei n.º 11-A/2013, de 28 de janeiro Reorganização administrativa do território das freguesias. (2013). *Diário da República* n.º 19/2013, 1º Suplemento, Série I de 2013-01-28. <https://data.dre.pt/eli/lei/11-a/2013/01/28/p/dre/pt/html>
- Lei n.º 25-A/2025, de 13 de março Reposição de freguesias agregadas pela Lei n.º 11-A/2013, de 28 de janeiro, concluindo o procedimento especial, simplificado e transitório de criação de freguesias previsto na Lei n.º 39/2021, de 24 de junho. (2025) *Diário da República* n.º 51/2025, Suplemento, Série I de 2025-03-13. <https://data.dre.pt/eli/lei/25-a/2025/03/13/p/dre/pt/html>

Bibliografia

- ABRANCHES, Maria & HORTON, Elena. (2024). Heritage through collage: a participatory and creative approach to heritage making. *International Journal of Heritage Studies*, 30(1), 81–102. <https://doi.org/10.1080/13527258.2023.2277780>
- ARQUIVO DISTRITAL DE FARO [ADF]. (2023, 19 de Dezembro). *70 anos do Mercado Municipal de Faro*. <https://adfar.dglab.gov.pt/2023/12/19/70-anos-do-mercado-municipal-de-faro/>
- AGAREZ, Ricardo (2016). *Algarve Building: Modernism, Regionalism and Architecture in the South of Portugal, 1925-1965*. Routledge. [Numeração de Páginas Corresponde a versão e-book].
- ALVES, Adalberto (2013). *Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ANICA, Arnaldo Casimiro (1993). *Tavira e o seu Termo: Memorando Histórico*. Câmara Municipal de Tavira.
- ANICA, Arnaldo Casimiro (2008). *Monografia da Freguesia de Conceição de Tavira - Da sua criação à actualidade*. Junta de Freguesia de Conceição de Tavira
- ANICA, Arnaldo Casimiro (2011). *Monografia da Freguesia de Cabanas de Tavira - Da sua criação à actualidade*. Junta de Freguesia de Cabanas de Tavira
- ARCHIVO HISTÓRICO DE PORTUGAL (1890). Loulé. *Narrativa da Fundação das Cidades e Villas do Reino, seus Braços d'armas, etc.* (Série 2, n.º 33) pp. 130-131.
- ARQUIVO MUNICIPAL DE SINTRA [AMS]. (s.d.). *Francisco José Lopes Costa*. <https://arquivoonline.cm-sintra.pt/details?id=45830>
- BAITALIK, Anirban. (2025). Can Social Media Pave the Way for the Preservation and Promotion of Heritage Sites?. *Preservation, Digital Technology & Culture*, 54(1). pp-51-64. <https://doi.org/10.1515/pdte-2024-0041>
- BAPTISTA, Maria Ana, MIRANDA, Jorge Miguel, LOPES, Fernando, C. & LUÍS, Joaquim F. (2007). The source of the 1722 Algarve earthquake: evidence from MCS and Tsunami data. *Journal of Seismology* (n.º 11). pp. 371-380. <https://doi.org/10.1007/s10950-007-9058-y>
- BILLIONGRAVES. (s.d). *Francisco Costa*. <https://billiongraves.com/grave/Francisco-Costa/117136645>
- BRITO, Sérgio Palma (2009). *Território e Turismo no Algarve*. Edições Colibri / Centro Internacional de Investigação em Território e Turismo da Universidade do Algarve.

- CAMPS, Gabriel & VIGENT-ZUNZ, Jacques (1998). Ghomâra. *Encyclopédie berbère* (Vol. 20 Gauda-Girrei). pp 3110-3119. <https://doi.org/10.4000/encyclopedieberbere.1923>
- CANTO, Ernesto de (1883). *Os Corte-Reaes Memoria Historica acompanhada de muitos documentos ineditos*. Typographia do Archivo dos Açores.
- CASTRO, Fátima. (2025, 8 de Outubro). Novos destinos e menos sazonalidade. Turistas procuram mais que sol e praia em Portugal. *Eco*. <https://eco.sapo.pt/2025/10/08/novos-destinos-e-menos-sazonalidade-turistas-procuram-mais-que-sol-e-praia-em-portugal/>
- CAVACO, Hugo (1987). *"Visitações" da Ordem de Santiago no Sotavento Algarvio (Subsídios para o estudo da História da Arte no Algarve)*. Câmara Municipal de Vila Real de Santo António
- CAVACO, Sandra & COVANEIRO Jaquelina (2012). De Balda a Mādina Tavira sob Domínio Almóada. *Tavira Islâmica* (coord. Manuel Maia & Maria Maia) Câmara Municipal de Tavira. pp 29-39.
- CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA RELIGIOSA [CEHR]. (s.d.). Romão José da Silva. *O Clero Secular Elite Socio-Religiosa e Lideranças Eclesiásticas (Séculos XIX e XX)*. <https://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/CleroSecular/index.php/RPCC/resultados/28867>
- CLEMENTE, Manuel. (1999). D. Francisco Gomes do Avelar no episcopado do seu tempo. *Didaskalia* (28:2). pp. 157-166. <http://hdl.handle.net/10400.14/18052>
- COMISSÃO DE COORDENAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL [CCDR] (1995) Ortofotomapa. *Infraestrutura de Dados Espaciais do Algarve*. <https://idealq.ccdr-alg.pt/geoportal/mapa/viewer>
- COELHO, António Borges (1989). *Portugal na Espanha Árabe* (Vols. 1 & 2). Editorial Caminho.
- CORREIA, Fernando Calapez (1996). Visitação da Ermida de Nossa Senhora da Conceição da Guomeira. Separata de *Al-Úlya* (n.º5). pp. 201-213
- CORREIA, José Eduardo Horta. (1987). *A Arquitectura Religiosa do Algarve de 1520 a 1600*. Publicações Ciência e Vida, Lda.
- CORREIA, José Eduardo Horta. (2010). *André Pilarte no centro de uma escola regional de arquitectura quinhentista*. pp. 97-111. *O Algarve em Património. Gente Singular [Apresentado originalmente em 1988]*
- CORREIA, José Eduardo Horta. (2010). A reconstrução neoclássica de Santa Maria de Tavira. *O Algarve em Património*. pp. 183-188. *Gente Singular [Apresentado originalmente em 1996]*
- COSTA, Fernando Manuel da Conceição. (2009). *O claustro da Micha do Convento de Cristo: contributos para a sua conservação e valorização*. Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico da Universidade de Évora <http://hdl.handle.net/10174/20796>
- COSTA, João Paulo Oliveira e (2009). Infante D. Fernando (1433-1470). *Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa*. <https://eve.fcsh.unl.pt/pt/pessoas/infante-d-fernando-1433-1470>
- CUNHA, Mário Raul de Sousa. (2012). (...) *Visitando nós ora pessoalmente o dito meestrado de Santiago (...) : as igrejas da Ordem Militar de Santiago : arquitetura*

- e materiais. Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/72367>
- DALSGAARD, Peter. (2008). Designing for inquisitive use. *DIS '08: Proceedings of the 7th ACM conference on Designing interactive systems*. pp. 21-30. <https://doi.org/10.1145/1394445.1394448>
- DEFENCE ACADEMY OF THE UNITED KINGDOM [DAUK]. (s.d.). *The security risks of QR codes*. <https://www.da.mod.uk/information/the-security-risks-of-qr-codes/>
- DIREÇÃO GERAL DO TERRITÓRIO [DGT]. (1979). Rolo 79.01, Foto 0124. Webfototeca. <https://geo5.dgterritorio.gov.pt/fototeca/imagem?NUMROLO=79.01&NUMFOTO=0124>
- DIRECTORATE-GENERAL FOR EDUCATION [DGFE]. (2015). *Study on Audience Development How to place audiences at the centre of cultural organisations: Glossary*. Creative Europe programme. https://cultureactioneurope.org/wpcontent/uploads/2016/02/Glossary_website.pdf
- EKICI, Didem. (2013). The Surfaces of Memory in Berlin. *Journal of Architectural Education* (Vol. 61). pp.25-34. <https://doi.org/10.1111/j.1531-314X.2007.00147.x>
- ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. (s.d.). *Marabout*. <https://www.britannica.com/topic/marabout>
- FERNANDES, Carla Maria (1993). Inventário dos Pórticos Manuelinos no Concelho de Tavira. *II Jornadas de História de Tavira*. Clube de Tavira. pp. 51-65
- FERNANDES, Carla Varela (2000). *A Igreja de Santa Maria do Castelo de Tavira*. Edições Colibri e Câmara Municipal de Tavira.
- FERNANDES, Paulo. (2001). *Igreja Paroquial de Cacela Velha / Igreja de Nossa Senhora da Assunção*. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9557
- FERNÁNDEZ, Manuel López. (2003). Los cristianos en Tavira El Dominio Santiagista. *Tavira Território e Poder* (coord. Maria Maia & Carla Fernandes). Câmara Municipal de Tavira. pp 171-182
- FONSECA, Luís Adão de (ed.) (2006). *Livro dos Copos Vol I* (Militarium Ordinum Analecta 7). Fundação Eng. António de Almeida
- FREEMAN, Paul. The Marabout Cult in Morocco. *Transcultural Psychiatry*. 1999;36(4):531-537. <https://doi.org/10.1177/1363461599036004>
- GENEALL, (s.d.). *Maria Leopoldina Júdice Parreira Costa*. <https://geneall.net/pt/nome/642178/maria-leopoldina-judice-parreira-costa/>
- GERMANO, Fabrizio, GÓMEZ, Vicenç & SOBBRIO, Francesco. (2025). *Ranking for Engagement: How Social Media Algorithms Fuel Misinformation and Polarization*. <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.5316506>
- GINZBURG, Carlo, (1989) Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História* (trad. Carotti). pp. 143-179. Companhia da Letras.
- GORDALINA, Rosário. (2006). *Morábito de São Pedro / Capela de São Pedro*. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2827
- GORDALINA, Rosário. (2011). *Ribat de Arrifana*. Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=31965

- HASKINS, Ekaterina. V., & RANCOURT, Michael. A. (2016). Accidental tourists: Visiting ephemeral war memorials. *Memory Studies*, 10(2). pp. 164-178. <https://doi.org/10.1177/1750698016638409>
- HASSETT, Maurice (1911). Orientation of Churches. *The Catholic Encyclopedia*. Robert Appleton Company. <http://www.newadvent.org/cathen/11305a.htm>
- HERNÁNDEZ RAMÍREZ, Javier. (2011). Los caminos del patrimonio. Rutas turísticas e itinerarios culturales. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. (Vol. 9 N.º2). pp. 255-236. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2011.09.021>
- HENRIQUES, António Castro (2021). A Conquista de Tavira ao Mouros uma reconstituição crítica. *Revista de História da Sociedade e da Cultura* (Vol. 21). pp 123-141. https://doi.org/10.14195/1645-2259_21_5
- HISTÓRIAS DA GOMEIRA (2017, 29 de Março). *A origem do topónimo "Gomeira"*. <https://historiasdagomeira.com/a-origem-do-toponimo-gomeira-2/>
- HISTÓRIAS DA GOMEIRA (2023, 31 de Outubro). *As "festas dos mouros" na Gomeira no século XVI*. <https://historiasdagomeira.com/as-festas-dos-mouros-na-gomeira-no-seculo-xvi/>
- IRIA, Alberto & MARQUES, João Martins da Silva (1988). *Descobrimentos Portugueses O Algarve e os Descobrimentos* (Vol. II Tomo 1). Instituto Nacional de Investigação Científica.
- KALČIĆ, Helena. (2014). Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc and monument protection: A case study. *Urbani Izziv* (25, 2).pp. 130-142. <https://doi.org/10.5379/urbani-izziv-en-2014-25-02-005>
- KATRAKAZIS, Theocharis, HERITAGE, Alison, DILLON, Cath, JUVAN, Petra & GOLFOMITSOU, Stavroula (2018) Enhancing Research Impact. *Heritage Conservation, Studies in Conservation*, <https://doi.org/10.1080/00393630.2018.1491719>
- KERÉNYI, Zoltán. (s.d.). *Ablak a Múltra Window to the Past*. <https://ablakamultra.hu/>
- KHALILIEH, Hassan. (1999). The Ribât System and Its Role In Coastal Navigation. *Journal of the Economic and Social History of the Orient*. pp. 212-225. <https://www.jstor.org/stable/3632336>
- KHALWI, Abdallah. (2003). Tavira islâmica. Novos dados sobre a sua história. *Tavira Território e Poder* (coord. Maria Maia & Carla Fernandes). Câmara Municipal de Tavira. pp 131-146
- LAMEIRA, Francisco Ildefonso da Claudina. (1990). *Inventário Artístico do Algarve A Talha e a Imaginária* (IV – Concelho de Tavira). Secretaria de Estado da Cultura Delegação Regional do Sul.
- LAMEIRA, Francisco Ildefonso da Claudina & SANTOS, Maria Helena Rodrigues dos. (1988). *Visitação de Igrejas Algarvias Ordem de São Tiago*. Associação de Defesa e Investigação do Património Cultural e Natural dos Concelhos de Faro, Olhão, São Brás de Alportel e Tavira.
- LARENKOV, Sergey (s.d.). *Связь времен / Link to the Past*. <https://sergey-larenkov.livejournal.com/>
- LEITE, José. (2014, 8 de Janeiro). *Hotel Vasco da Gama*. <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/01/hotel-vasco-da-gama.html>

- LOBO, Susana Luísa Mexia (2013). *Arquitectura e Turismo: Planos e Projectos. As Cenografias do Lazer na Costa Portuguesa. Da 1.ª República à Democracia*. Tese de Doutoramento em Arquitetura, na especialidade de Teoria e História da Arquitetura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. <https://hdl.handle.net/10316/23799>
- LOPES, João Baptista da Silva (1841). *Corografia ou Memoria Economica, Estadistica, e Topografica do Reino do Algarve*. Typografia da Académia Real das Sciencias de Lisboa.
- MACIEIRA, Isabel. (2004). *A Pintura Sacra em Tavira – séculos XV a XX*. Edições Colibri e a Câmara Municipal de Tavira.
- MACHUQUEIRO, Pedro Urbano da Gama (2005). *A Casa Palmela e o desafio Liberal: Estratégias de afirmação*. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, secção de século XIX, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/63682>
- MACIAS, Santiago, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de, & GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana. A Mesquita/Igreja de Mértola. *Monumentos* (n.º 33). pp. 62-75. Direcção-Geral de Património Cultural.
- MAIA, Manuel (2003). Muralhas Islâmicas de Tavira. *Tavira Território e Poder* (coord. Maria Maia & Carla Fernandes). Câmara Municipal de Tavira. pp 147-154
- MAIA, Manuel & MAIA Maria (coord.) (2012). *Tavira Islâmica*. Câmara Municipal de Tavira.
- MASSAI, Alexandre (1988). Descrição do Reino do Algarve. *Aspectos do Reino do Algarve nos séculos XVI e XVII. - A «Descrição» de Alexandre Massai (1621)*. (apresentado por Lívio da Costa Guedes). *Boletim do Arquivo Histórico Militar* (57º Vol.). Arquivo Histórico Militar. pp. 89-150 [Publicado originalmente em 1621]
- MCLUHAN, Marshall. (2001[1964]). *Understanding Media*. Routledge. [Publicado originalmente em 1964]
- MEJTOFT, Thomas, HEDLUND, Jonathan, CRIPPS, Helen, SÖDERSTRÖM, Ulrik & NORBERG, Ole. (2021). Designing Call to Action: Users' Perception of Different Characteristics. *34th Bled eConference Digital Support from Crisis to Progressive Change: June 27 – 30, 2021, Online Conference Proceedings*. pp. 405-416. <https://doi.org/10.18690/978-961-286-485-9.30>
- MELNYK, Roman, VOLKOVA, Galyna, HVOZDESTKA, Mariia, BASHMANIVSKYI, OLEKSII & PEREDERII, Iryna. (2025). Digital Transformation of Cultural Heritage: Prospects and Threats. *International Journal on Culture, History, and Religion* (7 SI1). pp. 1143-1168. <https://doi.org/10.63931/ijchr.v7iSI1.381>
- MENDONÇA, Joachim Joseph Moreira de. (1758). *Historia universal dos terremotos, que tem havido no mundo, de que ha noticia, desde a sua creação até o seculo presente....* Oficina de António Vicente da Silva <https://archive.org/details/historiauniversa00mend/>
- MEZZINO, Davide. (2023). Digital Visualization for Cultural Dissemination. *SCRIES-it* (2023, n.º1). pp. 135-152. <https://hdl.handle.net/10808/56730>
- MILLER, Rachel. (2014, 19 de Março). Everything that is not shared is lost. *Allthingsic*. <https://www.allthingsic.com/smilelondon/>

- MIRANDA, Salvador (1998-2023). *The Cardinals of the Holy Roman Church Biographical Dictionary Pope Leo X (1513-1521) Consistory of July 1, 1517 (V)*. <https://cardinals.fiu.edu/bios1517-ii.htm>
- MORAES, Vera Maria Caldeira Trigo de. (2023). *The Impact of Social Media Marketing on Promoting the Cultural Heritage Tourism: A Case Study of Portugal*. Dissertação de Mestrado em Data-Driven Marketing da NOVA Information Management School Instituto Superior de Estatística e Gestão de Informação. <http://hdl.handle.net/10362/159900>
- MOURA, Delminda, GAREL, Erwan, MARTINS, Flávio, MENDES, Isabel, JANEIRO, João, JÚNIOR, Luciano, CARRASCO, Rita, SAMPATH, Ruwan, COSTAS, Susana & PIRES-VEIGA, Cristina (2019). *Relatório setor zonas costeiras e mar: vulnerabilidades atuais e futuras*. <http://hdl.handle.net/10400.1/12872>
- NATIONAL CYBER SECURITY CENTRE [NCSC]. (s.d.). *QR Codes - what's the real risk?*. <https://www.ncsc.gov.uk/blog-post/qr-codes-whats-real-risk>
- NETO, João & AVELLAR, Filipa (1991/2006). *Forte da Conceição / Forte de São João / Forte de São João da Barra / Hotel Forte de São João da Barra*. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2910
- NEVES, Francisco Manuel Coelho. (2009). *Materiais e formas na construção religiosa quinhentista*. Dissertação de Mestrado de História de Arte Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto <https://hdl.handle.net/10216/20298>
- NÓVOA, Rita Sampaio da (2019). «Breviora reddet ordo, et mens, et ratio» o "Inventário Geral dos papéis de António Xavier de Miranda Henriques" (1815). *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra* (XXXII, n.º2). pp 59-85. https://doi.org/10.14195/2182-7974_32_2_3
- ORDEM DE SANTIAGO. (1542). *Regra & statutos da ordem de Santiago*. Germão Galharde. <https://purl.pt/15154>
- OXFORD LEARNER'S DICTIONARY (s.d.). *Beating the Bounds*. <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/beating-the-bounds>
- PEREIRA, Daniela Nunes. (2017). *A evolução urbanística de Lagos (séculos XV-XVIII)*. Direção Regional de Cultura do Algarve.
- PEREIRA, Paulo. (2022). *Arquitetura Portuguesa – História Essencial*. Debates e Temas – Círculo de Leitores
- PESSANHA, Fernando (2022). O Corso e a Pirataria no Golfo Luso-Hispano-Marroquina: Da Conquista de Ceuta (1415) à morte de D. Manuel (1523). *Revista Portuguesa de História Militar* (Ano II, n.º2 Junho). pp 141-160. <https://doi.org/10.56092/YBAP7496>
- PESSANHA, Fernando (2023). O comendador de Cacela D. Simão de Meneses no combate à pirataria magrebina no sotavento algarvio. *Notícias da Torre do Tombo* (n.º2 Setembro). http://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2023/09/FPessanha_Simao-Meneses.pdf
- PICARD, Christophe (1998). A islamização do Gharb al-Ândalus. *Portugal Islâmico Os últimos sinais do Mediterrâneo* (coord. Cláudio Torres & Santiago Macías). Museu Nacional de Arqueologia. pp. 25-34

- PINTO, Óscar Caeiro (2020). A linhagem Corte-Real – origens e memórias genealógicas. *A Principal do Reino do Algarve Tavira nos séculos XV e XVI* (coord. Jorge Queiroz). Câmara Municipal de Tavira. pp 77-90.
- POWELL, Jason (s.d.). *Looking Into the Past*. <https://jasonepowell.com/albums/looking-into-the-past/>
- PRESTON, Richard Carvalhais. (2025). *A Igreja de Nossa Senhora da Conceição Conceição de Tavira*. [Projecto de Dissertação Mestrado em Estudos de Património não publicado]. Universidade Aberta.
- QUARTAPELLE, Alberto. (2019). El Almirante Portugués Lançarote da Franca redescubridor de las Islas Canarias. Una falsedad del Siglo XIX. *Revista de Historia Canaria* (n.º 201, Mayo). pp 401-419. <https://doi.org/10.25145/j.histcan.2019.201.13>
- QUEIROZ, Jorge. (2003). Economia e cultura na Tavira de quinhentos: Humanismo e contra-reforma. *A Principal do Reino do Algarve Tavira nos séculos XV e XVI* (coord. Jorge Queiroz). Câmara Municipal de Tavira. pp 125-136.
- RÁDIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL [RTP]. (2010, 1 de Agosto). *Primeiro hotel do Algarve surgiu há 50 anos*. https://www.rtp.pt/noticias/pais/primeiro-hotel-do-algarve-surgiu-ha-50-anos_a364586
- RODRIGUES, Sandra. (2004). *As Vias Romanas do Algarve*. Centro de Estudos do Património da Universidade do Algarve / Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve.
- ROSA, José António Pinheiro e. (1951). *A Freguesia da Conceição de Tavira Notas Histórias*. Separta do *Povo Algarvio*.
- SANTOS, Ana Isabel Nascimento. (2015). *Tavira, patrimónios do mar: da ribeira à Casa Nobre de Quinhentos: o caso dos Telhados de Tesouro*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/18155>
- SANTOS, Marco Sousa (2017). *A Igreja Matriz da Luz de Tavira*. Arandis.
- SÃO JOSÉ, João de. (1983). Corografia do Reino do Algarve. *Duas Descrições do Algarve do Século XVI* (apresentadas por Manuel Viegas Guerreiro e Joaquim Romero Magalhães). pp. 23-132. Livraria Sà da Costa Editora. [Publicado originalmente em 1577]
- SALVADO, Isabel (2020). “A quantos esta nossa carta virem” – Apontamentos sobre Tavira nos séculos XV e XVI. *A Principal do Reino do Algarve Tavira nos séculos XV e XVI* (coord. Jorge Queiroz). Câmara Municipal de Tavira. pp 27-36.
- SERRÃO, Vítor. (2001). *A Cripto-História de Arte Análise de Obras de Arte Inexistentes*. Livros Horizonte.
- SIDARIUS, Adel (1998). Religião e Cultura no extermo Gharb al-Ândalus. *Portugal Islâmico Os últimos sinais do Mediterrâneo* (coord. Cláudio Torres & Santiago Macias). Museu Nacional de Arqueologia. pp. 257-263
- SILVA, Luís Fraga de (2005a). *Tavira Romana – Zona de Estudo. Mapa B do estudo Tavira Romana*. Campo Arqueológico de Tavira
- SILVA, Luís Fraga de (2005b). *Ocupação romana entre Balsa e Baesuris. Mapa C do estudo Tavira Romana*. Campo Arqueológico de Tavira.

- SILVA, Luís Fraga de (2007). *Balsa, Cidade Perdida*. Campo Arqueológico de Tavira e Câmara Municipal de Tavira.
- SOUSA, António Caetano. (1742). *Memorias historicas, e genealogicas dos grandes de Portugal*. Oficina Sylviana e da Academia Real. <https://archive.org/details/memoriashistori01sousgoog>
- SZIJÁRTÓ, István (2002). Four Arguments for Microhistory. *Rethinking History*, 6(2), 209–215. <https://doi.org/10.1080/13642520210145644>
- TAHIRI, Ahmed (2003). Tavira Islâmica Una entidad urbana de Ukšunuba en Gharb al-Andalus. *Tavira Território e Poder* (coord. Maria Maia & Carla Fernandes). Câmara Municipal de Tavira. pp 147-154
- TAVOEUROPA. (2022). *Interactive digital storytelling in cultural heritage*. <https://tavoeuropa.eu/interactive-digital-storytelling-in-cultural-heritage/>
- TORRES, Carlos Manitto (1958). A evolução das linhas portuguesa e seu significado ferroviário. *Gazeta dos Caminhos de Ferro* (n.º 1683 Ano LXX Fevereiro). pp. 75-78.
- TORRES, Cláudio. (1992, Fevereiro). A Sé-Catedral da Idanha. *Arqueologia Medieval* (vol. n.º 1). pp. 169-178. <http://hdl.handle.net/10400.26/2365>
- TRESOLI, Edoardo. (2016). *Basilica di Siponto, Parco Archeologico di Siponto, Manfredonia, Italia, 2016*. <https://www.edoardotresoldi.com/works/basilica-di-siponto/>
- TÜSKÉS, Anna (2013) L'iconographie de saint Louis d'Anjou de Toulouse en Hongrie aux XV–XVIIIe siècles. *Nyolcszáz esztendő a ferences rend. Művelődéstörténeti Műhely Rendtörténeti konferenciák* (8/1). Magyar Napló Kiadó, Budapest, pp. 755-771. <http://real.mtak.hu/id/eprint/7466>
- VASCONCELOS, Damião Augusto de Brito. (1999). *Notícias Históricas de Tavira* (Anotações de Arnaldo Casimiro Anica). Câmara Municipal de Tavira. [Publicado originalmente em 1937]. Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra.
- VEIGA, Sebastião Philippes Martins Estácio da (1887). *Antiguidades Monumentaes do Algarve* (Vol. II). Imprensa Nacional.
- VEIGA, Sebastião Philippes Martins Estácio da (1891). *Antiguidades Monumentaes do Algarve* (Vol. IV). Imprensa Nacional.
- VIGENT-ZUNZ, Jacques (1995). Djebala. *Encyclopédie berbère* (Vol. 16 Djalut-Dougga). pp 2398-2408. <https://doi.org/10.4000/encyclopedieberbere.2176>
- WILKINSON, Catherine, BROOKS, Lorna, BENWELL, Matthew C., EVANS, Bethan, DAVIES, Andy, CARTER, Bernie, LANGRIDGE-THOMAS, Thomas & SILVERIO, Sergio A. (2021). Creative dissemination. *Creative methods for human geographers* (N. von Benzon, M. Holton, C. Wilkinson, & S. Wilkinson (Eds.)). pp. 379-390. Sage.
- WISNIEWSKI, Glauber Santos (2024). *Abusos e Conflito nas Terras da Ordem de Santiago em Portugal (1337 - 1507)*. Dissertação de Mestrado em Estudos Medievais Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/159679>

- WORLD TOURISM ORGANIZATION. [WTO] (2015), *Affiliate Members Global Reports, Volume twelve – Cultural Routes and Itineraries*, UNWTO <https://doi.org/10.18111/9789284417704>
- WRIGHT, William. (1888). The Empire of the Hittites. *Journal of the Transactions of The Victoria Institute, or Philosophical Society of Great Britain* (Vol. XXI). The Victoria Institute. pp. 55-64. <https://catalog.hathitrust.org/Record/007909635>

ANEXO I: FIGURAS



Figura I.1: Vista Geral da Igreja da Conceição de Tavira
(Foto do Autor)



Figura I.2: Interior da Igreja da Conceição
(Foto do Autor)



Figura I.3: Extracto da Planta de José Sande de Vasconcellos de 1780
(Foto de Carla Valente)

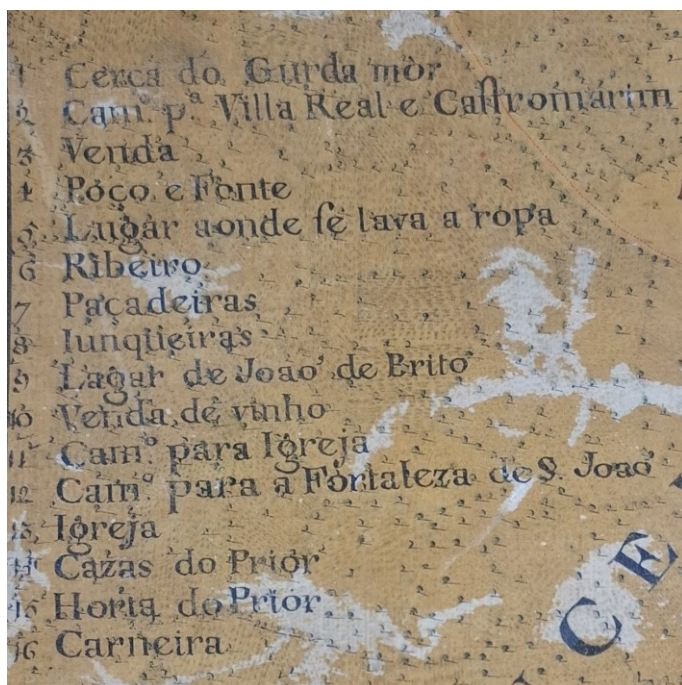


Figura I.4: Legenda da Planta de José Sande de Vasconcellos de 1780
(Foto de Carla Valente)



Figura I.5: Extracto da Planta de José Sande de Vasconcellos de 1793-1975
(Foto de Carla Valente)

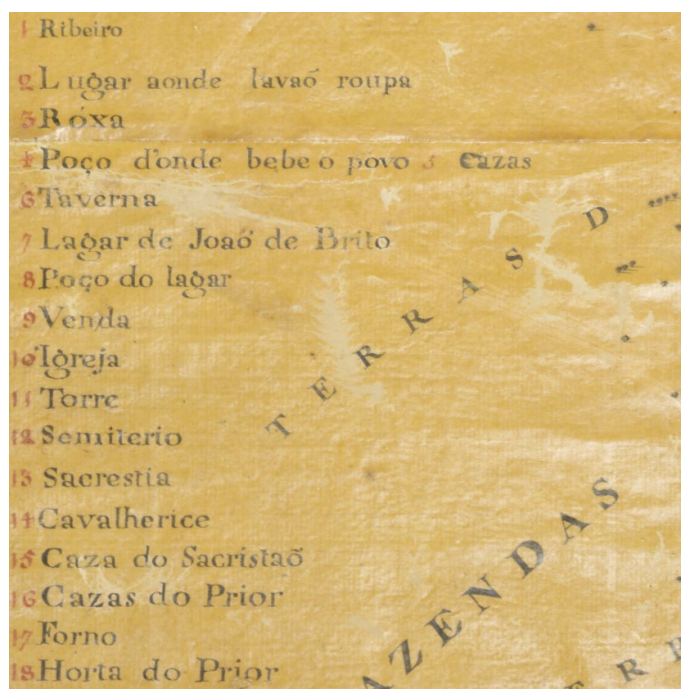


Figura I.6: Legenda da Planta de José Sande de Vasconcellos de 1793-1975
(Foto de Carla Valente)



Figura I.7: Vista de Conceição da Planta de José Sande de Vasconcellos de 1780
(Foto de Carla Valente)

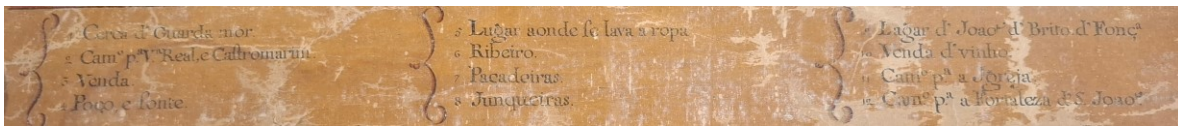


Figura I.8: Legenda da Vista de Conceição da Planta de José Sande de Vasconcellos
de 1780
(Foto de Carla Valente)



Figura I.9: Mísula da Capela-mor da Igreja da Conceição de Tavira
(Foto do Autor)



Figura I.10: Mísula da Capela de N.S. dos Mártires da Igreja de Cacela Velha
(Foto do Autor)



Figura I.11: Diferença de Cota entre a estrada e os quintais da Casa do Prior
(Foto do Autor)



Figura I.12: Imagem Satélite da Igreja da Conceição de Tavira
(Foto de *Two Maps One Scale* [https://acme.com/same_scale/])



Figura I.13: Imagem Satélite da Igreja da Idanha-a-Velha
(Foto de *Two Maps One Scale* [https://acme.com/same_scale/])



Figura I.14: Imagem Satélite da Igreja de Mértola
(Foto de *Two Maps One Scale* [https://acme.com/same_scale/])



Figura I.15: Imagem Satélite da Igreja de Santa Maria de Tavira
(Foto de *Two Maps One Scale* [https://acme.com/same_scale/])



Figura I.16: Imagem Satélite do Ribat de Arrifana
(Foto de *Two Maps One Scale* [https://acme.com/same_scale/])



Figura I.17: Imagem Satélite do Morabito de São Pedro, Alvor
(Foto de *Two Maps One Scale* [https://acme.com/same_scale/])



Figura I.18: Vista Sul da Igreja da Conceição de Tavira
(Foto do Autor)



Figura I.19: Vista Norte da Igreja da Conceição de Tavira
(Foto do Autor)



Figura I.20: Capitel tipo «Misericórdia de Tavira» da Igreja da Conceição de Tavira
(Foto do Autor)



Figura I.21: Uma base de coluna zoomórfica da Igreja da Conceição de Tavira
(Foto do Autor)



Figura I.22: Capitel tipo «Geométrico» da Igreja da Conceição de Tavira
(Foto do Autor)



Figura I.23: Capitel tipo «Geométrico» do Claustro da Micha
(Foto de GFreihalter)

(https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tomar_Convento_de_Cristo_Claustro_da_Micha_830.jpg)



Figura I.24: Capitel adossado único da Igreja da Conceição de Tavira
(Foto do Autor)



Figura I.25: Base de capitel adossado modificado da Igreja da Conceição de Tavira
(Foto do Autor)



Figura I.26: Base de capitel adossado modificado da Igreja da Conceição de Tavira
(Foto do Autor)

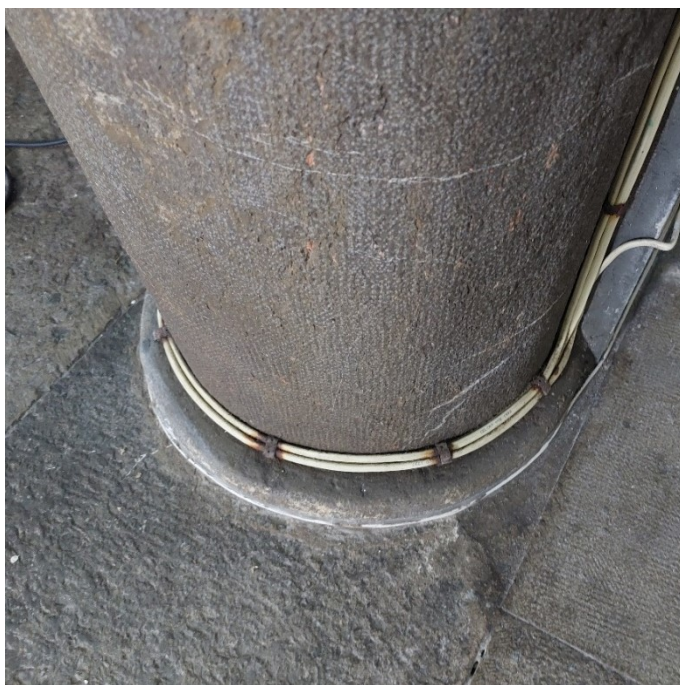


Figura I.27: Base de capitel adossado com toro da Igreja da Conceição de Tavira
(Foto do Autor)



Figura I.28: S. Luís de Tolosa da Igreja da Conceição de Tavira
(Foto do Autor)

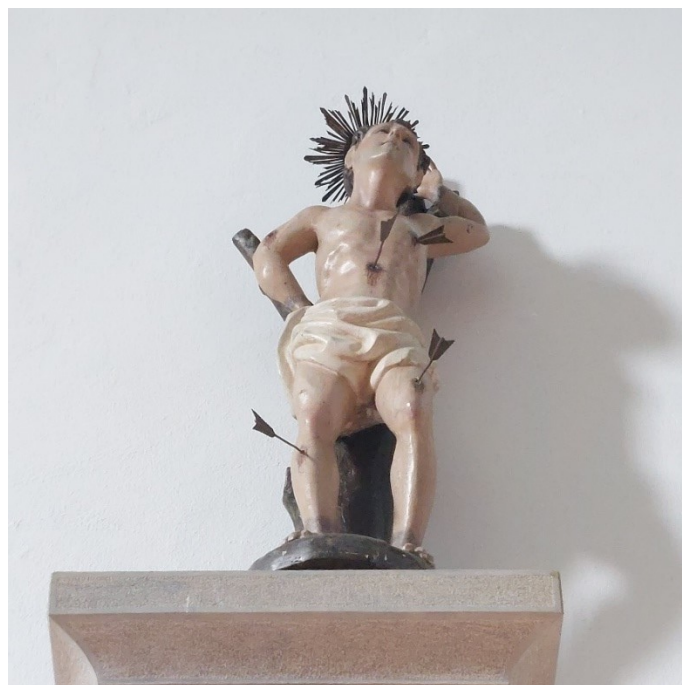


Figura I.29: S. Sebastião da Igreja da Conceição de Tavira
(Foto do Autor)



Figura I.30: Alçado do projecto para a Igreja da Conceição de Tavira da autoria do Arqtº.Jorge de Oliveira («Ouvindo o arquitecto», 1954)



Figura I.31: Vista de Conceição de Tavira ca. 1951
(«Cortejo de Oferendas», 1951)



Figura I.32: Vista da Igreja da Conceição de Tavira ca. 1962
(«Festa de», 1962)



Figura I.33: Capela-mor durante a bênção da igreja em 1964
(«As Festas», 1964)

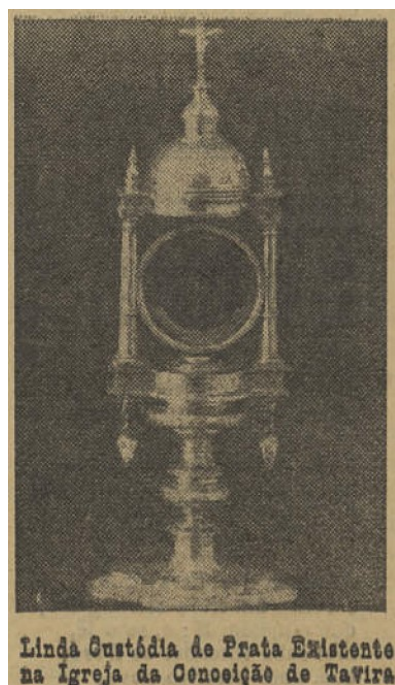


Figura I.34: Custódia de Conceição
(«Para a História...VII», 1949:1)



Figura I.35: Custódia de Conceição
(Cavaco, 1987:357, Gravura 39)



Figura I.36: Domingos de Sousa Uva a receber as «Insígnias da Ordem de São Silvestre»
(«A Imposição», 1964)

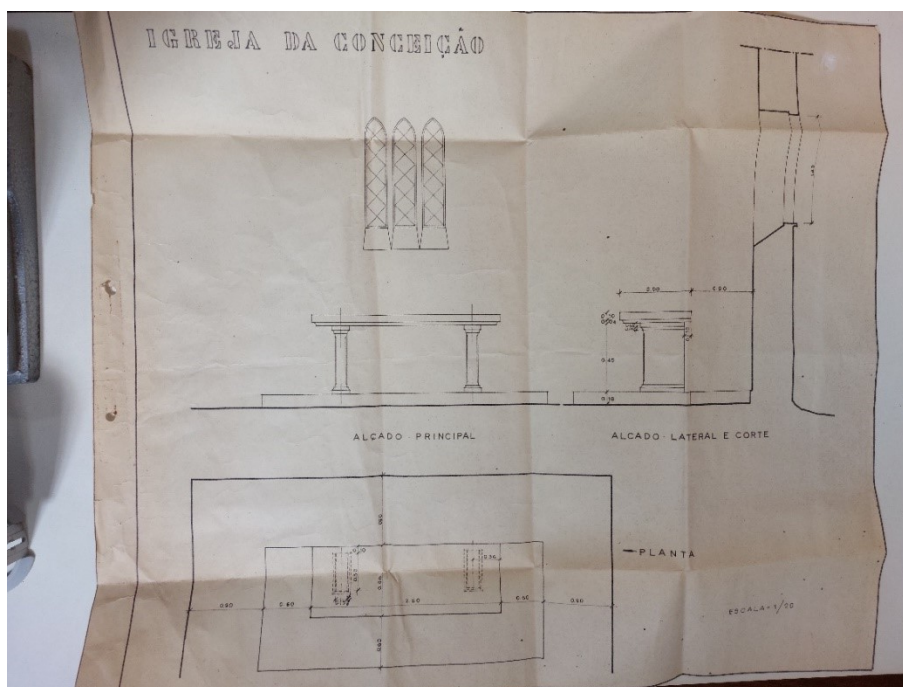


Figura I.37: Desenho para a Capela-mor «incruçada» da Igreja da Conceição de Tavira
(Anónimo, s.d.b) (Foto do Autor)

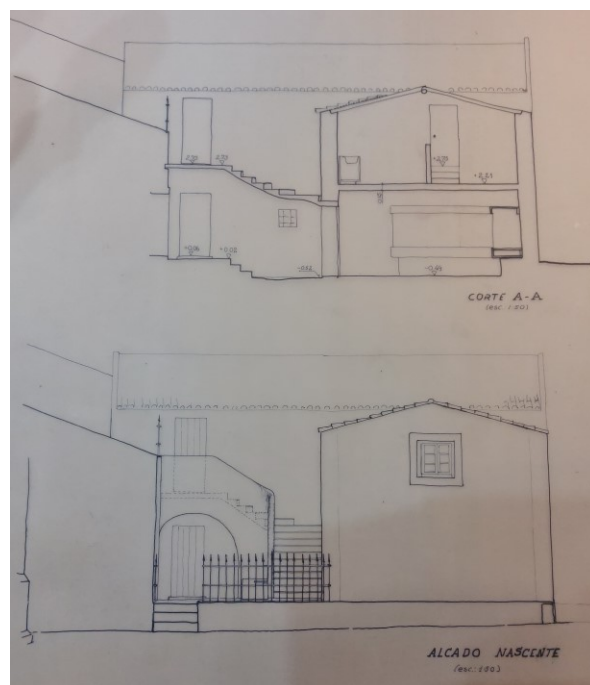


Figura I.38: Corte e Alçado para a «obra incruçada» da Igreja de Cacela Velha
(Anónimo, s.d.e) (Foto do Autor)



Figura I.39: Ortofotomapa de 1979 da Igreja da Conceição de Tavira
(DGT, 1979)



Figura I.40: Ortofotomapa de 1995 da Igreja da Conceição de Tavira
(CCDR, 1995)



Figura I.41: Placa da doação dos azulejos no interior da Igreja da Conceição de Tavira
(Foto do Autor)



Figura I.42 40: *Isabel Maria, filha mais velha de Francisco José Lopes da Costa*
(Portugal, 1931a)



Figura I.43: *Maria Feliciano Júdice Parreira com filha ao colo, familiares de Francisco José Lopes da Costa*
(Portugal, 1931b)



Figura I.44: *Budapest, XIV. Városliget, jégpálya a Városligeti-tavon, háttérben a Vajdahunyad vára fortepan_27662*

obra de Zoltán Kerényi

(<https://www.flickr.com/photos/mrsultan/23971301144/in/album-72157626149118210>)



Figura I.45: *Екатерининский дворец 1944/2016*

obra de Sergey Larenkov

(<https://sergey-larenkov.livejournal.com/47187.html>)



Figura I.46: *Country Store on Dirt Road, Gordonton, NC*
obra de Jason Powell

(<https://jasonepowell.com/albums/looking-into-the-past/content/looking-into-the-past-country-store-on-dirt-road-gordonton-nc/>)

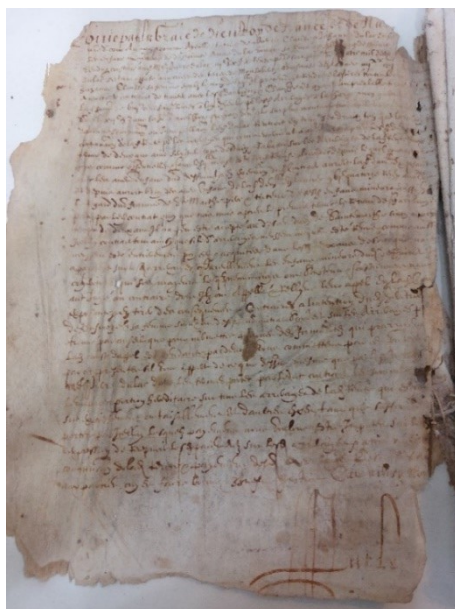


Figura I.47: Pergaminho Luís XIII do Arquivo Paroquial da Igreja da Conceição de
Tavira
(Foto do Autor)

ANEXO II: PROJECTO DE DIVULGAÇÃO

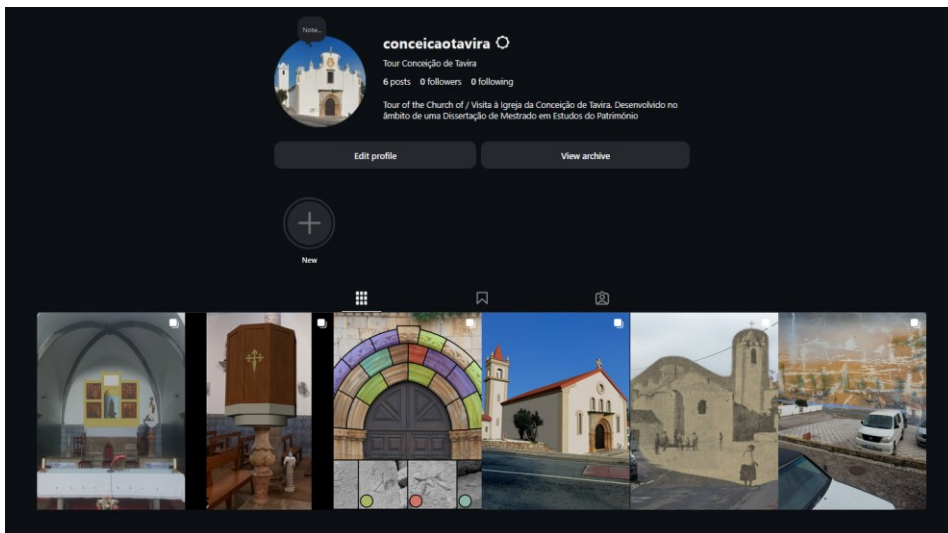


Figura II.1: Página *Instagram*



Figura II.2: Mapa dos Pontos incluídos no fim de cada *post*

Texto da Publicação 1: <https://www.instagram.com/p/DUgimlTjAVh/>

en: «Gomeira», the original name of what would become Conceição de Tavira, first appears in a land grant from 1272 that donated the area west of the Conceição stream until the Ribeira de Almargem to the Military Order of Santiago. It is likely that for the next two and a half centuries, the only structure in this area was Gomeira Well, today paved over by a playground, until the construction of Conceição Church in the beginning of the 16th century. This small settlement slowly grew, although its exact evolution is unknown until the end of the 18th century. Two maps drawn by José Sande de Vasconcellos highlight several structures clustered along both the Coastal Road linking Tavira to Castro Marim, as well as the Canada linking the church to Cabanas de Tavira. Besides several houses, there are some commercial and industrial buildings. On his 1780 map, there is also a hand drawn vista of Conceição de Tavira, used for this collage, looking down the road that leads to Castro Marim, that shows the location of several buildings that appear to exist to this day, although the church is not shown.

pt: A primeira menção da aldeia que um dia se tornará Conceição de Tavira surge numa carta de doação de 1272 à Ordem de Santiago. Estas terras, denominada como «Gomeira», estendiam-se desde a pequena ribeira da Conceição até a Ribeira de Almargem a poente. É provável que a única construção nesta área, até ser erguida a Igreja da Conceição de Tavira no início do século XVI, fosse a Fonte da Gomeira, hoje soterrada debaixo do parque infantil. Embora sem saber a sua evolução exacta, sabe-se que esta povoação cresceu a partir deste pequeno núcleo até englobar várias casas, em conjunto com edifícios comerciais e industriais. Dois mapas do final do século XVIII, da autoria de José Sande de Vasconcellos, mostram este aglomerado organizado em torno do eixo viário que ligava Tavira e Castro Marim e da Canada que ligava esta via à Cabanas de Tavira. No mapa de 1780 insere-se uma vista de Conceição de Tavira olhando para poente, utilizada nesta colagem, onde aparecem vários edifícios ainda hoje existentes, embora a igreja não esteja representada.

Biblio: <https://pastebin.com/PZi41qCm>



Figura II.3: Publicação 1, Imagem 1: Colagem



Figura II.4: Publicação 1, Imagem 2: Imagem Base



VASCONCELLOS, José de Sande (1780).
[Cidade de Tavira e seus arredores]. Carta
Parietal nº 2. <https://purl.pt/22228>

Figura II.5: Publicação 1, Imagem 3: Imagem Histórica

Texto da Publicação 2: <https://www.instagram.com/p/DUgiuZTjChI/>

en: In spite of the severity of the 1755 earthquake that famously destroyed Lisbon, as well as many locations in Western Algarve, the earthquake of 1722 had a greater impact in Eastern Algarve, due to its epicenter being off the coast of Tavira. This makes this disaster the likely culprit behind the repairs undertaken at Conceição Church starting in the 1730's, leading up to a complete reconstruction of the main body by 1757, where the single nave of the 16th century church was replaced with the 3-aisled configuration we see today. While most of the changes took place within the church, a photograph published in the local newspaper *Povo Algarvio*, reveals a Baroque pediment at the roofline of the East Sacristy, potentially dating the construction of this space to this intervention. This picture taken at the beginning of the church's latest reconstruction, between 1962 and 1964, bears witness not only to the form of the 18th century church, but hints at the interventions undertaken during the 20th century.

pt: Apesar da destruição provocada pelo terramoto de 1755, que dizimou não só Lisboa, mas também várias localidades no Barlavento Algarvio, o impacto do terramoto de 1722 no Sotavento Algarvio foi mais pronunciado, devido ao seu epicentro ser ao largo de Tavira. É provável então que este desastre tenha estado na origem das obras encetadas na Igreja da Conceição durante a década de 30 do século XVIII, culminando na substituição da nave única primitiva do século XVI em 1757 pelas três naves que ainda subsistem. Embora a maioria das mudanças tenham ocorrido no interior da igreja, uma fotografia publicada no jornal tavirense *Povo Algarvio* revela um pedimento Barroco no topo da Sacristia Poente, algo que pode indicar que este compartimento foi edificado aquando esta intervenção. Esta foto, tirada no início da reconstrução da igreja encetada entre 1961 e 1964, não só testemunha o estado da igreja antes destas obras, mas também serve para verificar a escala desta intervenção.

Biblio: <https://pastebin.com/CB2NQzwU>



Figura II.6: Publicação 2, Imagem 1: Colagem



Figura II.7: Publicação 2, Imagem 2: Imagem Base



«Festa de Nossa Senhora da Conceição» (1962, 2 de Dezembro). *Povo Algarvio* n.º 1484. p. 1.
http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1962-12-02_0000_capa-capa_t24-C-R0150.pdf

Figura II.8: Publicação 2, Imagem 3: Imagem Histórica

Texto da Publicação 3: <https://www.instagram.com/p/DUgi13EDODs>

en: By 1950, Conceição Church was in need of repairs, however it would take until February 1961, after a ceiling cave-in the previous October rendered the church unusable, for this work to be undertaken. While this project started out as a simple roof replacement, it eventually grew to be a much larger intervention, most likely due grave structural problems at the church's east wall. By January 1964, the completed project included not only the gable roof over the main body of the church, but also a new gable roof over both sacristies and the main chapel. However, it is the church's interior that suffered the most profound remodeling, where the majority of the church's already limited furnishings were removed and destroyed. Interestingly, an even more profound reconstruction was originally proposed around 1954 that remained unbuilt. This project, designed by Jorge de Oliveira, has been reconstructed digitally based on a façade drawing published in a local newspaper *Povo Algarvio*.

pt: No ano 1950, a Igreja da Conceição de Tavira necessitava obras, contudo foi só em Fevereiro de 1961, após a igreja se tornar inutilizável devido ao desabamento do telhado em Outubro de 1960, que estes trabalhos foram encetados. Inicialmente concebida como uma reconstrução da cobertura, a escala do projecto foi alargada, provavelmente em resposta aos graves problemas estruturais da parede nascente da nave. Concluído em Janeiro de 1964, esta reconstrução englobou não só a substituição da cobertura da nave, mas também a construção de uma outra cobertura sobre as sacristias e a capela-mor. Contudo, foi no interior da igreja onde se concentrou os trabalhos, levando a destruição da maioria de seu património integrado. Curiosamente, esta intervenção não chegou a ser tão radical como outra proposta que data, sensivelmente, de 1954, que acabou por não ser concretizada. O desenho da fachada deste projecto, da autoria de Jorge Oliveira, publicado no jornal tavirense *Povo Algarvio*, foi utilizado como referência nesta reconstrução digital.

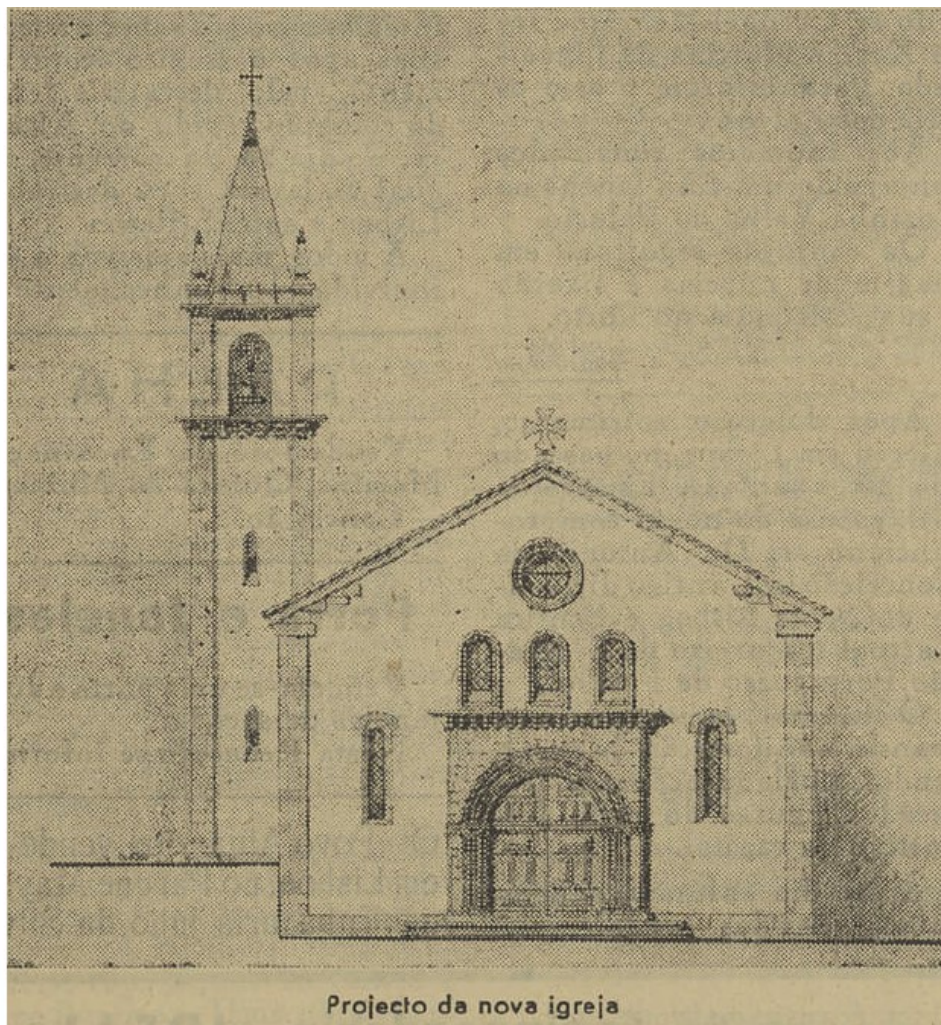
Biblio: <https://pastebin.com/SGPjEiaJ>



Figura II.9: Publicação 3, Imagem 1: Colagem



Figura II.10: Publicação 3, Imagem 2: Imagem Base



«Ouvindo o architecto Jorge de Oliveira sobre o projecto da reconstrução da igreja da Conceição». (1954, 26 de Setembro). *Povo Algarvio* n.º 1055, p. 2.
http://hemeroteca.ualg.pt/resources/pdf/2015406_1954-09-26_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf

Figura II.11: Publicação 3, Imagem 3: Imagem Histórica

Texto da Publicação 4: <https://www.instagram.com/p/DUgjrIPjHn9/>

en: The first mention of a church in Conceição dates from 1518, when the original single nave structure was still under construction. Built under the patronage of the Order of Santiago, as well as being on their land, it was funded by donations from several wealthy and powerful members of Tavira's society, as well as local parishioners. Under constant threat from Barbary corsairs, the church's fortune ebbed and flowed through the following centuries. Eventually, most of this original church was reconstructed in the mid-18th century, however there are still several portions of this church which have remained to the present day, including the vaulting over the high altar and the Manueline main portal on the south façade. While the striking naturalistic and geometric motifs of this entryway are typical of this style, on closer inspection, there are a series of forms that tell a more human story. Scattered throughout the blocks that make up the portal's arch, there are at least four different Mason's Marks identifying the builders of this work.

pt: Em 1518 surge o primeiro relato de uma igreja em Conceição de Tavira, descrevendo um edifício de nave única ainda em construção. Esta igreja sob o padroado da Ordem de Santiago, e construída em terrenos seus, foi financiada tanto por doações de gentes importantes da cidade de Tavira como pelos fregueses. Constantemente ameaçada pelas razias dos corsários magrebinos, a igreja consegue sobreviver às vicissitudes da história até o século XVIII, onde uma grande reconstrução elimina grande parte da igreja primitiva, com a exceção da abóboda da capela-mor e o portal Manuelino na sua fachada sul. Para além dos motivos naturalísticos e geométricos deste portal, que são comuns em obras deste estilo, escondem-se outras gravuras que relatam uma história mais humana sobre esta monumento. Pelo menos quatro marcas de pedreiro diferentes são visíveis em várias pedras da arquivolta do portal, identificando os canteiros que erguem este património.

Biblio: <https://pastebin.com/N7ZHGy1k>



Figura II.12: Publicação 4, Imagem 1: Colagem



Figura II.13: Publicação 4, Imagem 2: Imagem Base



Figura II.14: Publicação 4, Imagem 3: Contexto

Texto da Publicação 5: <https://www.instagram.com/p/DUgkWo7jLty/>

en: *Spolia* is a term used to describe reutilized or recycled building elements in a new construction. In Conceição Church, the most prominent use of *spolia* is denoted by the presence of 16th century capitals and column bases in the 18th century arcades that separate the side aisles from the nave. While the origin of these pieces is unknown, they could be from a neighboring church that was damaged during the 1722 earthquake that hit the Eastern Algarve particularly hard, or could even be the remnants of a heretofore unknown intervention undertaken at Conceição Church during the late 16th or early 17th centuries. However, a large carved marble column, which today has been recycled as a pedestal for a statue, seems to have a more secure provenance. This collage seeks to reconstruct the pulpit that this piece most likely served as the support element for, in conjunction with a description of the church from 1949. This feature was most likely installed during the rebuilding of the church in the mid-18th century and was removed during the church renovation in the early 1960's.

pt: O termo *Spolia* denota fragmentos arquitectónicos reutilizados ou reciclados em novas construções. Na Igreja da Conceição de Tavira, o exemplo mais flagrante de *spolia* são os capitéis e bases quinhentistas reutilizadas nas arcadas setecentistas que dividem o corpo da igreja em três naves. As origens destas peças são desconhecidas. Podem tanto ser provenientes de outra igreja danificada durante o terramoto de 1722 que assolou em particular o Sotavento Algarvio, como podem ser vestígios de uma intervenção ainda desconhecida na própria igreja da Conceição encetada nos finais do século XVI ou inícios do século XVII. Contudo, existe uma coluna de mármore, hoje reutilizada como um pedestal para uma estátua, cuja proveniência é mais segura. Esta colagem pretende reconstruir o púlpito setecentista, do qual este elemento serviu como suporte estrutural, em conjunto com uma descrição da igreja de 1949. Este púlpito provavelmente teve origem na reconstrução da igreja em meados do século XVIII até ser removido na sequência da intervenção em meados do século XX.

Biblio: <https://pastebin.com/mMsSEFrE>



Figura II.14: Publicação 5, Imagem 1: Colagem



Figura II.15: Publicação 5, Imagem 2: Imagem Base

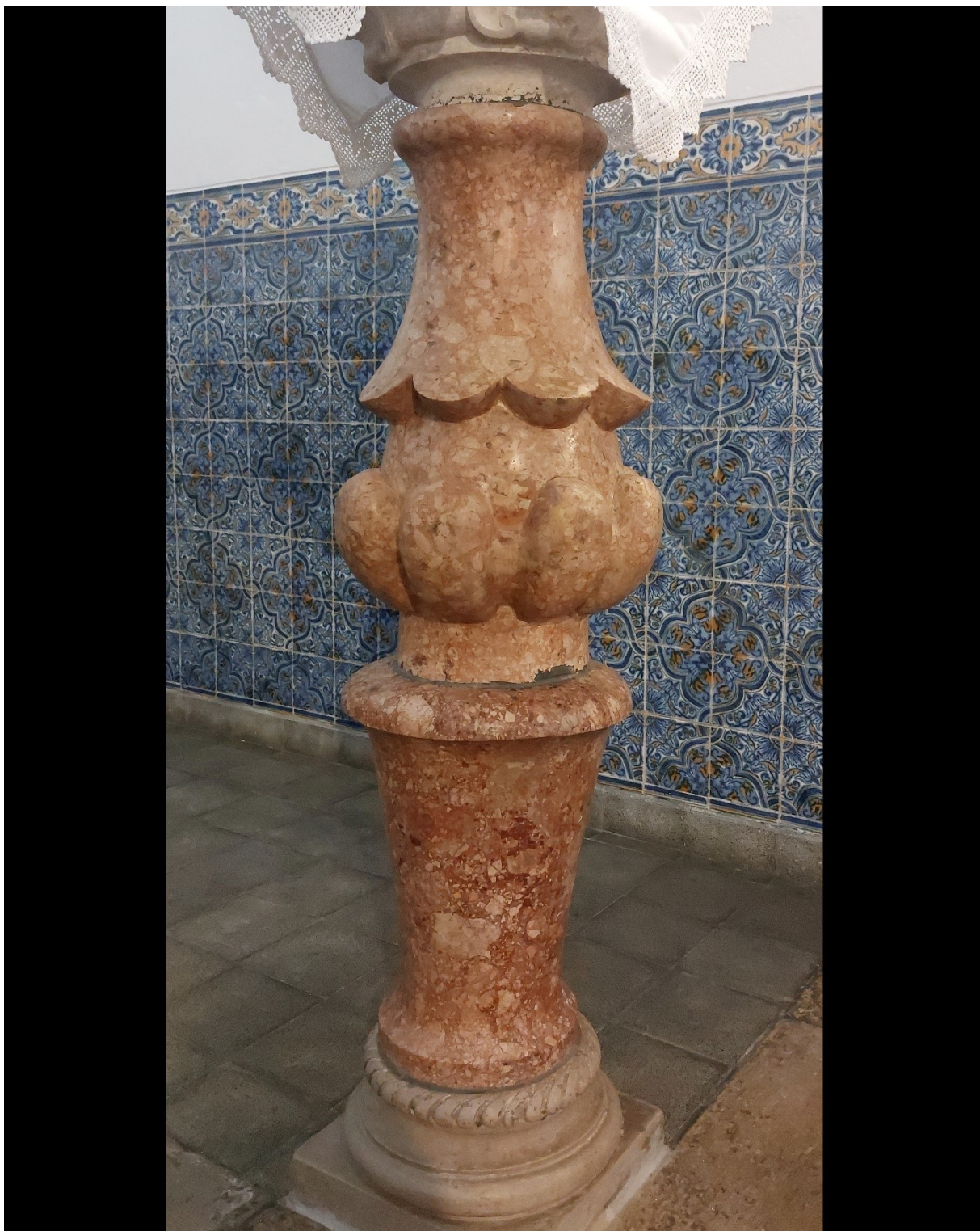


Figura II.16: Publicação 5, Imagem 3: Imagem do Pedestal

Texto da Publicação 6: <https://www.instagram.com/p/DUgkcFtjBVh/>

en: Several pieces of the church's artistic heritage have survived the ravages of times, including several religious statues dating from the 17th and 18th centuries, as well as a single wooden altar frontpiece placed within the church. Others, however, can be found in another church in Tavira, where the historian Isabel Macieira identified the four paintings used in this digital reconstruction, depicting various scenes relating to the birth and infancy of Jesus, as being from the 16th century altarpiece of Conceição Church. Now located in the Church of Santa Maria in Tavira, they were, at one time, integrated into the altarpiece of the São Pedro Church in the same city. While several contemporary documents describe the relative position of the paintings, including a now-missing panel depicting Our Lady of Sorrows over the statue niche, little is known about its form. Instead of attempting a digital reconstruction based on contemporaneous examples, this collage serves to roughly recontextualize these pieces to their original location.

pt: Várias peças do património integrado da Igreja da Conceição de Tavira conseguiram sobreviver até os dias de hoje, incluído várias estátuas religiosas datáveis dos séculos XVII e XVIII e um frontal de altar em talha, conservadas dentro da igreja. Outras encontrem-se noutra igreja da cidade de Tavira, onde a historiadora Isabel Macieira identificou as quatro tábuas utilizadas nesta reconstrução digital como sendo do retábulo quinhentista da Igreja da Conceição. Estas imagens, que representam vários episódios do nascimento e infância de Jesus, estavam outrora integradas no retábulo-mor da Igreja de São Pedro em Tavira, mas que hoje se encontram na Igreja de Santa Maria na mesma cidade. Embora exista uma descrição da disposição geral das imagens, incluindo uma imagem já perdida de N.S. da Piedade encimando o nicho da Nossa Senhora, pouco se sabe sobre a sua forma. Esta reconstrução surge como uma tentativa de recontextualizar estas peças no seu lugar original, em vez de propor uma reconstrução fidedigna deste elemento, com base em exemplos coevos.

Biblio: <https://pastebin.com/XFAFdw4D>



Figura II.17: Publicação 6, Imagem 1: Colagem



Figura II.18: Publicação 6, Imagem 2: Imagem Base



Natividade
[Nativity]



Adoração dos Reis Magos
[The Adoration of the Magi]



Apresentation no Templo
[Presentation in the Temple]



Visitação
[The Visitation]

MACIEIRA, Isabel. (2004). *A Pintura Sacra em Tavira - séculos XV a XX*.
Edições Colibri & a Câmara Municipal de Tavira.

Figura II.19: Publicação 6, Imagem 3: Imagens Históricas¹²⁹

¹²⁹ A ordem das pinturas está incorrecta neste «post» e na reconstrução proposta. A ordem correcta seria: No canto superior esquerdo, a Visitação; no canto inferior esquerdo, a Natividade; no canto superior direito, a Adoração e no canto inferior direito, A Apresentação.